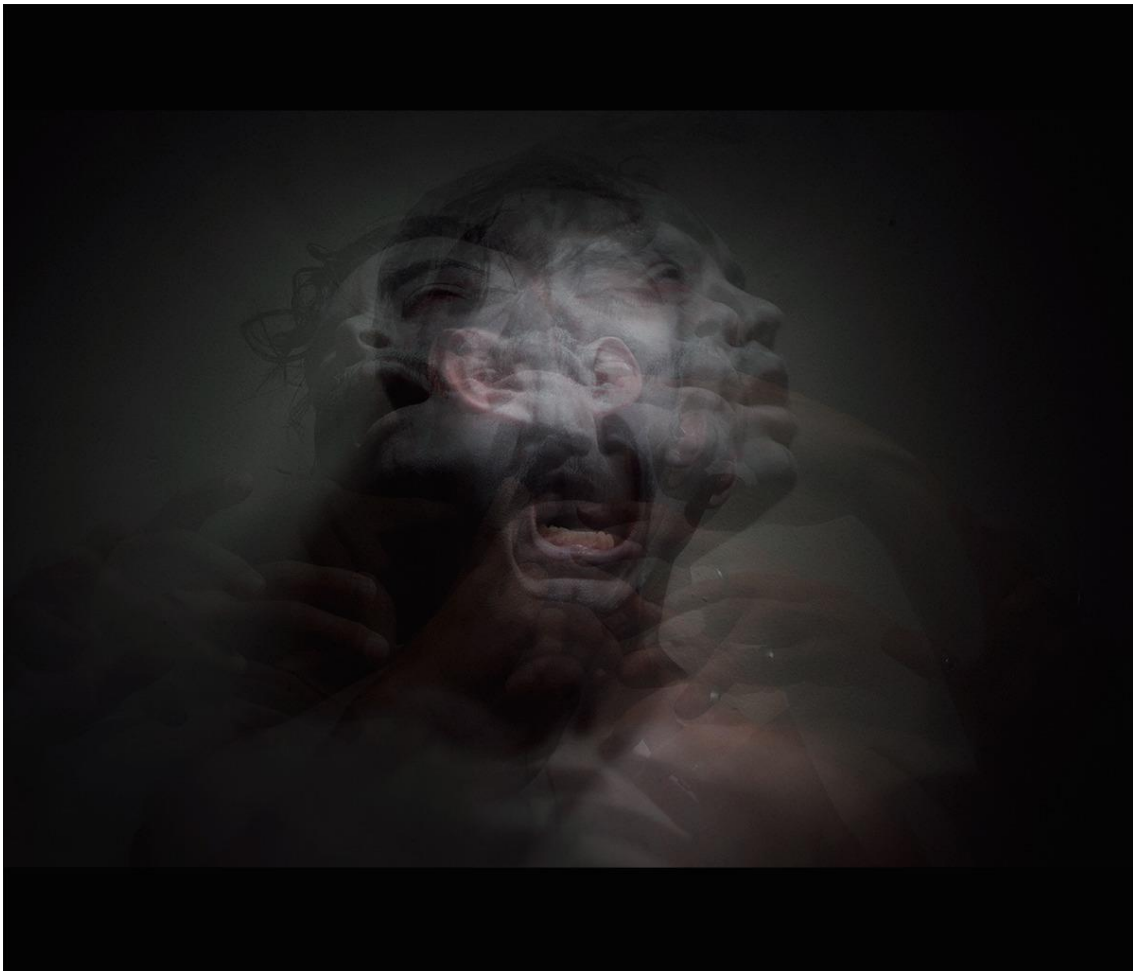




**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
João Batista Figueredo de Oliveira
Professora orientadora: Dra. Norma Missae Takeuti**

**CORPOS EM MUTAÇÕES - CARTOGRAFIA DAS SEXUALIDADES
NÔMADES NA PRAÇA MITS**



Natal/RN – 2016

JOÃO BATISTA FIGUEREDO DE OLIVEIRA

**CORPOS EM MUTAÇÕES - CARTOGRAFIA DAS SEXUALIDADES
NÔMADES NA PRAÇA MITS**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS/UFRN), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.
Professora Orientadora: Dra. Norma Missae Takeuti

Natal/RN – 2016

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Oliveira, João Batista Figueredo de.

Corpos em mutações – Cartografia das sexualidades nômades na praça
mits / João Batista Figueredo de Oliveira. – 2016.

110 f. –

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do
Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós
Graduação em Ciências Sociais, 2016.

Orientadora: Profª. Drª. Norma Missae Takeuti.

1. Travestis –Natal (RN). 2. Homossexualidade 3. Identidade de
gênero. I. Takeuti, Norma Missae. II. Universidade Federal do Rio Grande
do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 316.346.2-055.3(813.2)

Imagem da capa: Série - Sagrado Corpo, Pierre Fudaryli

JOÃO BATISTA FIGUEREDO DE OLIVEIRA

**CORPOS EM MUTAÇÕES - CARTOGRAFIA DAS SEXUALIDADES
NÔMADES NA PRAÇA MITS**

Apresentada em: 29/02/2016

Profa. Dra. Norma Missae Takeuti (PPGCS)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Presidente

Profa. Dra. Ana Laudelina Ferreira Gomes (PPGCS)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Membro Interno

Prof. Dr. Antônio Vladimir Félix da Silva
Universidade Federal do Piauí
Membro Externo

Prof. Dr. Alex Galeno Araújo Dantas (PPGCS)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Suplente Interno

Profa. Dra. Maria de Fátima Lima Santos (UFRJ)
Universidade Federal Rio de Janeiro
Suplente Externo

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS/UFRN), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Natal/RN - 2016

DEDICATÓRIA

À Iraci – In memoriam!

AGRADECIMENTOS:

Aos teóricos que me auxiliaram com seus textos, construídos em meio a seus esforços pessoais.

As/aos Jovens da Praça Mits pelas partilhas de experiências, conversas livres e relatos intencionados para esta pesquisa.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de fomento para esta pesquisa.

A professora Ana Laudelina, aos professores Jean Segata e Luiz Assunção pelas contribuições nas bancas de pré-qualificação e qualificação desta pesquisa.

A minha orientadora, Norma, que pacientemente observou cada item deste texto e cada passo da pesquisa. Por ela, trago estima, pela forma que realiza seu papel de docente e de pessoa de percursos nômades.

Ao meu companheiro Robert que me auxiliou na revisão e configuração do texto da dissertação. A minha mãe, Maria das dores, e minha irmã, Vitória, que sempre torcem por mim, as/os animais da nossa casa que nos alegram no cotidiano e as/aos amigas/amigos que de alguma forma me fortalecem nos caminhos da vida, suportando minhas chatices.

Ao Tecelão, pela possibilidade de passar por este planeta lindo, chamado Terra.

RESUMO

Esta pesquisa é uma cartografia, que tem por fundamento as abordagens de Deleuze e Guattari, realizada na Praça Mits, na cidade de Natal-RN, composta por juventudes LGBTTI. Nas reflexões que compõem o texto, pensamos aquela realidade, como espaço de práticas nômades, fazendo uso do conceito de nomadismo formulado por Deleuze e Guattari. Quanto à construção do objeto - “corpos em mutações” - ela se deu a partir das leituras de teóricas/teóricos e dos efeitos das afetações em campo sobre nós próprios. Por essa construção, buscamos compreender os corpos como uma amplitude que abriga subjetividade, organismo, multidão etc., na medida em que íamos constatando, através da empiria que, de algum modo, essas dimensões se atravessam. Utilizamos o termo mutações, baseados nos relatos e observações de campo e focando as transformações que as/os jovens se permitem experimentar. A hipótese norteadora é que a Praça Mits se constitui em um espaço que possibilita essas mutações e que favorece a busca por expressões socioculturais das juventudes, que ocupam semanalmente aquele espaço que, por sua vez, se constitui em um lugar de multiplicidades/diversidades em constantes movimentos de conexões.

Palavras-chaves: Praça Mits. Corpos em mutações. Nomadismo.

ABSTRACT

This research is a cartography, which is based in the approaches of Gilles Deleuze and Felix Guattari, developed in the Mits square, situated at Natal-RN city, composed of groups of youngs LGBTTI. Through the reflexions in the text, we think that reality as space of nomad practices, using from the Deleuze and Guattari concept of nomadism. About the object's construction – “bodies in changing” -it happened by the reading of theoretical and of the effects of affectations in camp upon ourselves. By this construction, we try to comprehend the bodies as an amplitude which houses subjectivity, organism, crowd, etc., in that we were finding, by the empirical look that, in some way, these dimensions cross themselves. We use the term "mutation/changing" based on field's reports and observations and focusing the transformations that the young ones allow themselves to experiment. The guiding hypothesis is that the Mits Square constitute a space that allows this changing and encourages the search for social and cultural expressions of youths that weekly engross that space which, in other hand, is constituted in a place of multiplicities/diversities in constant motion connections.

Key words: Mits Square. Bodies in changing. Nomadism.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Socialização	24
Fotografia 2 – Luana	29
Fotografia 3 – Luana foto 2	30
Fotografia 4 – Garrafa de bebida vazia	31
Fotografia 5 – Psicotrópico na mão de Jonas	35
Fotografia 6 – Multidão, Praça Mits	39
Fotografia 7 – Rua Lateral da Praça	40
Fotografia 8 – Socializações/afetações	41
Fotografia 9 – Encontros sexuais/afetivos 1	43
Fotografia 10 – Encontros sexuais/afetivos 2	43
Fotografia 11 – Casal e em frente casas fechadas	46
Fotografia 12 – Grupo de amigas/amigos que costumavam dançar funk na praça	47
Fotografia 13 – Pichações	58
Fotografia 14 – Cabelos azuis e vermelhos	60
Fotografia 15 – Skatista	60
Fotografia 16 – Camisetas remodeladas	60
Fotografia 17 – Bonés abas retas	60
Fotografia 18 – Mistura de estilos	60
Fotografia 19 – Piercings na língua e lábio	61
Fotografia 20 – Alargador na orelha	61
Fotografia 21 – Bebidas	86
Fotografia 22 – Árvores, Iluminação e movimentação na Mits	91

LISTA DE OUTRAS IMAGENS

Imagem 1 - Série - Sagrado Corpo¹ - Capa

Imagem 2 - Redes Rizomáticas10

Imagem 3 - Rizoma como multiplicidade crescente17

Imagem 4 - Rizoma: Territorialização-desterritorialização-reterritorialização63

Imagem 5 - Rizomando o som79

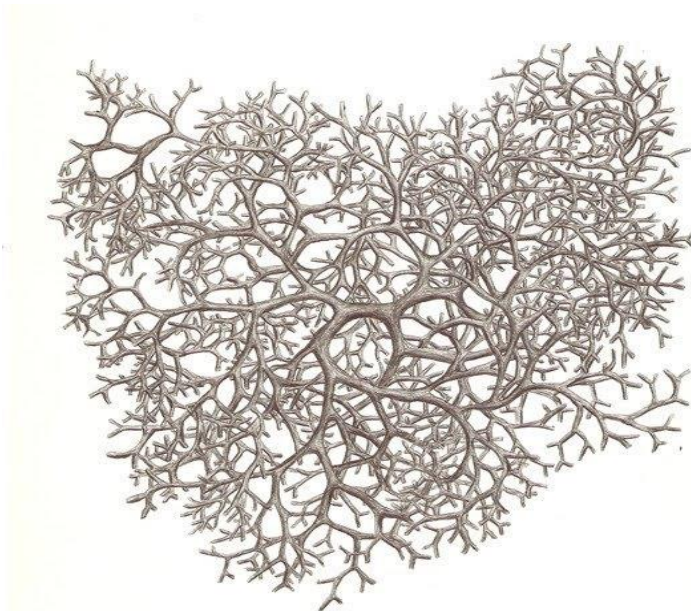
¹ A série Sagrado Corpo está disponível em <http://www.ideafixa.com/sagrado-corpo-nsfw/>
Acesso: 14/01/2016

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. CARTOGRAFIAS NA PRAÇA MITS	17
2.1 ITINERÁRIO NÔMADE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRANSEXUAIS, TRAVESTIS E INTERSEXUAIS (LGBTTI) EM NATAL- RN: OS CAMINHOS E ATRAVESSAMENTOS ATÉ A PRAÇA MITS	20
2.2 RELATOS JOVENS	26
2.3 CARTOGRAFIAS, AFETAÇÕES E REFLEXÕES: A POÉTICA DA PRAÇA MITS	35
2.4 MUTAÇÕES	61
3. A BICHA COMO POTÊNCIA MICROPOLÍTICA	63
3.1 MÁSCARAS SUBVERSIVAS	70
3.2 MODULAÇÕES: AS VARIÁVEIS DE SEXUALIDADES	72
3.3 UM PASSEIO COM MADAME SATÃ	75
4. NOMADISMO, ANTROPOFAGIA E AVATARES	79
4.1 RITUALÍSTICA ANTROPOFÁGICA	84
4.2 CORPOS AMPLIADOS: VAZAMENTO/CONEXÕES, EXTENSÕES E AVATARES	91
4.3 OS AVATARES E O MULTIVÍDUO	94
4.4 ESCARIFICAÇÕES SOBRE O CORPO	96
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	98

1. INTRODUÇÃO

“Eu sou aquilo que o momento mandar”.
(Fala de um frequentador da Praça Mits)



Redes rizomáticas²

Esta pesquisa tem como tema: *Corpos em mutações - Cartografia das sexualidades nômades na Praça Mits*. O campo pesquisado é a multidão que compõe, semanalmente, a Praça Doutor Amaro Marinho, comumente chamada de Praça Mits. É nessa praça que encontramos elementos empíricos, em sua completude espaço³-coletivo-práticas, e é nela que construímos o problema da pesquisa. Uma primeira questão é relativa à vivência dos corpos: como os corpos vivenciam mutações a partir do coletivo - que em sua dimensão humana - é majoritariamente ocupado pelo público LGBTTI⁴?

Para refletirmos o problema, elegemos um quadro teórico em que o conceito de *nomadismo*⁵ (DELEUZE, 2006; DELEUZE E GUATTARI, 2012c) tem sido a principal ferramenta de diálogo com o campo e suas revelações. A partir desse conceito, outros

²Fonte: <http://um.pedrofbg.com/redesrizomaticas/>- 08/10/2015

³A noção de espaço será devidamente explicitada em sua articulação com conceitos de Deleuze e Guattari, tais como: desterritorialização, menor, rizoma etc.

⁴LGBTTI = Lésbicas, gays, transexuais, travestis e Intersexuais. O termo, que é usual, aqui é utilizado como forma de localizador para pesquisa, pois sabemos que muitas expressões de sexualidades existentes e algumas, a que me refiro, não estão contempladas na sigla.

⁵Palavras e frases curtas que estão em itálico são do vocabulário teórico dos autores que inspiram e conduzem este exercício de escrita, bem como, dos atores sociais que, também, são inspiradores e direcionadores para esta pesquisa.

foram ganhando terreno nas minhas abordagens, como a *antropofagia*⁶ (ROLNIK, 1998, 2006) e a construção de *avatares* (CANEVACCI, 2004). A contribuição desses teóricos não se dá só por suas teorias em si, mas pelas possibilidades também de abertura a outros agenciamentos (teóricos) e pela inspiração que a estética de suas escritas nos suscita.

Há duas hipóteses direcionadoras nesta pesquisa: a primeira, a de que o corpo é um tecido modelável, portanto, nada nele é permanente; a segunda, a de que pela *desterritorialização, antropofagia e agenciamentos*, as subjetividades são um constante movimento de transformação em si. As duas hipóteses compreendem o ser humano como algo em permanente construção/modelagem, nada está terminado quando se trata de corpos/subjetividades humanos.

As principais categorias (sociológicas/antropológicas) utilizadas nesta pesquisa foram: espaço social; corpo e sua construção; coletivo como grupo composto por uma diversidade de expressões socioculturais; mutação como uma construção que difere das realidades tidas como normais. As mutações seriam anomalias, enquanto fenômenos divergentes, agenciadores e, em certos aspectos, transitórios; algumas anomalias de tempos passados foram incorporadas às sociedades e hoje já não seriam mutações, mas práticas comuns. Anomalias passam a ter existência social na medida em que a vida humana é extremamente normatizada. As mutações também são abordadas nesta pesquisa como uma fissura de si, resultando nas mudanças no plano subjetivo pessoal.

O método mobilizado na pesquisa é a cartografia de Deleuze e Guattari que tem como principal característica a *experimentação*, em lugar do foco na interpretação das realidades (DELEUZE E GUATTARI, 2011a, 2012a). É possível que na descrição empírica o nosso exercício textual não consiga ser totalmente fiel à prática de experimentação, observada e participada. Entretanto, a cartografia abre a possibilidade de algum tipo de “infidelidade” desde que essa se abra a inventividades na forma do fazer pesquisa. A cartografia deleuze-guattariniana foca o olhar sobre os movimentos de *territorialização-desterritorialização-reterritorialização* que podem ocorrer em nossa vida – o movimento de construção de novos mundos e do devir da vida. Cartografar é olhar além dos olhos; é afetar-se com a empiria e, assim, sentir sua substância constituinte e construir conhecimento com o campo.

⁶Esta noção tem sua gênese conceitual em Oswald de Andrade em seu manifesto antropofágico (1976).

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago. (ROLNIK, 2006, p. 23)

O tema desta pesquisa “corpos em mutações...” está sendo, sobretudo, dissecado a partir de três perspectivas de expressividades dos corpos no espaço social, no qual encontram-se inseridos: as performances, os estilos de vestir e usar adereços no corpo e os gostos sexuais, tudo em uma perspectiva de movimento e mudanças contínuas, que manifestam uma subjetividade em trânsito, como atesta Rolnik, em *subjetividade antropofágica* (1998). Optei por utilizar a palavra corpos em mutação e não subjetividades, por compreender o termo - corpo - como uma abrangência da vida humana e por entender que é na superfície do corpo que fazemos nosso campo de expressividades e modelamos nossa paisagem a partir de múltiplos agenciamentos.

A pesquisa sociológica pode tornar-se eficaz pela construção de uma linha de pensamento, que se insira em campos de conhecimentos. Nesse sentido, a justificativa de uma pesquisa no campo de corpos, gêneros, sexualidades e mutações está no entendimento da possibilidade de diálogos com campos sociais em movimentos complexos e na busca de um discurso de alteridade e legitimidade para expressividades humanas éticas/estéticas (GUATTARI, 1981).

O percurso desta pesquisa se deu da seguinte forma: primeiro, o desejo de uma pesquisa sobre jovens que ocupam um determinado espaço, em meio à curiosidade de saber quais os elementos que possibilitavam a constância de um movimento semanal como aquele, tendo em vista que não se trata de um clube ou associação, mas de um coletivo sem formalidades, agregado por meio de afinidades, desejos e vontade de expressão. Afinidades não significam homogeneidade nos componentes do coletivo, mas uma diversidade de formas de expressão de corpos, gêneros e sexualidades que forcem uma alteridade no interior do coletivo, bem como produz tensões. Mais do que esses dois importantes elementos (alteridade e tensão) de análise, o espaço da *multiplicidade* parece possibilitar valiosos agenciamentos à prática da cartografia.

São trocas constantes de elementos, mistura de realidades e corpos se cruzando, possibilitando aquilo que denominei de corpos em mutações, compreendendo trânsitos e *movências* (ZUMTHOR, 1997), para além das formas aparentemente estabelecidas e que estão em constante movimento de construção.

Parte importante do desenrolar da pesquisa foram as apresentações de trabalhos em eventos, que sempre possibilitaram um *feedback* às nossas reflexões, por meio das intervenções das pessoas, assim como tem sido de grande importância o exercício de orientação não como uma prática de avaliação, mas, sim, de construção de trabalho a quatro mãos. O nosso percurso de pesquisa também contou com colaborações (não só do meio acadêmico, mas também em campo, na Praça Mits), via conversas com jovens que, como afirma Latour (2012), teorizam sobre seus modos de vida. Desta forma, a pesquisa é resultado de um processo de aprendizado e construção de conhecimento sempre aberto e em andamento.

O aprendizado é um processo em recomeço incessante, onde se procura inventar algo que não existe, tal como, em Foucault, só o desprendimento possibilita o aprender. Desprendimento em relação aos saberes construídos, que pesam ou dificultam um novo olhar sobre coisas. Mas também, o desprendimento significa, sobretudo, o desprender de si. (TAKEUTI e BEZERRA, 2009, p. 111)

Antes de tudo, farei uma descrição sintética dos elementos indicados anteriormente, como forma de fornecer um panorama geral da pesquisa, assim como uma caracterização do que seja a Praça Mits – a construção de um retrato do espaço por meio de suas características (algumas delas, trabalhadas dentro do texto, de forma mais aprofundada). Assim, nesta parte introdutória, farei uma descrição (não densa) do que seja a praça.

Trata-se de um espaço que tem a forma de um retângulo, com várias árvores ao seu redor, algumas pequenas de uns três metros de altura e outras mais altas, ficando difícil precisar suas estaturas. As árvores mais conhecidas que identifiquei são os pés de cajueiros. Além das árvores, existem plantas pequeninas. Todo o retângulo é desenhado por uma parede baixa de uns setenta centímetros de altura que serve de banco para os frequentadores. No interior da praça, existem uns blocos nos quais foram cultivadas algumas plantas. Em uma das extremidades da praça, existe uma cigarreira e, por trás dela, um tabuleiro grande, similar ao de xadrez, desenhado ao chão. No interior da praça, também existe muito lixo, a ponto de um dia ouvirmos de uma das frequentadoras a ideia de fazerem um mutirão para limpar a praça, pois além das folhas das árvores, são deixados ali lixos domésticos. Frequentadoras e frequentadores também jogam lixo na praça. Podemos ver com frequência garrafas de bebidas abandonadas. As luzes da praça são de uma tonalidade amarelada por causa das grandes árvores, o que favorece para que algumas áreas fiquem menos iluminadas.

Em meio a essa estrutura física, ficam os jovens vindos de diversos bairros de Natal e da grande Natal, com idades entre 16 e 22 anos, com estilos de vestir, performances e expressões sexuais em grande variedade, desde as mais convencionais até as mais diferenciadas. Pode-se dizer, de forma genérica, que coabitam o mesmo espaço, transexuais, gays masculinos e femininos, lésbicas masculinas e femininas, andróginos, assexuais e heterossexuais (em minoria). Há pequenos grupos dentro da multidão formados por afinidades ou amizades, que são grupos oscilantes, pois as trocas são contínuas; os agregados montam-se e se desmontam dependendo das circunstâncias, mostrando uma paisagem sempre em mutação. À primeira percepção, tratava-se de corpos em mutações, da própria composição da paisagem da multidão sempre em mudança. Giros contínuos fizeram com que cada visita a campo me possibilitasse um detalhe novo à observação. De forma majoritária, a multidão é composta por jovens LGBTQTTI, mas outros públicos podem ser percebidos na praça, por ser um espaço que possibilita expressividades que, em outros ambientes sociais, seriam reprimidas.

As juventudes⁷ da Mits têm visões variadas sobre o espaço e múltiplas práticas. De forma geral, alguns falam do espaço de forma depreciativa e outros compreendem sua “potência” no social. As práticas realizadas na praça são sempre uma variedade. Pontuaremos as principais: paqueras e encontros afetivos, socialização entre amigos, uso de drogas tidas como lícitas e também as ilícitas e a apreciação de músicas (geralmente funk, dance ou pop).

Fiz essa descrição dos elementos físicos (espaciais) e humanos (sociais) por entender que a Praça Mits é feita por essas dimensões. A multidão é composta por essas duas dimensões, se pensarmos como Latour (2012): o coletivo é configurado por elementos em conexões, que não são feitas só entre humanos, mas bem entre *humanos e não humanos*. O autor apresenta a sua perspectiva sociológica, redefinindo-a como a *Sociologia de associações* na qual se privilegiam as constantes conexões existentes naquele que era entendido como sociedade⁸.

O método adotado buscou se descentrar de uma “metodologia de interpretação” do campo – abstração para se chegar a uma escrita sociológica; em lugar de tradução

⁷ Usamos o termo no plural (juventudes) para conotar as múltiplas formas de ser jovem nesses agrupamentos (a descrição no capítulo 2 explicitará a nossa opção).

⁸ Bruno Latour - contrapõe a sociologia do social e a sociologia das associações (LATOURE, 2012, pp. 7 - 38).

dos elementos apreendidos, talvez, como diria Takeuti⁹, uma *transcrição pela própria experimentação (do olhar, da escuta, da escrita)* de modo a poder relatar as vozes e os acontecimentos e refletir sobre o que os próprios atores teorizam sobre seus modos de existência, tal como observa Latour (2012).

Ao adentrar pela metodologia de pesquisa cartográfica, inspirado em leituras das obras de Deleuze e Guattari – *Mil Platôs* (volumes 1, 2, 3, 4 e 5) e Suely Rolnik - *Cartografia do Desejo*, mergulhei em um universo linguístico diferenciado a que comumente estava habituado. Palavras como fluxos do desejo, maquinações, agenciamento e outras me fez deslocar meu campo de visão para novas percepções, para enxergar novas paisagens até então imperceptíveis ao meu olhar.

A pesquisa se consolida por meio da eleição de uma forma de enxergar, de um ângulo e de uma “substância” para ser observada. A partir dessas premissas, chegou-se à compreensão de que o deslocamento exigido pela cartografia foi necessário para observar o campo elegendo a utilização de múltiplos olhares. Sendo assim, a cartografia me pareceu ser um instrumento de pesquisa sensível a perceber movimentos. Em Deleuze e Guattari, a cartografia seria esse olhar sobre os fluxos que provocam desterritorialização e territorializações, portanto, movimento contínuo – como vimos anteriormente.

Podemos eleger três principais características na cartografia deleuze-guattariniana: 1. Afetação; 2. Observação de fluxos e agenciamentos e 3. Transformação/construções. Essas são três realidades que compõem o movimento que elegemos para focar nossa visão no campo de pesquisa. Somos parte desse campo no momento em que adentramos nele, como nos fazem refletir Tedesco e Escócia (2009), referindo-se ao *coletivo de forças* e ao exercício da cartografia, quando mostram que a cartografia é uma estratégia de pesquisa que sempre será acompanhada de *intervenção*. Um coletivo de força será um platô no qual todo item que nele adentra afeta e é afetado; nisso consiste a intervenção: afetação do espaço adentrado e afetação pelo espaço adentrado. As autoras citadas compreendem que o coletivo de força é sempre modificado com o item novo que o adentra e, portanto, está em constante movimento de mudança, sendo, assim, a intervenção é uma ocorrência automática. As noções de Tedesco e Escócia dialogam com o conceito de *multiplicidade* em Deleuze e Guattari: uma multiplicidade sempre muda de natureza quando um novo elemento se agrega a ela

⁹ Conforme diálogo em sessão de orientação.

(DELEUZE E GUATTARI, 2011a); o coletivo de forças, se olhado pelo ângulo de multiplicidade, é uma potência ou um aglomerado de potências que possibilitam uma constante variação.

Após o entendimento de que o campo não será observado com distanciamento, outrora compreendido/exigido, mas por uma inserção que compreende e vivencia afetações, percebi, também, que a pesquisa trata de uma construção de agenciamentos e conhecimentos pautados em uma dada dimensão da vida, na qual a/o pesquisadora/pesquisador será um fator imbricada/imbricado.

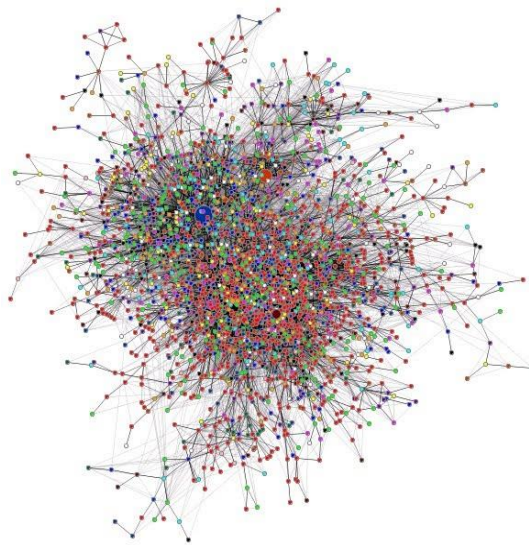
Em certo ponto, um campo é também pesquisadora/pesquisador, tendo em vista que as pessoas teorizam sobre si (LATOURETTE, 2012) e em dado momento a/o pesquisadora/pesquisador é campo, é solo de afetações e dele (pesquisadora/pesquisador) parte o ângulo de visão que se conjuga com o campo pesquisado; e, não podemos negar que, em alguns momentos ou ângulos, as descrições podem ser uma simples manifestação de si, desdobrada em vivências coletivas.

A pesquisa deveria ser esse diálogo do ângulo de visão da/do pesquisadora/pesquisador e das teorias do campo? Por outro lado, seria uma construção de um conhecimento que se desloca de si para ver a realidade (pesquisada) de forma tão despojada a ponto de afetar-se em dados momentos por essa realidade? Ou seria a pesquisa uma forma de observar o campo em um distanciamento tão pleno que evite, nas nossas coletas, crenças e valores nossos? Seria isso possível ou necessário? Algumas percepções seriam possíveis só pela afetação, pela qual se experimenta o que se pesquisa e, dessa forma, o relato se torna uma descrição de ângulo diferenciado?

Enfim, a pesquisa seria possível por meio da performance, como nos sugere Canevacci (2009), performar é afetar-se e/ou experimentar de alguma forma o que se está pesquisando. O conhecimento dessa forma se constrói voluntariamente pela elaboração sensorial (e não só racional) e pela vibratibilidade das afetações.

2. CARTOGRAFIAS NA PRAÇA MITS

“Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões”.
(Deleuze e Guattari 2011a, p.24)



Rizoma como multiplicidade crescente¹⁰

Depois dos percursos vivenciados na pesquisa da Praça Mits, fiquei refletindo sobre o que observei durante esse tempo, que ângulos foram captados, quais olhares foram ativados. A observação do campo parece ser sempre misturada de elementos afetivos e racionais da pessoa que faz a pesquisa. A fidelidade empregada nas descrições aos contornos e gestos vistos por nós não significou uma captura da realidade, tal como em uma fotografia, mas uma modelagem de um ângulo que mistura o que é ocorrido, do lugar onde é ocorrido, com o nosso olhar do lugar de onde olhamos. Sendo assim, a mudança de lugar pode mudar a percepção de forma significativa. Consciente disso, tentei, em minhas visitas ao campo, fazer movimentos, olhar de lugares diferentes, acompanhar os movimentos que os fluxos possibilitam. As pessoas ali presentes nunca estão paradas em termos espaciais, como também em

¹⁰Fonte: <http://pt.slideshare.net/felipefonseca/ongs-fruns-de-conhecimento-questes-socioambientais-por-juliana-bussolotti> - 08/10/2015

termos de práticas e em suas subjetividades. Com isso, pode-se constatar que o movimento não é particular da Mits, mas é um fato da vida; em algumas dimensões, com maior ou menor intensidade, assim é para algumas pessoas.

Em cada visita, ainda consegui perceber coisas diferentes, um ponto que me chamasse a atenção; uma desterritorialização, uma mudança de paisagem. No ano de 2015, passei alguns meses sem fazer visitas frequentes. Na primeira visita, após um longo tempo, fiquei impactado com a diferença, parecia outro agrupamento e outra praça. Os lugares e realidades mudam continuamente, isso me fez perceber que a construção do objeto “corpos em mutações” não teria sido uma imposição minha ao campo, mas um ângulo captado com mais intensidade e que deveria ser o enfoque do olhar sobre o campo, no percurso de pesquisa. Quando se elege um ângulo, outras dimensões podem não ser vistas, mas a pesquisa funciona assim, com delimitações necessárias. Mesmo dentro de um ângulo eleito (o objeto), existem múltiplos outros ângulos a serem percebidos; dessa forma, é um ângulo cheio de micro ângulos ou de múltiplas dimensões.

O retorno, após algum tempo sem ir a campo, fez-me perceber essas mudanças de paisagens, de forma mais intensa, e de forma mais detalhada. Durante minhas visitas, acompanhei como “as meninas”, “os meninos” e outras formas de gênero (ou não gênero) modificam seus estilos e, por exemplo, como mudam suas máscaras, colocando-se como masculinos e, rapidamente, transmutando-se para uma “bichação”, buscando uma sexualidade fluida, mesmo que dentro de um polo sexual (de uma configuração sexual ou condição sexual). Com a teoria de escolha desta pesquisa, tive a possibilidade de trabalhar outros vários elementos daquele espaço. Foi o nomadismo que mais me chamou a atenção, por dialogar com a teoria da vida (pragmáticas da existência¹¹) daquelas/daqueles jovens que se apropriam do espaço e formam a Praça Mits. São jovens que se permitem vivenciar experimentações. Em observações gerais: demonstram certa abertura a novas possibilidades.

Para nível de reflexão e de delimitação da pesquisa, o foco nas mutações (como denominado na formulação do objeto), mudanças (na linguagem do próprio campo) ou nomadismo (a partir da teoria de Deleuze e Guattari) levando em conta os três aspectos acima comentados: estilos, performance (aqui, não referido a gênero no sentido estrito) e desejo sexual. Mas, existem várias outras dimensões da vida da

¹¹ Pragmáticas - Termo utilizado para expressar um conjunto de práticas e suas lógicas para os sujeitos em suas particularidades e/ou para os agrupamentos.

multidão da Praça Mits que manifestam esse movimento que nos ajuda a pensar como os corpos vivem mutações e, em quais proporções, isso vai ocorrendo.

Esse ângulo de pesquisa (corpos em mutações) surgiu depois de várias visitas em campo. Trata-se de uma constatação que não ocultou, em mim, os regimes de permanências ou os tecidos dos corpos que são mais fixos ou parecem mais fixos, haja vista não haver nada permanente nos corpos; tudo está mudando, mesmo que de forma imperceptível. A partir dessa noção, parece que o nosso ângulo de observação se torna muito óbvio; mas, na verdade, rastrear mutações não é tarefa tão fácil quando somos acostumados a enxergar identidades sólidas e estruturas terminadas. Dessa forma, faz-se necessário refletir sobre o objeto, que já nasceu de outras tantas reflexões, para compreender esses movimentos ou corpos em mutações (a partir da conjugação de observações de campo e agregados teóricos) - focando as três dimensões: estilo, performance e desejos sexuais. Sendo que os dois primeiros são mais visíveis para observação a distância, e o último requer conversas e relatos pessoais. Pode-se ver a intensidade com que esses corpos experimentam as mutações e se isso os diferencia de outros agrupamentos, isto é, se há alguma peculiaridade nesses jovens da Mits.

Quando comecei a ir à Praça Mits, esboçando uma pesquisa, ainda na graduação em Ciências Sociais, meu enfoque era "identidades". Hoje, posso perceber que a própria pesquisa se fez um "corpo" em mutação, quando a ideia de identidades, na Praça Mits, morre para dar lugar à noção de multiplicidades. Antes, pegava um recorte e interpretava segundo a noção que denominava por identidade. Agora percebo que o recorte é só um momento de um movimento de mudanças que não termina.

Trabalhar com essa teoria, torna-se, para mim, algo significativo; pois, existem afinidades pessoais, por ter experimentado em minha própria vida mudanças importantes que me fizeram desterritorializar de modo a viver novas perspectivas de vida. E isso mesmo que me fez aproximar da Praça Mits.

Antes das ocupações na Praça Mits, uma multidão se reunia todas as sextas-feiras, a partir das 18h na Praça do CEI, próximo ao shopping Via Direta. Fiz várias visitas àquele espaço para me incluir na multidão com a qual me identificava naquele tempo. Quando comecei o curso de Ciências Sociais, pensei em pesquisar aquela realidade; mas, a ocupação do CEI já não ocorria mais (à frente aprofundarei como ocorrem as ocupações nos espaços públicos na cidade de Natal e como houve mudanças de um espaço para um outro). Descobri que as/os jovens, agora, ocupavam outro espaço que denominavam, inicialmente, de Praça da Mitsubishi. Fiz a primeira visita em 2012, já

pensando na pesquisa. Fui surpreendido, pois parecia que a multidão da Praça do CEI tinha migrado para aquele outro lugar. Hoje, pensando com Deleuze e Guattari (2012a,c), pode-se dizer que eles fizeram um movimento nômade e, mesmo que estejam há tanto tempo no mesmo espaço, seu nomadismo é percebido pela mudança na paisagem e pela possibilidade de, a qualquer momento, o espaço deixar de ser ocupado e passa a um novo local¹². Esse foi o primeiro movimento dos corpos em mutações: as sexualidades nômades, aquelas que desterritorializadas de sexualidades hegemônicas vivem ocupações de espaços provisórios (não fixos) e nesses espaços fazem giros contínuos como em *deriva* (TEDESCO E ESCÓCIA, 2009).

Dessa forma, chegamos ao título “Corpos em mutações - Sexualidades nômades na Praça Mits”, usando como pergunta de partida: como as juventudes que ocupam a Praça Mits experimentam mutações/mudanças? Essa pergunta de partida não é a mesma, colocada no início, ela surge paralela a construção do objeto.

Como se percebe, esta pesquisa passou por suas mudanças/mutações, a partir de afetações vivenciadas, e sempre feita com bastante atenção às vozes das pessoas com quem conversamos e as práticas que observamos e que participamos.

2.1 ITINERÁRIO NÔMADE LGBTTI EM NATAL-RN: OS CAMINHOS E ATRAVESSAMENTOS ATÉ A PRAÇA MITS

A cidade de Natal é banhada por lindas praias que facilitam a contemplação da natureza, inspira uma poesia cotidiana e possibilita o lazer para os autóctones e para os visitantes. Mesmo em dias de semana, as praias de cidade têm um número significativo de banhistas. Neste cenário paradisíaco, utilizado para a diversão, existem pontos específicos que são utilizados para encontros de homossexuais.

São três lugares, à beira mar, onde as pessoas fazem uso. Na Praia de Ponta Negra, existem dois: o que foi denominado pelos frequentadores de “Iraque” e o “Paraíso”. Na Praia do Forte, tem-se a conhecida “Pegação do Mangue”. Tencionamos refletir sobre esses três lugares, juntamente com a antiga Praça do CEI, e culminar na Praça Mits e suas peculiaridades, bem como os atravessamentos de significados, sempre

¹² Desocupação: fato que constatei, em algumas visitas, feitas nos últimos meses de 2015. A multidão que ocupava a Praça Mits deixou de ocupar o lugar; ao que parece, continuaram em seu nomadismo indo agora ocupar, geralmente aos sábados, a frente do estacionamento do Carrefour. Nas considerações finais, falarei um pouco mais sobre esse ocorrido e como ele demandaria novas abordagens em possíveis continuidades nessa pesquisa.

fazendo menção às contribuições de Deleuze e Guattari, com quem, conscientemente, busquei dialogar, em toda essa pesquisa, e por quem tenho gratidão pelo legado de suas escritas que não só servem de referencial teórico, mas de inspiração na criação dos textos e da vida!

Ao pensar em compor esse itinerário-nômade para compreender espaços LGBTTIs em Natal, nos quais a Praça Mits se insere, e esse público a que eles atendem, surgem vários questionamentos: como são criados esses espaços de encontros? Quais as pessoas que buscam cada espaço em específico? Qual a prática principal em cada espaço?

Começo descrevendo os dois pontos que têm como foco a “pegação”¹³. São pontos antigos e que são ativados diariamente. Em certos dias, atingem um maior número de frequentadores; cotidianamente, é possível constatar a ativação desses dois espaços: são eles o Iraque e a Pegação do Mangue. O Iraque é uma área de dunas na Praia de Ponta Negra, na orla, no sentido contrário ao Morro do Careca. O uso da área ocorre à noite, pois a iluminação da área é pouca, e o lugar é bastante deserto. Estando na praia por volta das 18 horas, já é possível observar um movimento sutil, em direção ao Iraque. O público que frequenta o lugar varia em faixa etária, sendo possível observar adolescentes e, até mesmo, pessoas da dita “terceira idade”. Em um passeio pela praia, em direção ao Iraque, é possível encontrar vários casais em momentos erótico/afetivo; não só casais, mas também pequenos grupos.

Preservativos pendurados nas cactáceas e rochas contrastam com beijos e carícias; peles que se tocam e transam por seus poros; suor, orgasmos da pele e ejaculação, orgasmo da genitália. Pegadas são deixadas na areia esbranquiçada da praia, que, sem demora, serão apagadas pelas ondas do mar; passos que na sutileza da noite vão em direção ao prazer. Há poesia no ar, naquele espaço, uma esfera de prazer que se desenrola no véu misterioso da noite. Poesia dos corpos que rasgam a noite, em busca de gozo; das bocas que se devoram, acompanhadas do remar de um corpo no outro, inebriados pelo cheiro do mar.

A Pegação do Mangue também ocorre diariamente, sendo que o fluxo de frequentadores do lugar é bem menor que no Iraque. No mangue, é possível ver público de várias idades, com a diferença das frequentadoras travestis/transsexuais. É possível, vez por outra, encontrar uma ou duas travestis/transsexuais percorrendo o espaço. A

¹³ Pegação, Termo utilizado para identificar contatos físicos eróticos e/ou sexo livre de relacionamentos tais como namoro ou casamento.

Pegação do Mangue fica localizada próximo ao Forte dos Reis Magos, em um dos lados da passarela que conduz os visitantes ao Forte, sendo um espaço de vegetação de mangue, daí o nome “Pegação do Mangue”. O espaço é formado por trilhas no meio do rizoma, onde os frequentadores fazem seus passeios e realizam suas negociações sexuais, com as seguintes questões: “você é ativo ou passivo? Estás afim de que hoje?” Ou mesmo alguns michês que falam “você tem quanto para me dar?”. Feitas as negociações, busca-se um lugar mais reservado onde possa ser realizada a transa. Esses aspectos não são tão diferentes dos que ocorrem no Iraque, com exceção de que lá não encontramos frequentadoras travestis ou michês, segundo relatos de frequentadores desse o espaço.

O Iraque com suas dunas e a pegação do mangue com seu rizoma, ambos lugares marcados por uma significação do desejo, são como paredes invisíveis para os jogos do prazer e do sexo, das carícias e afetos. As dunas e a vegetação do mangue são rizomas que sustentam o *rizoma* dos corpos em movimento e o *rizoma* das peles em busca de conexões (DELEUZE E GUATTARI, 2011a). Os pés que pisam as raízes dos rizomas vegetais e do rizoma dunas são impulsionados por uma *maquinação* do sexo, entenda-se sexo de forma ampla, começando pelas fantasias, contatos visuais, negociações etc.

O Iraque mais parece um acaso onde passantes se aglomeram e executam suas semióticas do sexo, um lugar que parece inexistir, mas que, ao ocultar-se do sol, nasce com toda sua potência, como um agenciamento coletivo (GUATTARI, 1992), um desenho modelado por corpos desejanter na tela das dunas, brancas e banhadas pelo mar.

A pegação do mangue tem um ar de labirinto, as trilhas se cruzam sobre lamas e raízes e se deparam com as vozes dos passantes que, sobre a passarela que conduz ao forte, passeiam em direção ao mesmo. Entre as ramagens do mangue, é possível ver pessoas se acariciando, assim como nas dunas do Iraque, em uma pequena saliência que sirva de abrigo. Podem ver-se transas e ouvir gemidos abafados pelo barulho do mar. Parece que no secreto da noite, o Iraque oculta suas práticas, todos que saem dali deixam suas experiências nas dunas da Praia de Ponta Negra. A pegação do mangue ocorre durante o dia. Ao escurecer, ninguém fica naquele espaço por ser, segundo relatos de frequentadores, muito perigoso. Se, no Iraque, o véu da noite possibilita uma atmosfera propícia ao aglomerado de pessoas em seus jogos do desejo; na Pegação do Mangue, são os vegetais que formam as paredes necessárias para que ocorram as transas.

Esses dois espaços (Iraque e Pegação do Mangue) são formados para o sexo, um sexo livre de compromissos e que tem como regra maior a semiótica do desejo. Se um encaixa no que estimula o outro, não há empecilhos. Há, sim, contato visual e depois verbal ou não. É possível que algumas transas ocorram tendo como única forma de aproximação o contato visual, já partindo para os toques e sexo.

Partindo desses dois espaços, vamos adentrar no “Paraíso” também localizado na Praia de Ponta Negra, localizado nas proximidades do início do calçadão. O Paraíso é um espaço ocupado/formatado aos sábados, a partir do anoitecer. O público que frequenta o espaço é, em sua maioria, jovem. Diferente dos dois espaços anteriores, o “Paraíso” tem a participação de lésbicas. No local, são feitos pernoites nos quais o foco é a confraternização com bebidas e outras drogas. Ocorre também de muitos “ficarem”. Essa palavra é utilizada para identificar os beijos, abraços e possíveis transas sem o compromisso do namoro. Não raro, é possível ver jovens dos pernoites descerem para dar uma passada no Iraque para obterem transas. Atualmente, o Paraíso é ativado para luau, já não tem mais a mesma multidão que se reunia todos os sábados. Passando por lá, em dias em que não ocorre luau, é possível ver uma pequena quantidade de jovens, diferentemente do que ocorria há alguns anos que, semanalmente, fervilhava de jovens que provinham de diversas partes de Natal e cidades vizinhas, como Parnamirim e Macaíba. Em um sábado (no ano de 2011), em que fomos comemorar o aniversário de um amigo em um local, próximo ao espaço que se configurava o Paraíso, pudemos ver como eram numerosas as juventudes que ocupavam o lugar e, divertidamente, dançavam, na ocasião, um funk que havia sido colocado no carrinho de um vendedor de DVD¹⁴ que, passando por ali, fez uma parada.

O Paraíso mudou, deixou de reunir as juventudes todos os sábados, reduzindo-se a luaus. Já os encontros do CEI (Praça Claudionor – próxima à escola CEI) deixaram de existir totalmente. Os encontros aconteciam às sextas-feiras a partir das 18 horas. Reuniam-se transexuais/travestis, homossexuais, lésbicas etc., que no espaço utilizavam bebidas e outras drogas, e ouviam, vez por outra, músicas e faziam as fechações¹⁵. Tanto o público como as práticas eram iguais às do Paraíso em Ponta Negra. A Praça do CEI, como era denominada, tem árvores, uma quadra e uma lagoa de captação rodeada por plantas, utilizada por casais que entravam nela para “ficar”.

¹⁴ Nas Praias é comum, passar esses vendedores empurrando seus carrinhos, vendem DVDs que são chamados, popularmente, de “piratas”.

¹⁵ Fechação, termo usado para identificar os gritos, gargalhadas, gírias referentes a algumas dimensões de homossexualidades. “Fechar é dar pinta ou close” (explicação do termo por um jovem da Mits).

Com o fim da Praça do CEI, começam os encontros na Praça Mits (Praça Drº Amaro Marinho, próximo à Mitsubishi da Av. Salgado Filho – Natal/RN), nas quartas-feiras, a partir das 18 horas, o mesmo público e as mesmas práticas da Praça do CEI e do paraíso.

Passear pela Mits é se envolver numa esfera de jovialidade, um clima de festividade que se expressa em gargalhadas, músicas, conversas exaltadas ou não, drogas, beijos e abraços; a iluminação amarelada dos postes contrastando com as peles e cores de roupas.

Os perfumes misturam-se com o cheiro de cigarros e criam uma área de excitação e giros; as voltas (giros) ocorrem durante todo o tempo em que a multidão está no espaço. Como um fervilhar, as pessoas buscam olhares para se conectarem. Nessas voltas, vez por outra, encontra-se alguém que se conhece e vão se aglutinando pequenos grupos que conversam sobre temas variados, desde sexo, relacionamentos, músicas, dificuldades diárias, alegrias etc. Os grupos, ao encontrarem um ponto que achem agradável, param para intensificar as conversas.

Fotografia 1¹⁶



Socialização

A praça é sempre uma mistura de cores, perfumes, bebidas (e outras drogas), jeitos de ser e de vestir, ideias, discursos, crenças e mutações; as roupas seguem tonalidades discretas ou vibrantes, acompanhando cabelos que terão cortes múltiplos e cores variadas com tatuagens, não que todas as pessoas tenham tatuagens, mas várias

¹⁶ Todas as fotografias que não estiverem indicando a fonte são de nossa própria autoria. Fotografias retiradas por celular.

têm tatuagens ou piercings. Esses desenhos sobre os corpos são desde coisas sutis, como uma pena até uma composição maior como um rosto de alguma personagem. As bebidas ficam nas bancadas. Todas essas questões serão retomadas, nesta dissertação, e serão alvo de aprofundamento, à frente, nas cartografias das dimensões: olhar, pele, espaço etc.

Depois de caracterizar os cinco espaços, podemos pensar o que existe de similar e o que é diferente neles. Em ambos, ocorre a apropriação de espaços públicos para manifestação do prazer: sexo, drogas, afetos etc. São lugares específicos onde havia as possibilidades dos encontros. Como ficou evidenciado nas descrições dos espaços, a diferença é que os dois primeiros são, em si, formatados para o sexo, e os outros três buscam outras formas de prazer. A socialização e o sexo não acontecem neles e sim a partir deles (quando acontecem).

Existem, na cidade de Natal/RN, algumas saunas, bares e boates e um cine pornô, direcionados ao público LGBTTI; porém, optamos pelos *espaços nômades* (DELEUZE E GUATTARI, 2012c). Ou seja, no sentido de espaços públicos e abertos que recebem um público de passagem, pela importância que tem para essa pesquisa o ressignificado que se dá a um ambiente, a ativação desses espaços nômades como áreas de expressividade de uma “arte da vida” cotidiana e por ver como são *modulados* os corpos nesses espaços - espaços que surgem como agenciamento coletivo de corpos em modulação, - sendo, assim, uma coisa modulando a outra: corpos modulam o espaço, espaço que modula os corpos (DELEUZE E GUATTARI, 2012c).

Dessa forma, trata-se mais de um passeio por espaços nômades, do que de um mapeamento geral de espaços LGBTTIs em Natal/RN. Trata-se de compreender como os corpos desejantes se atraem, lembrando-se aqui da noção de atrator de Canevacci (2008), ver-se, nesses espaços, como os olhos se conectam e se devoram, como os corpos se afetam - e a porosidade da pele vai trocando fluídos e fluxos, seja pelo sexo, pelas conversas ou por outras quaisquer formas de prazer. Pode se compreender, sobretudo, que o encontro de corpos e de fluxos provoca sempre novos agenciamentos, nos quais tecidos são desfeitos e novas tecelagens são ativadas. O agenciamento do arrear, provocado pela brisa das emoções, em contato com pele/tato, e sutis toques de gotículas de chuvas da atração, resulta em pelos erguidos de prazer e gozo vital, erogeneidade da pele, e mutação do que outrora chamava-se de ser.

2.2 RELATOS JOVENS¹⁷

Esta Parte –**Relatos jovens** – traz ilustrações de falas espontâneas de jovens com os quais ia me encontrando e travando contatos. As falas jovens compõem a cartografia (do olhar, da pele, do corpo etc.) que segue em a **Poética da praça** (rubrica 2.3, deste capítulo), enquanto o substrato vivo das interações que iam ocorrendo em platô de intensidades. Seus gestos, seus olhares, as guinadas de cabeça, suas exclamações/dizeres diante de um objeto de desejo que passava etc. ganham vivacidade através de suas próprias falas que enriquecem esse texto.

As visitas foram realizadas de forma não sequenciada, mas com a frequência necessária para coleta dos dados cartográficos.

Relato de Oliver¹⁸ - "Não sou homossexual, sou bicha mesmo!" Foi a resposta que ouvi de Oliver, dando a um conhecido que havia encontrado na Parada Gay do ano de 2014. Encontrei Oliver naquele evento; fizemos o percurso juntos e com alguns outros amigos. Era um momento festivo para a comunidade LGBTTI da cidade de Natal; momento, também, de reivindicações de algumas pautas necessárias. Oliver teve um papel muito importante nesta pesquisa: foi ele quem nos apresentou diversas/diversos jovens na Praça Mits, introduziu-me aos grupinhos e, dessa forma, passou a ser um colaborador. Além disso, relatou-nos o percurso de sua homossexualidade, do qual pude acompanhar, pela nossa proximidade. Seu relato se deu da seguinte forma: "Comecei a praticar minha homossexualidade muito cedo, aos 14 anos de idade. Lembro que na minha pré-adolescência gostei de um amigo da escola, era uma verdadeira paixão, não medi consequências; cheguei para ele e falei que estava apaixonado por ele que me respondeu 'homem deixe de conversa'. Naquele momento, pensei que nunca mais iria gostar de ninguém, mas claro que isso não se cumpriria. Eu estava naquele tempo cheio de desejos de me relacionar, viver um romance".

“Tempos depois conheci um menino com quem tive minha primeira transa, nada romântica, mas muito prazerosa. Fizemos sexo em uma construção. Ele é alguns anos mais velho que eu. Fiquei um pouco curioso de como seria, porém foi um momento

¹⁷Os relatos não seguem uma precisão cronológica, mas foram trazidos na intenção de servir de abertura à cartografia, em que buscamos ser fiéis à linguagem dos colegas do campo pesquisado. Só depois, como segunda parte da cartografia, procurei dialogar o campo com a teoria – fazendo uso da linguagem do aporte teórico e linguagem de campo nas mesmas abordagens.

¹⁸ Os nomes utilizados na pesquisa são fictícios.

de descobertas. Sempre me permiti vivenciar minhas transas, mas, também, sempre busquei um relacionamento e muito dentro dos padrões. Talvez hoje já tenha modificado um pouco minha mentalidade sobre relacionamentos e já não esteja tão limitado a um padrão que é tão forte e se impõe à comunidade gay”.

“Tive três relacionamentos que foram interessantes na minha vida homoafetiva. Um com um cara bem mais velho do que eu (mais de 10 anos), gostava dele, apesar de seus reflexos de heteronormatividade. Esses dias ele me ligou e marcamos de nos encontrarmos na instituição que eu estudo. Quando conversava com ele, ouvi 'você está bem mais homem', eu respondi a ele imediatamente 'pois me sinto cada vez mais mulher'. Disse isso para quebrar um pouco com essa forma de ele ver o mundo, fechando-se para as homossexualidades que se expressem de forma feminina. O meu relacionamento com ele foi terminado por ele. Sofri muito naquele tempo, parecia que meu chão tinha se rachado, mas superei. Ele que vez por outra entra em contato, nem sei quais as motivações”.

“O segundo namoro foi frustrante, pois o menino gostava muito de mim, mas eu não consegui gostar dele, vai entender essas coisas. Ele ficou tão encantado por mim que inventou de falar para a mãe dele que era homossexual. Disse que estava seguro que era o momento de falar, ainda bem que não houve problemas. Ele é ao contrário do primeiro, alguns anos mais novo do que eu. Nos encontrávamos na casa dele para namorar, era engraçado porque a mãe dele já sabia dele e sabia o que estávamos fazendo naquele quarto, mas não tinha nenhuma implicação. Percebi que não estava gostando dele e cheguei à conclusão que tinha que terminar. Não havia aquela química que motiva o relacionamento. Um dos nossos últimos encontros foi aqui na Mits, eu sem muito interesse e ele, aparentemente, muito afim. Uma pena, mas naquela noite decidi que tinha que terminar. Ele é um menino muito bom e eu não poderia fazer isso com ele, ficar enrolando. Terminamos. A vida seguiu até conhecer a terceira pessoa, idade próxima à minha, com quem me relacionei, alguém por quem logo me envolvi e sinto sentimentos fortes, e com quem tive possibilidade de pensar sobre várias questões da vida a dois. Com ele tenho, vivido um caminho de amor, decepções e realizações, mas não posso negar que em vários momentos desejei que ele estivesse bem longe de mim, da minha vida, pelas coisas decepcionantes que ele fez... Não sei onde isso vai dar, mas sei que redefiniu várias coisas em minha vida. Fez-me ver elementos que não via até então, e perceber que é preciso pensar a vida para além de relacionamentos”.

“Eu tive outras experiências, além das três citadas, bastante chatas, e outras agradáveis com pessoas com quem fiquei rapidamente. O mundo gay é muito cheio de coisas engraçadas ou tornamos as coisas engraçadas e assim vamos vivendo. Lembro que fiquei com um rapaz que eu estava gostando muito, marcamos um encontro, para me preparar passei três dias sem comer feijão, depilei e improvisei uma chuca para ficar tudo nos conformes, estava muito ansioso para transar com ele. Enfim, nos encontramos e fomos para um matagal perto do meu bairro. Ao chegar lá, ficamos nos beijos e abraços, e muita contemplação da natureza, e só. Sexo que é bom, nada. Foi tão frustrante passar dias me preparando para não checar e agradar a bicha e ela na hora me deixar na mão. Teve outra experiência do menino micropênis, “aff”. Ele me levou de carro para casa dele. Quando chegamos, já fomos transar. Fiquei realmente surpreso com o tamanho do pênis dele, mas tudo bem, se não fosse o abuso dele na hora da transa, de se fazer de machão diante de um espelho, fazendo munganga.

“Mas são as experiências que vão fazendo nosso amadurecer. Hoje estou com 19 anos e bastante chão percorrido: encontros, boates, transas e outras coisas mais. A minha mentalidade do início quando comecei a viver a homossexualidade, no que se trata de ficar com pessoas, para hoje - mudou muito. Hoje penso que ser uma bicha é mais do que ser um homossexual, desses discretos”.

“A Mits é um espaço de diversidade, onde podemos fechar¹⁹, caçar e conversar com as bichas amigas. Durante meu percurso gay, a praça me acompanhou. Lá conheci pessoas, fiquei com alguns e vi as máfias e amizades. O que me chama atenção na Praça Mits é que, semanalmente, mesmo que chova, as gays estão aqui, firmes e fortes dando *closes*”.

“Na praça, tenho vários contatos como você vê e sei que aqui é um espaço onde podemos nos expressar melhor, bichar aqui é natural. Você quer saber o que é a praça, tem que vivenciar e só assim entenderá”.

“Para eu compreender a importância da diversidade e da luta LGBT, a praça é um espaço que me ajuda. Uso muito a internet para fazer postagens contra a homofobia e transfobia, pois sei o quanto a violência contra pessoas LGBTs é grande. E, muitas vezes, a violência vem de dentro da própria comunidade, tipo, gay que discrimina as trans e os trans. A Praça Mits é um espaço onde essas diferenças estão

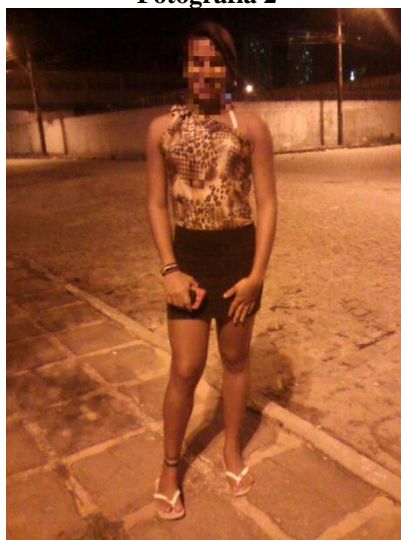
¹⁹Fechar, na linguagem dos frequentadores da Praça Mits, é fazer barulho, utilizando humor e feminilidade; é desfilas fazendo caras e bocas. Caçar é procurar parceiros para relacionamentos ou só para sexo; trata-se de jogos de sedução.

dividindo o mesmo espaço, e isso me faz desejar um amanhã de tolerância e respeito para a diversidade, onde cada diferença que surja seja só mais um reflexo das possibilidades humanas”.

Relato da travesti Luana -Conversamos com Luana em algumas visitas, sendo que a primeira conversa que tivemos deu-se no dia 26 de fevereiro de 2014. Naquele tempo, ela tinha 19 anos e morava em um município vizinho da cidade de Natal.

“Venho sempre à praça e acho um ambiente ótimo, aqui não percebo preconceitos, conheço todo mundo, dos marginais às bichas”. Quando perguntei como ela se identificava (travesti ou transexual), respondeu: “Eu me sinto travesti, não pretendo fazer cirurgia para colocar vagina, porque não gosto, eu sou gay”. Depois prosseguiu falando da vida: “Moro com minha mãe e meus irmãos. Minha família me aceita, menos meu pai. Lembro que fui estuprada por cinco caras por volta dos seis anos, fiquei traumatizada. Despertei cedo para o mundo gay. Com oito anos, já estava dentro do mundo gay, nesta época estudava o primeiro ano”.

Fotografia 2



Luana

Na visita do dia 02 de abril de 2014, encontramos Luana novamente. Ela estava diferente da primeira conversa que tivemos, na qual estava muito contida. Na segunda conversa, ela me mostrou outro ângulo de sua vida: “Uso drogas frequentemente, pois é muito bom. Aqui na praça, às vezes, acontecem pernoites. Eu já participei. Mas não rola prostituição não, é um espaço só para se divertir”.

Fotografia 3**Luana – foto 2**

Encontrei Luana, ainda em outras visitas, sendo que na mais significativa não tive conversa só com ela. Observei-me inserir no grupo no qual ela se encontrava. Ela usou cannabis e ficou muito animada, brincalhona e risonha. Damos uma volta em torno da praça onde ela não parava de fazer piadas e gargalhar; vez por outra, fazia “Kundalina”, que é aquele empinar de glúteos com rebolada/remexida (requebrar a bunda empinada).

Um rapaz veio me pedir cigarro, fez um elogio dizendo que ela era bonita. Quando saiu, ela ficou fazendo piadas com a situação: “O bofe vem pedir cigarros e não tem nem fósforo para acender. Me poupe, por isso que não adiciono no meu face estranho! Vem querer tirar onda, mas comigo não, eu requebro e mostro o poder. Quando eu morrer quero que botem meus saltos no meu túmulo, pois quero virar pomba gira. Vem dizer ‘você é bonita’, sou bonita e arregação numa pica (pica sinônimo para pênis), tu viu? E depois perguntou com quem estou, eu estou com deus, tu viu que quando ele respondeu que também estava com deus, eu disse que ele (deus) tinha saído daqui ainda agora. Ainda tenho as duas rainhas (fazendo referência às Pombas Giras). Eu sou “raçuda” (querendo dizer que tem muita fibra). Pode vir com tudo, pois minha boceta é da Tailândia, se montar tu fica bem rachinha [...] em nome de “Jel” (gracejo com a expressão ‘em nome de Jesus’). Esse foi um dia em que observei como as bebidas e cannabis podem fazer um efeito diferenciado nas relações das pessoas com as

peças e com o espaço que estão ocupando. Quanto às bebidas consumidas, percebi que os tipos variam.

Fotografia 4



Garrafa de bebida vazia

Relato de Jhon -Em uma das visitas, conheci Jhon e, em conversa, anotei seu relato: “Eu nasci na periferia, um lugar simples e por muito discriminado, mas lá eu tive uma infância muito agradável. Naquele tempo, as brincadeiras eram: esconde-esconde, tica, banho de chuvas e outras tantas. Não tinha problemas em me socializar, mesmo sofrendo por ser apontado por alguns meninos, alguns anos mais velhos que eu, como ‘viado’. Eu nunca deixei de buscar amigos. Por me chamarem de viado, eu criei a ideia de que meu jeito de ser era muito efeminado, isso me causava tristeza; não gostava da ideia de ter um jeito diferente de outros meninos. Eu era apenas uma criança não, me via como viado, nem tinha uma definição sexual em minha cabeça. Eu só queria viver brincando com os amigos”.

“Só na pré-adolescência, tive minhas primeiras experiências sexuais e dentro de uma bissexualidade. Sentia uma atração muito forte por garotos, geralmente da minha idade e por meninas também. Tive minha namoradinha do fim da infância e era apaixonado por ela. Nesse período sentia vontade de transar, não importava se era com meninos ou meninas. Tinha uma prima que naquela época eu fazia uns negócios sexuais com ela que eram muito prazerosos. Lembro-me de estar no quarto de roupas arriada roçando com ela, passava meu pau pela vagina dela, eu gostava muito. Pouco tempo depois a isso, ou no mesmo tempo, não lembro bem, fazia sexo com um primo. Ele era mais velho que eu e me ensinou bastantes coisas. Não permitia que ele me comesse, mas ele sempre ficava na insistência, achava o pau dele muito grande, me assustava, mas ele deixava eu penetrá-lo rapidamente. Não rolava beijo, mas carícias, muito sarro, um pouquinho de sexo oral e, por fim, gozávamos um batendo punheta no outro. Eu

gostava, mas, ao mesmo tempo, sentia um pouco de peso de consciência. Um dia falei para ele que era errado fazer aquilo, ele me disse que não, pois nós não éramos frescos, só estávamos nos ajudando. Ele hoje é casado com mulher e tem filhos. Eu não o vejo mais, e nem vejo minha prima. Não posso negar que o que vivi com ele durou bem mais do que com ela, até porque ele morava pertinho de mim, mas, em termos de tesão, era a mesma intensidade”.

“Com o passar dos anos, aumentou a admiração pelo universo masculino. Para mim, não se é só uma questão de sexo, no sentido de penetração e carícias, mas de encanto pelo universo masculino. Eu transaria com mulheres se houvesse a oportunidade, gosto de vagina, é porque tem alguns amigos gays que falam ter nojo, eu acho interessante a ideia de penetrar uma vagina e acho bonita, mas o meu encanto por mulheres é muito pequeno, algumas poucas me chamam a atenção. Na adolescência, tive umas paixões por meninas e por meninos, mesmo que negando muito e lutando para não sentir nada por meninos, mas sentia. Alimentava as ideias românticas por meninas e deseja que se cumprissem, mas por meninos evitava. Sonhava em casar com uma menina e ter alguns filhos, até imaginava como seria nossa casa”.

“Hoje, quando chego à Praça Mits, o meu desejo sexual está voltado para os meninos, mas vez por outra uma menina me chama a atenção. Sinto-me homossexual, não me vejo como bissexual, mesmo que sinta vontade de ficar e, sobretudo, transar com algumas meninas, porque é um desejo menor, mas não forçado, e hoje em dia não por sentir algum problema com a sexualidade homoafetiva; estou gay, mas não descarto que possa rolar uma bissexualidade. Lembro que passei a vida sofrendo com os desejos homossexuais. Até o momento que gostei de alguém e daquele momento para frente a minha vida passou a ser melhor. Vi que havia perdido tempo achando que pessoas do mesmo sexo não podiam se amar, achava que sexo entre iguais era um vício, uma doença, até gostar de verdade de alguém, ver que era algo muito bom e ser impulsionado a ver com outro olhar essas coisas.

“Gosto de pessoas andróginas, não tenho problemas em meninos com traços meigos ou femininos e sinto atração por algumas meninas “machudinhas”, isso aqui na Mits, só nunca busquei ficar com nenhuma. É como se eu estive tão de dentro do lado gay que não busco ficar com meninas”.

“No início, quando assumi ou acordei para viver meus desejos homossexuais, eu achava estranhas as pessoas trans, achava que era falta de informação, que para as pessoas serem homossexuais não precisavam mudar seu jeito de ser. Na verdade, a falta

de informações era minha, não sabia que era diferente o gênero da condição sexual. Hoje minha visão é diferente, respeito e acredito na diversidade sexual e na opção de gênero que se deseja, sem isso ser tido como doença, mesmo sobre relacionamentos minha visão mudou, no início achava que era para os homossexuais se unirem de forma monogâmica, hoje percebo que cada um deve escolher a forma de viver sem necessariamente assumir monogamia, que isso é só uma possibilidade dentro de tantas outras. Não vejo mal, por exemplo, em alguém ser promíscuo, acho que se prevenindo de doenças é maravilhoso explorar o sexo. Se a prática sexual não atrapalha na vida, o que isso tem demais? A palavra promiscuidade deve ser vista como liberdade e não com o peso de coisa doentia como é pronunciada. Parece que é só uma forma de pessoas que não gozam, como deveriam, ficarem enchendo o saco de quem fode para valer”.

“As gays gostam de sexo e transam muito, mas a maioria faz a linha Santa, por causa desses princípios nestas. Aqui na Mits, o desejo sexual se revela nas circulações em torno da praça onde ocorrem as caças, e acho é bom quando duas bichas estão se pegando e se amassando, é lindo”.

“Eu tava vendo aqui como eu mudei, tipo, pareço ser outra pessoa do que eu era na adolescência quando vivia me reprimindo. Depois do início da minha homossexualidade para o que sou hoje, parece até que sou outro, aquele moleque é estranho ao que sou hoje e ao meu estado de me sentir ótimo em ser bicha, e como gosto do mundo gay. Mesmo com todas as dificuldades, é bom ser bicha e estar aqui com as monas fechando e vendo essa diversidade arrombado as ditas famílias tradicionais”.

Visita do dia 15 de julho de 2015 e **relatos de Leandro**. Chegamos à praça por volta das 19h00min. Ficamos surpresos com a pouca quantidade de pessoas presentes. Mas, com o passar do tempo foram se juntando mais pessoas até formar uma quantidade quase igual à de sempre. Encontramos Leandro que começou a falar sobre os frequentadores, sobre homossexualidade e sobre a praça de forma muito bem humorada: “As bichas do CEI, a maioria viraram travestis, conheço um que era travesti e depois foi e virou gay novamente[...]. Eu sou realista e não depravado. Gosto de ver o movimento das gays e conversar sobre sexo [...]. Passada... bicha mulher, vai homem hetero para show de Anita? Não! Vai só bicha e trans. Olha que coisinha linda, (se referindo a um jovem passante) vamos comer o cu dele! Bicha, sabia que todo michê dá o cu por dinheiro. Tem um amigo meu que disse que os michês do bairro dele se você dobrar o cachê, eles dão o cú, mudam logo de posição. São como os homens que se dizem

heteros e são casados, eu já fiquei com vários homens casados todos dão o cú, todos![...] Olhe, eu quero pegar aquela bichinha vou encher o bucho (referência ao estômago) dela de pau, pois ela se acha. Ei! (chamou um jovem que ia passando). Meu amigo quer ficar com você, chupar sua pomba (o menino riu)[...]. Eu não, vou para igreja (se referindo a um grupo de determinada igreja que estava tentando converter os frequentadores da praça), estou no mundo; o mundo também é uma religião[...]. Menino, aqui tem um formigueiro.As formigas estão me mordendo. Vai tomar no cú, formiga! Formiga do cão[...].Menino, essa criatura é uma fêmea, é? É uma mistura (referência a uma pessoa que passava no momento da conversa)[...]. Eu não tenho medo de chuva, já vendi meu corpo na chuva, sou promotora de vendas (no momento estava chovendo levemente). ‘Aff’, olha a bicha bombada, mas tão estranha. E olhe que não estou botando defeitos, pois defeito quem bota é deus, eu só reparo[...]. Meu pai me disse uma vez que comeu um viado para mudar o cardápio, eu achei ótimo, é como os bofes do interior que adoram ficar com bicha. As bichas têm que juntar dinheiro para quando for maricona agradar os bofes[...]. Fico aqui lembrando da Praça do CEI.Lá tinha pencas de bichas ativas, era tão bom”. Leandro mudava rapidamente os assuntos das conversas e falava bastante nos fazendo dar muitas risadas.

Conversa com Jonas -Ele estava bebendo no dia em que conversamos com ele.Estava em um grupo de três amigos e uma amiga, conversei um pouco com todos, mas foi com Jonas que tive conversas mais longas. Ele gosta muito de conversar e, nas suas falas, aborda diversos assuntos: política, drogas, religião e sexualidade.Focamos no último por causa das escolhas e recortes, mas só para nível de norteamento, pois os assuntos se inter-relacionam e se atravessam. Seguem suas partilhas: "Sou bissexual, mas quando namoro ou fico com garotos, não curto ser passivo, tentei uma vez com meu último namorado, porque me sentia seguro com ele, mas não é algo que eu pratique no meu dia a dia. Já namorei uma menina e um menino ao mesmo tempo, mas não deu certo com nenhum dos dois.Agora estou ficando com meu ex-namorado.Ele é legal, mas teve alguns problemas por isso terminamos. Mas acho que ele vem hoje para Mits, aí nos veremos.”

“Aqui na Praça Mits, eu gosto de usar drogas, tipo maconha, bebidas e até comprimidos (psicotrópicos), hoje fiquei de boa, misturei comprimido com bebidas fica um efeito louco”.

Fotografia 5**Psicotr3picos na m3o de Jonas**

“Falo mais quando me drogo, as subst3ncias me fazem ficar reflexivo, sem usar drogas fico mais na minha, fico mais quiet3o.”

Pausa nos relatos, em sua forma sequencial, para adentrarmos no tema da po3tica do espaço. Os relatos acima servir3o, dentre outros fragmentos/artefatos captados nas visitas 3 praça, para a composiç3o dessa po3tica.

2.3 CARTOGRAFIAS, AFETAÇ3ES E REFLEX3ES: A PO3TICADA PRAÇA MITS

Como parte das descriç3es de campo, quero reservar este espaço para uma rubrica sobre as subst3ncias, os sons, as cores e suas tonalidades, os cheiros e as superf3cies. Mobilizo, aqui, as coisas que se conectam ao nosso corpo pelos cinco sentidos. Importante entender que essas conex3es, mesmo usando como porta de entrada um ou mais sentidos, uma vez conectada aos nossos corpos afetam todas as nossas percepç3es, todos os outros sentidos ou quase todos.

O som, por exemplo, adentra-nos pela audiç3o, mas tamb3m pelo tato, no sentido de que se faz sentir em vibraç3es pelo corpo todo. As ondas sonoras, em alta frequ3ncia, batem nos nossos corpos e at3 as sentimos ritmarem com as batidas de nosso coraç3o, ali3s, o coraç3o 3 um “sentido” que n3o foi cadastrado na ordem comum dos sentidos. O m3sculo pulsante parece sentir outras pulsaç3es, um “sentido de pulsaç3o”, se uma frequ3ncia nos toca, o coraç3o dispara, 3rg3o das profundezas do corpo humano, mas que se expande 3 superf3cie da pele. O coraç3o bombeia o sangue pelo corpo e

bombeia como que um campo magnético capaz de sentir pulsações. Dessa forma, o coração é vinculado ao tato da pele. O tato, porque não dizer que também é paladar e visão? A pele tem poros pelos quais ingerimos muitas substâncias, basta atentarmos que alguns venenos adentram pela pele e podem intoxicar todo o corpo. Por outra perspectiva, a pele é cheia de micro olhos que enxergam para além dos dois grandes olhos, vê e formata imagens do sensível das ondulações da vida. A pele ou o couro, nos outros animais, são nossa morada, mas também são o contorno que nos fazem um item e, ao mesmo tempo, nos fazem uma via de energias, fluxos e forças atravessadoras ou percorredoras.

Quando cheguei a essas percepções do corpo e da sua "socialização", pelo auxílio, sobretudo, de Deleuze e Guattari, bem como das experimentações em campo, tive que ver a sociedade de outra forma. Os fatos sociais e as instituições mudaram de significado, pois compreendi que, entre a ideia de reprodução de um fato social, existe uma multiplicidade, como diriam Deleuze e Guattari (2011a), de elementos que fazem com que as coisas modulem-se para além da aparência da mera reprodução do fato; uma realidade nova, seja paralela ao fato ou sobre o fato - ressignificando-o.

Todo esse despertar me fez querer atentar para uma Sociologia do agenciamento - resultante da multiplicidade - e não mais ficar focado nas velhas noções de fato social e instituições. Sem aqui querer desqualificar essas categorias de análise científica, pareceu-me que seria preciso compreender a Sociologia/Antropologia dos sentidos, pois seria importante ver que o corpo executa agenciamentos mediante as conexões via sentidos.

Além de Deleuze e Guattari (2011a, 2012a), Gabriel Tarde (2003) me ajudou a compreender aspectos significativos sobre a forma como produzimos *diferença*. Na "repetição existe variação". Essa sentença de Tarde parece abrir esta pesquisa para observar a multiplicidade que faz o que chamamos comumente de vida social. Uma multiplicidade de sons, cores, sabores, superfícies e cheiros que, assim como qualquer contato com outro humano, dialogam com nossos corpos e provocam mudanças. Dialogam com qualquer outro humano ou junto a qualquer outro humano, haja vista que sempre conversamos, acompanhados de coisas como cheiro e cores de roupa que o outro nos expressa, dentre outros elementos que permanecem, muitas vezes, fora de uma análise social, mas que são fundamentais para entender o rumo de um encontro entre dois corpos. Na verdade, um encontro entre dois nunca será entre dois; sempre será um encontro de múltiplas conexões.

É significativo ver como nossos sentidos atuam. Nossa visão é como uma câmera que registra imagens constantes em nosso arquivo - a memória, imagens selecionadas e passadas pelo filtro de nossas fantasias, desejos e crenças. Sendo assim, nossas memórias são resultados peculiares de uma realidade vivida e dessa filtragem. A audição é, também, em parte seletiva. É possível ouvir sons e não atentar para eles. Dessa forma, os sons se tornam murmúrios sem formas. O paladar, que atua com o olfato, sente os sabores, vivência e o gozo oral das comidas e bebidas. Parece haver em nossos corpos um segundo ponto de paladar que está nas nossas genitálias. Assim como nossas genitálias são tatos ultrassensíveis, também parecem bocas que se abrem ao sabor do outro corpo, um sabor que tem a ver com sensorialidade e semiótica, uma deglutição do outro pelo sexo, uma antropofagia sexual.

Importante também citar as chamadas memórias afetivas que guardamos pelas experimentações dos sentidos. Um perfume de alguém que amamos usado em um dado tempo, quando sentido na atualidade, fará fluir as lembranças dessa pessoa. Isso é a poesia dos sentidos, o fluir de lembranças pela ativação que alguns elementos que nos conectou no passado se reconectam no presente.

Poesia de sentimentos e de memórias sempre ganha novas roupagens, pois a forma como olhamos para nossas memórias sempre será a partir do chão que nossa desterritorialização nos lançou. Um olhar *movente*, como nos faz pensar Zumthor (1997). As memórias possibilitam que no fluir das nossas fantasias e imaginações, nos territorializemos em algo que tenhamos como real, casamento perfeito da realidade/memória com a fantasia/imaginação, sendo que ambas se atravessam e se afetam de tal forma que, em dados momentos, mais parece que a realidade é fantasia ou só funcionará por uma boa dose de fantasia.

Uma substância ingerida ou inalada adentra em nossos organismos de forma sutil, tendo um sabor e cheiro geralmente agradáveis. Vão percorrendo todo o corpo por meio de um sistema circular até chegar aos nossos cérebros e atuar pelo sistema nervoso central. Coisa grandiosa ocorre aqui: nossas moléculas se unem às moléculas da substância que provocarão um resultado que não pode ser totalmente calculado. O efeito de um medicamento, uma droga ilícita ou mesmo a bebida (droga lícita) será uma coisa que não podemos excluir de nossas análises da vida em sociedade, pois alteram a percepção dos sentidos, logo as relações de humano com humano mudarão o tom. São substâncias que podem causar euforia ou calma, aumentar o desejo por algo ou diminuir. Ocorre que o uso das drogas, por exemplo, é uma coisa que modula o corpo

numa frequência que não vem mais só da direção de uma subjetividade em meio a um contexto externo, mas de uma substância que nos possui de forma molecular e mostra outras sensibilidades e percepções, agradáveis ao nosso gosto ou não, e, uma vez dentro de nossos organismos, pode mudar o rumo de uma situação que estamos vivenciando. Moléculas que agitam nossos corpos e que teimam em falar nossa fala em módulos outros. Essa modulação do corpo também ocorre quando ouvimos uma música, mesmo que em outra proporção ou em outra escala. Finais que nossa existência é sempre formada por essas conexões, e de alguma forma sendo em si essas conexões.

Feita essa digressão sobre os sentidos, a seguir, trarei descrições de campo, a partir dos sentidos, observando um por um e retomando alguns dos elementos reflexivos, nessa rubrica introdutória. Vale observar que a tentativa de refletir sobre os corpos em mutações ou modulações nas dimensões dos sentidos tenta captar maior detalhamento das ocorrências e não extirpar os sentidos. Então, quando falo de cartografia da pele, por exemplo, é sabido que a pele está atravessada pelos outros sentidos e pelas múltiplas dimensões do corpo e da vida das pessoas comumente chamadas de seres humanos.

Tento traçar uma cartografia do olhar, a partir das visitas à Praça Mits, para observar os encontros que esses ocasionavam, os humanos e não humanos presentes nesses processos de afetações de corpos-desejantes, e aprofundar, sobretudo, como as afetações permitem *agenciamentos*.

Os agenciamentos são passionais, são composições do desejo. O desejo nada tem a ver com uma determinação natural ou espontânea, só há desejo agenciado, agenciando, maquinando. A racionalidade, o rendimento de um agenciamento não existem sem as paixões que ele coloca em jogo, os desejos que os constituem, tanto quanto ele os constitui. (DELEUZE E GUATTARI, 2012c, P. 83)

Cartografar o olhar, a pele e os corpos é uma forma de tentar compreender como se processam os corpos em mutações, a partir daquele espaço específico. Para isso, também, se fez necessário cartografar a praça na sua inteireza a partir de uma perspectiva nômade. A praça, na nossa compreensão, é mais do que um espaço físico, ela é a própria multidão que é composta de jovens, de plantas, de luzes etc. Ali, os corpos se expandem e se conectam ao todo, não se restringindo às unidades biológicas. Teríamos como perceber corpos em mutações sem compreender o espaço no qual eles se inserem, conectam-se e formam uma multidão, ou seja, sem abrir o entendimento de que esse espaço possibilita ambiente dos agenciamentos aos corpos em mutação - no espaço nômade da Mits?

Fotografia 6

Multidão, Praça Mits²⁰

Podemos pensar a Praça Mits como uma zona autônoma temporária - TAZ (BEY, 1991), enquanto um dado espaço físico que foi escolhido por um coletivo para ser um ambiente de expressões. Algumas questões surgem quando olhamos para composição do coletivo da Mits: por que escolheram esse território geográfico da cidade como espaço físico de sua apropriação? Por que é nas quartas-feiras à noite que acontecem as suas reuniões? Alguns frequentadores forneceram uma das versões de escolha da praça ao afirmarem que o coletivo começou a ir para lá por ser um lugar discreto e próximo ao *Shopping Midway* (lugar onde os jovens marcavam seus encontros), o qual não favorecia espaço de expressão afetiva, mais à vontade. Assim, teria iniciado o movimento de apropriação da *Mitsubishi*, nome dado inicialmente à praça, por ela se situar atrás da empresa *Mitsubishi Motors* da Avenida Salgado Filho. Ultimamente, passaram a chamar de Praça da Mits, surgindo assim comunidades no *facebook* com o título Praça da Mits²¹, um espaço virtual onde alguns jovens postam fotos dos encontros. A escolha das quartas-feiras não foi explicada pelos frequentadores. Quanto ao horário em começar às 18h, parece estar relacionado ao horário do público estudante (que sai das escolas e vai direto para lá). “Os novinhos, menores de idade ficam na praça até às 21h; depois só os que já estão com mais idade, sendo que já aconteceram até pernoites”, assim explica um dos frequentadores. Mas estas questões são secundárias diante do que realmente compõe uma zona autônoma temporária e seu caráter nômade, se pensarmos na perspectiva de Deleuze e Guattari.

²⁰ Fonte: <http://nativamissoes.blogspot.com.br/2013/06/projeto-mitsubishi.html>- 08/01/2015. Site de um dos grupos que fazem proselitismos com as/os jovens na Praça Mits.

²¹ Disponibilizo aqui dois links de Página e Grupo Praça Mits no *Facebook*:
<https://www.facebook.com/pages/PRA%C3%87A-DA-MITS/615366751883633?ref=ts&fref=ts> Visitado em 15/04/2015;

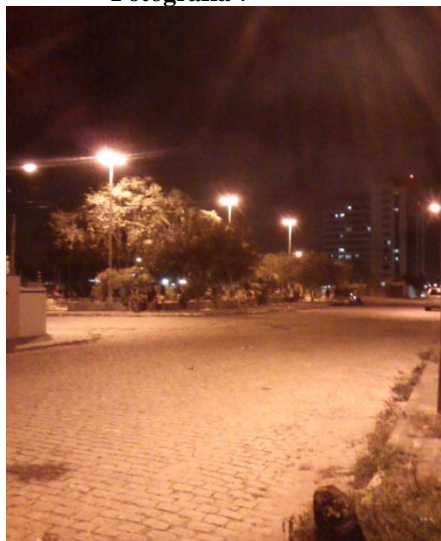
<https://www.facebook.com/groups/682514021801240/?fref=ts> Visitado em 15/04/2015.

Adentrar no espaço da Praça Mits foi **primeira dimensão** desta cartografia. Adentrar não no simples aproximar-se do espaço físico da praça, mas conseguir conexão com o coletivo que a compõe. A Praça Mits é um espaço no qual semanalmente centenas de jovens se apropriam para executar suas expressividades, transmutando o que antes era só praça, fazendo dali um espaço de percursos nômades. A Mits se apresenta assim como um espaço, um caminho e uma expressividade. Traz, em sua constituição, elementos de moralidades, de amoralidades e de inventividades que permitem a construção de novos mundos nas subjetividades dos jovens que por ali se encontram (TAKEUTI, 2002).

Fluxos semanais, trânsitos contínuos em busca daquele espaço localizado entre prédios chiques, casas de famílias e empresas. As vias que conduzem ao ambiente apresentam suas formas físicas e desejantes, configuradas por passos apressados. O que impulsiona esses deslocamentos?

Ficamos a observar quando estávamos em uma das duas principais vias que conduzem àquele ambiente, escutamos sons de risos, faces alegres, feições, sacolas nas mãos com bebidas, dois jovens escorados em um muro residencial na metade da trilha, beijando-se; o movimento era constante de idas e vindas.

Fotografia 7



Rua lateral à praça

O espaço está como um rasgão naquela paisagem urbana, parecendo deslocar aquela rua; incomoda alguns olhos como uma anomalia, como um grito em meio ao silêncio; um fervilhar. Cores, sons, moralidades, amoralidades e imoralidades, um real interstício, cheio de força, de desejo, de busca de vida. Entre os prédios, entre moral e amoral, entre arte, vício e fantasias. Jovens trilham os mesmos percursos físicos para ali

estarem semanalmente, já o percurso desejante nunca é o mesmo, pois o desejo é mutante, e quem dá espaço para ele vivencia seus movimentos de mudança e *devenir* (DELEUZE E GUATTARI, 2012b).

Múltiplas faces e múltiplos corpos nos afetam naquela anomalia magnífica. Olho para um dos lados da praça e vejo cinco jovens agarrados, e próximos a eles, na distância de meio metro, mais três jovens juntos; não estavam namorando, não transavam, só estavam juntos, cantavam, conversavam e sorriam. Corpos se confundiam com carícias fraternas e também eróticas, cabeças escoradas, um som de música pop saía do celular nas mãos de um dos jovens. A letra da música já estava decorada por todos. A uma só voz improvisavam um coro alegre, acompanhado por movimentos de braços e expressões faciais de múltiplas faces, de *facebook* sendo acessado em outros celulares e de passos dos que rodeavam o espaço naquele momento. É a realidade constituída de conexões de corpos, de redes virtuais, de objetos em afetação.

Fotografia 8



Socializações/afetações

*Multicodess*oltos no ar, na pele, nos lábios, nas sensações e nas práticas, multICODES nos rastros, na fumaça do cigarro e nos cheiros. *Multicodes* “trata-se de fragmentos e de fraturas cheias de significados líquidos: um sentido fluido alterado é posto em ação por um panorama contextual [...]” (CANEVACCI, 2005, p.7). Vias/fluxos/interstício = mutações.

A **segunda dimensão** desta cartografia consiste na conexão que fiz com o olhar e suas implicações na vida do coletivo da Praça Mits, pensando a importância do olhar para a vida em sociedade, como instrumento de aproximações e cruzamento de mundos. As trocas de olhares são contínuas, no contraste das luzes amarelas dos postes que dão à roupa e à pele uma tonalidade própria daquele espaço. O olhar busca o objeto do

desejo. Faz uma pesquisa passeando pelos corpos guiado pela *semiótica do tesão*. Um franzir de sobrancelhas, uma mordida nos lábios, uma leve modelagem da musculatura do rosto, formando uma expressão de prazer, de curiosidade, erotismo, dentre outras tantas expressões sobre a pele do rosto, pois o olhar não acontece só pelas esferas dos olhos que se dirigem a alguém. O olhar é algo da pele facial, é uma formatação de rápida máscara composta por olhos, lábios e pele do rosto. Esse conjunto pode ser o *atractor* que conseguirá parar outra face/olhar sobre si; o atractor tem essa potência magnética de fazer a esfera que circula pelo espaço parar sobre ele, que é esse ponto de atração entre olhares (CANEVACCI, 2008).

O olhar se faz perambular pela Praça Mits, circula pelas extremidades do ambiente, fotografa tudo o que é selecionado, pois o olhar seleciona o que deseja focar, perambula como uma criatura selvagem procurando presa, percorrendo campos para satisfazer-se, é inquieto e, mesmo quando o corpo está parado em um dado lugar, ele continua a perambular. É nômade por natureza, não tem uma territorialidade para se fixar, percorre os corpos, os elementos e os objetos. É mítico quando reveste suas paisagens com os sinais e tons de um simbolismo pessoal, cheio de *fetichismo* (CANEVACCI, 2008) quando vê em algo um elemento de prazer e é sexual quando busca uma satisfação visual/orgásmica sobre a pele dos passantes.

Nunca se lança o mesmo olhar sobre uma superfície, há constante mudança ao se projetar o olhar sobre algo, há sempre novos elementos atravessados que modificam o contexto e, portanto, ao olhar um jovem sentado debaixo da árvore fumando, com uma camiseta xadrez, boné e um ar de alegria, nunca mais a imagem se repetirá, como tal, ao meu olhar. Outro dia, ele pode estar no mesmo lugar com os mesmos adereços, mas será impossível que a fotografia visual, que farei dele, seja a mesma, pois elementos novos fazem com que o olhar seja nômade naquilo que ele percebe e captura.

O *tesão do olhar* consiste na contemplação da pele, como uma troca de afetos na qual a visão de dois ou mais percorrem os corpos mutuamente. Os jovens na Praça Mits passeiam sobre os corpos, mergulham no olhar receptor quando os encontram. É nesse evento que reside a possibilidade de um convite para conversar. Isso seria o olhar convidativo, um olhar que se apresenta e se aprecia, e possibilita o segundo contato físico, tendo em vista que o olhar é o primeiro contato físico. Quando os corpos se atraem e se aproximam, surgem palavras muitas vezes desajeitadas: “você vem sempre aqui?”, “eu te conheço de algum lugar”, “você curte ser ativo ou passivo?”, dentre outras frases chaves para se adentrar em um possível diálogo, mas o olhar continua

agindo e agora mais próximo se espalha por todo o corpo, observando seus detalhes. Já não se quer só olhar com os olhos e rosto, mas com as mãos, com a pele. Deseja-se pele com pele. Tudo isso é possível por uma troca de “mensagens” (PERLONGHER, 2008) que não começa e nem termina pela linguagem, mas pela *semiótica do olhar*, (CANEVACCI, 2004, P. 121) acompanhada por um *fluxo de intensidades* que percorre as superfícies do corpo, semiótica que compreendemos como sinais trocados e possíveis de serem entendidos (DELEUZE E GUATTARI, 2012c, Pp. 98 – 99). A vida em sociedade permite o desenvolvimento de uma multiplicidade de semióticas capazes de aproximar sujeitos, de dar início a diálogos e de, em vários casos, produzirem um entrosamento afetivo/sexual.

O olhar que perambula é pura semiótica, permitindo esse aproximar-se e, a partir daí, no encontro dos dois corpos, possibilitar atravessamentos, ou seja, encontro de corpos não necessariamente com fins sexuais que provocam uma cadeia de conexões e possíveis agenciamentos se produzem. Há encontro de corpos não só entre humanos, mas também entre humanos e objetos, animais, substâncias etc. e, mesmo no encontro entre humanos, existe simultaneamente o encontro com o não humano, seja a roupa, o perfume, a maquiagem dentre outros elementos importantes no jogo dos fetiches. Nunca o encontro será só entre dois corpos humanos.

Fotografia 9 fotografia 10



Encontros sexuais/afetivos 1

Encontros sexuais/afetivos 2

A afetação com o corpo do outro ocorre tendo simultaneamente a afetação com não humanos que compõe a cena e que nem sempre exercem papel secundário; às vezes, é o elemento maior de afetação; mesmo se os corpos estivessem nus em cima de uma cama, há a possibilidade de elementos não humanos estarem atravessados no processo de afetação, como o perfume, a própria textura da cama, a iluminação do ambiente. De certo, quando pensamos nas coisas, elementos, substâncias e animais, como agentes nos processos de socialização, conseguimos compreender que não existem só linguagens e

formas de representação dadas, mas existem processos constantes de conexões, e isso se faz com uma complexa teia de coisas em conexões.

Mesmo no olhar, primeiro contato físico, existem afetações. Muitos olhares não culminarão em uma conversa, eles em si são a culminância da apreciação, e são em si produtores de atravessamentos.

A **terceira dimensão** da nossa cartografia consistiu na nossa afetação com a pele dos jovens da multidão LGBTTI da Praça Mits, uma afetação na perspectiva que Rolnik (2006) apresenta, na qual o encontro de dois corpos resulta em troca de intensidades e produz agenciamentos.

A pele fala, tem uma linguagem múltipla, paisagens, expressões, textos, códigos, cores e texturas. Cada membro do corpo revestido de pele é espaço de expressividade, é página que se escrevem textos - não fechados, não terminados. É nela que se pinta a arte. *Ocorpo galeria* é um corpo que comporta a pintura, a escultura, a imagem.

É na pele que as fronteiras entre o social e o biológico se confundem. Nela que são feitos os rabiscos da vida que vão seguindo os fluxos, mas também é nela que as ressignificações ocorrem. A pele do rosto mostra as linhas de expressões, dos sorrisos e das tristezas, sendo um molde das subjetividades; é realmente um molde, uma substância sempre mole e possível para as configurações. É elástica, por isso abraça o *piercing*, as tatuagens e a vida em suas expressões estéticas. Permite-se escarificar para ser superfície deslocada; sangra e transpira o desejo de ser *arte em contínuo*.

A pele tem poros, tem entradas e saídas, tem vibração, sente o frio das noites chuvosas, o calor do verão; sente a sensação do toque de outra pele, comunicando-se, trocando-se fluidos, afetando-se. É nela que ocorre o arrepio, sintoma da emoção, da sensibilidade, o arrepio localizado no pescoço acariciado pelos lábios, nos braços que, sem querer, tocam outro braço, nas genitálias que se esfregam, no corpo inteiro como uma leve descarga elétrica.

A pele é tato, percebe o que os olhos não conseguem captar, os dois olhos são câmeras que foram treinadas para tirar fotos; mas, a pele é desterritorializada, ela consegue sentir os fluxos, tem múltiplos microolhos/sensores que realizam uma visão ampliada. Portanto, a pele fala, mas também vê, escuta e sente. A pele é cheia de fios invisíveis que flutuam em busca de corpos para se conectar, corpos de humanos, de objetos, de textos, de sons, de sensações. São conexões constantes e fluxos contínuos que passam pelos fios invisíveis entre os corpos. Aí reside a mutação, não no que está

dado; mas, na possibilidade, no contínuo, nas forças transcodificadas que passam entre corpos.

A pele fala dos percursos vividos, em cada cicatriz, nas marcas causadas pelo sol, localizando para deslocalizar. Fala nas tatuagens como nos cadueus que desterritorializam o tecido dos seus corpos pelas tatuagens e pinturas de jenipapo, sim, o jenipapo, ele penetra a pele, impregna-se e resiste, é uma perfeita conexão de cor sobre cor. A pele dos cadueus é tela de arte, é beleza e conhecimento (LÉVI-STRAUSS, 1988).

A pele é vestimenta para os corpos. Para muitos, existem pele vergonhosa e pele não vergonhosa em um mesmo corpo; para outros, ela é toda sagrada, é a atmosfera do *cosmo-corpo* (SHEURMANN, 2009), é suave, pintada pela natureza e deve ser acabada e reacabada pelo desejo. É juventude, mesmo enrugada, pois, sente cada temperatura e capta a brisa da vida.

A pele é casa móvel, é solo de dunas que vai se moldando ao sabor dos ventos, é floresta onde habitam feras e animais silvestres. É preciso cartografá-la, senti-la, se conectar às peles e, assim, formar teias de corpos afetados/cruzados. Ela é também jardim florido, verdejante e suave, adentrar nesse jardim é integrar-se aos fluxos, pois nela existe polifonia em explosão constante, transfigurando a realidade. Como superfície do *bodyscape* - corpo paisagem (CANEVACCI, 2008), ela é o primeiro espaço de expressão, que parte dela e se coloca nos espaços físicos, se impondo, teimando, concordando, fugindo, compreendendo e transmutando.

A **quarta dimensão** desta cartografia consiste na compreensão dos corpos dos jovens da Mits. Nessa fase cartográfica, já havia se desenhado nosso objeto de pesquisa: os corpos em mutações na Praça Mits.

Os jovens da Mits apresentam uma inquietude, uma agitação, um giro contínuo em torno da estrutura física do espaço configurado de cores apagadas, de árvores, de flores, de garrafas de 51 (aguardente) quebradas no chão, de filtros de cigarro (piúbas) e de palha de milho envolvendo o proibido, dividindo a paisagem com outros elementos proibidos que se espalham por todo o ambiente em busca de expressão. O proibido, porém, necessário para a expansão da vida. Há um contraste entre as portas fechadas das residências ao redor da praça e a abertura das portas das subjetividades de muitos que por ali perambulam e fazem com que o ranço do proibido adentre por baixo das portas da sociedade produzindo possíveis contaminações.

Fotografia 11**Casal e em frente casas fechadas**

Pensamentos fervilhando nas cabeças cobertas por cortes de cabelos únicos ou que seguem um estilo que tenta se impor, mas que logo perdem as forças para o novo. Sobre os corpos, cores de tecidos, maquiagens ou tatuagens contrastam com as tonalidades da pele jovial desejosa por espaço. Derivas da pele sensível e porosa, sempre capaz de se conectar, não há blindagem que isole e, sim, afetações que transformam. Muitos manifestam a vontade de gritar, de saltar, de “fechar”, uma pulsão do desejo. Derivas por todos os lados da Mits, um espaço, um movimento, uma explosão molecular.

Corpos fazem movimentos não convencionais, desenhando no ar as suas mensagens. As suas vozes com sonoridades extravagantes, algo que não conseguimos enquadrar no que definimos como masculino ou feminino; são movimentos de outra forma de ser; são gestos estranhos ao mundo binário, são balanços sutis que não cabem no feminino e passos que subvertem o masculino, mas partilham o mesmo espaço com os tipos mais comuns de masculino e feminino²².

²² Não queremos aqui mostrar que existem dois tipos de jovens na Praça Mits, os masculinos/femininos e os deslocalizados, pois isto construiria mais um binarismo. O que existe são atravessamentos, camadas/dobras, de práticas normativas e linhas de fuga, afirmações e deslocamentos de gêneros estabelecidos. O que mais me chama a atenção e que podemos perceber (em campo) são as expressões que ganham espaço de fluidez, nas quais o que conta é a liberação dos corpos, possibilitando experimentar e não se fechar na convenção de identidade.

Fotografia 12

Grupo de amigas/amigos que costumavam dançar funk na praça²³

Multiplicidade de movimentos, de performances, um espaço não contido, rasgado em sua própria formatação, sem direção fixa, tendo como caminho o devir contínuo animal-intenso-imperceptível.

Passos insatisfeitos que desejam espaços para afluir e se expressarem. Entre o movimento deslocado e o movimento binário - uma potência do devir-outro está se processando entre contornos e formas - partículas em conexão, corpos cruzados, corpos se afetando e explosão semiótica gerando o novo. *Derivas transformadoras* do não acabado (ESCÓSSIA E TEDESCO, 2009, p. 92), do movimento que não se cansa e que redefine permanentemente as formas.

Na composição do público da Mits, não conseguimos perceber a busca por uma identidade de grupo ou particular, uma vestimenta, um corte de cabelo, um tipo específico de juventude, mas uma variedade de *pragmáticas* e micropolíticas executadas em um curto período de tempo por um mesmo sujeito; uma multiplicidade afetando os jovens, permitindo a vida.

A deriva é necessária para que a vida seja ampliada. É no movimento se impondo à paralisia que o *devir-expressão* é possível, como elemento fundamental ao ser humano, para assim me expressar na esteira de Deleuze e Guattari.

Com a **quinta dimensão** desta cartografia, desenvolveu-se uma preocupação em registrar pontos de tensões e peculiaridades que ocorrem no espaço e nos corpos da multidão Mits. Em algumas visitas, foram mais perceptíveis as tensões e peculiaridades vivenciadas pelas/pelos jovens da Praça Mits.

²³ Fonte: Drummond – Frequentador Mits.

Na noite do dia 02 de setembro de 2014, a praça tinha poucas pessoas quando chegamos, mas próximo às 20h já havia aumentado a quantidade de jovens no espaço. O trânsito era constante, sendo que, vez por outra, algumas/alguns das/dos jovens desciam para comprar bebidas, cigarros ou comidas nos comércios próximos à praça. Nesse fluxo, percebemos o transbordar da praça para outros espaços sociais, ondeas/os jovens vão com suas vestimentas, fecheações e corpos eivados atravessando barreiras e permitindo uma exposição maior de suas máscaras em espaços mais normatizados (do que a Praça Mits), como diz a música do AnarcoFunk - Bixa Pobre: “Bixa, preta, pobre, vadia, degenerada sou o terror da família, peste negra encarnada tô de boa do ciúmes, que se foda o casamento sem herança ou propriedade vou pra comunidade construir um corpo livre sem normatividade com crianças e idosos em um pé de igualdade”²⁴.

No caminho da praça, encontramos esse movimento de transbordar no ônibus. Alguns jovens brincavam e fechavam, dentro do transporte, risadas irreverentes, bichações e muita descontração. Um dos jovens sentados, próximo a mim, começou a falar de uma experiência que havia tido na praça. Uma briga, em que bofetes e chutes rolaram, queixo cortado, muito sangue, uma surra, “você é um viadinho”. Essas eram as palavras dele. Vez por outra, escutamos relatos de brigas na praça, ouvimos barulho de garrafas de vidro quebrando no chão, utilizado como sinal para começar o jogo.

Quando a praça já tinha certa quantidade de jovens, chegaram quatro viaturas da Polícia Militar. Não chegaram de uma só vez, mas em espaços de minutos de uma para a outra. As luzes se misturavam com a claridade amarelada dos postes que circundam a praça, o barulho da sirene, e, rapidamente, policiais saindo com armas em punho, começamos a ter um pouco de receio da abordagem que eles poderiam realizar. O cenário não era agradável, algumas/alguns jovens começaram a descer em direção à rodovia, muitos perguntavam o que estava acontecendo. “Mãos na cabeça, rápido, vamos agilizar!”, gritava um policial vindo em nossa direção. A voz de ordem do policial, aquelas luzes das viaturas, o movimento de desassossego nos fizeram sentir por um instante a sensação de imersão na “marginalidade”, produzida por aquele cenário. “Eu sou mulher, não podem me dar baculejo!”, brincava um dos meninos com as mãos na cabeça encostada na bancada, “sou menor de idade, eles não podem me abordar, tenho só quinze anos!”, outro menino expressou. Um policial jovem se aproximou do

²⁴Usamos como referência os seguintes canais:

<https://www.facebook.com/anarko.depressao/posts/155246281345374>

http://www.youtube.com/watch?v=6prb4jmp_Ms, consultados em 10/10/14

lugar onde estávamos com as mãos na cabeça e disse: “pessoal, pode tirar as mãos da cabeça, nós só viemos aqui porque recebemos uma denúncia da vizinhança de que estavam usando drogas e se beijando no espaço público”. Um dos jovens que estava conosco nos perguntou se era proibido beijar ali, espantado com o que tinha escutado. Era o beijo proibido que rapidamente ganhou espaço naquele lugar, não só pelas palavras do policial, mas pelos que não se assustavam com a ação dos rapazes a serviço da ordem, e, agarrados, se beijavam e faziam suas bichações, o que, na verdade, resultou até em risos de alguns dos policiais que passavam já indo em direção às viaturas.

A abordagem foi de certo surpreendente, assustou, tentou satisfazer a vontade de quem tinha denunciado o movimento. Ficamos com a impressão de que os policiais não estavam a fim de dar baculejo em ninguém, só estavam cumprindo uma ação obrigatória ao seu ofício. Pensamos, também, sobre o direito que as juventudes têm em espaços públicos e como jovens transformam ambientes “sem vida” em TAZ - zonas autônomas temporárias, onde são possíveis as expressões de corpos desejantes em constante mutação.

Outro fato foi que um dos jovens frequentadores da Mits, certo dia, nos comunicou que tinha sofrido um assalto na praça. Alguns aspectos nos chamaram a atenção no ocorrido. Primeiro, por tratar-se de um menor de idade e segundo o fato da violência do ocorrido. Partiu dele o relato sobre o assalto, ficamos curiosos sobre como os pais dele reagiram quando souberam do ocorrido. Ele nos falou que só contou para a mãe e, mesmo assim, mentiu sobre o lugar onde tinha ocorrido. O ocultar o lugar do assalto faz parte da estratégia de não revelar aos pais o espaço Mits. Muitos jovens usam dela, pois “não são assumidos” para os pais; como tendo uma sexualidade dissidente. No caso do assalto, havia mais uma questão: o jovem tinha acabado de completar quinze anos, sua situação era de dependência em relação aos pais, não podendo arriscar-se revelando sua homossexualidade. O jovem descreveu que o assaltante estava armado e pediu seu celular, perguntamos se depois do ocorrido ele tinha permanecido na praça, ele nos surpreendeu dizendo que sim, mas que não demorou muito em ir para casa. A experiência do assalto não é algo inédita, já tínhamos escutado, em outros momentos, relatos de assaltos no entorno da praça, mas que não diminui o fluxo de jovens no espaço.

Pensando no assalto do menor e do não dito em casa, lembramo-nos de outro momento quando estávamos a pesquisar: afastamo-nos um pouco da praça para fazer uma imagem panorâmica do espaço, quando de repente fomos surpreendidos por um

jovem que, acompanhado por duas amigas, vinha chorando em direção à praça; sua atitudenos chamou a atenção.Quando voltamos à praça, por acaso, o mesmo jovem veio e sentou ao nosso lado com uma das meninas que, anteriormente, o havia consolado.Foi aí que descobrimos o motivo do seu pranto: tinha sido expulso de casa pelos pais.

Percebemos, naquela situação, o medo que alguns jovens têm de revelar aos pais sobre sua sexualidade, e sofrer esse tipo de castigo.Já vimos alguns casos de expulsão violentos deixando a/o jovem totalmente desamparado, pelo fato de ser homossexual, lésbica ou transexual. A/o jovem é obrigado a sair do lar, a cortar relações com a família, ficando totalmente à mercê da “sorte”, dependendo da generosidade de amigas/amigos ou parentes que lhe deem abrigo temporário.Umas/uns ficam saindo de uma casa e indo para outra, em movimento constante de desassossego. São situações que acontecem mais do que pensamos.Mesmo quando a pessoa não é expulsa de casa, é tratada como “anômala”, em muitos dos casos, e vive em situação de desprezo e humilhação dentro de sua própria casa.

Contudo, muitas/muitos jovens enfrentam e preferem contar aos pais sobre suas condições sexuais.Foi o que aconteceu com outro frequentador da Mits que tem idade de quinze anos e falou para os pais que é homossexual.Ele me revelou que, desde então, a situação em casa se tornou estranha, um “clima chato”. Nós, como ouvintes da partilha de suas dificuldades, ficamos tentando compreender como é difícil, sobretudo, para quem depende dos pais, revelar sua sexualidade não heterossexual e ter que se submeter a um ambiente de negação, de não reconhecimento.

Outro ponto que gera tensões são as crenças de alguns jovens que frequentam a Mits.Eles demonstram ter conflitos com as doutrinasreligiosas as quais seguiam e as suas sexualidades. Alguns deles procuram outras formas de crença que os aceitem.

Pensar as crenças das juventudes da Mits é compreender que, assim como em outros lugares, existem variedades de perspectivas. Mesmo esse assunto sendo secundário nesta pesquisa, não pudemos deixar de perceber as expressões que tocavam as crenças das/dosjovens que frequentam o espaço.

Ao observarmos, poderíamos dizer que três momentos ou dimensões foram de alguma relevância e, sendo assim, foram feitos os registros desses pontos: o terço, o Pentecostalismo e as Pombas Giras. Desses três momentos, fizemos a escolha de dedicar maior reflexão ao que vamos chamar de “dimensão Pomba Gira” e fazer umabrevedigressão dos saberes em torno dessa entidade, das práticas das juventudes da Praça Mits e do aporte teórico da pesquisa.

Antes de passar para a dimensão Pomba Gira e a sua pertinência para elucidar algumas questões e para compreender algumas práticas de jovens na Mits, devo-me deter em duas outras dimensões de crença rastreadas. O terço: em uma das visitas, estávamos sentados na grama onde havia um momento de conversa sobre as particularidades de alguns dos presentes. Essas conversas são comuns e, vez por outra, são regadas a bebidas e algumas outras substâncias como canabis ou tabaco. Próximo a esse ciclo de conversas, havia uns jovens conversando em pé. A partir daí, em um certo momento, um deles olhando para o lugar onde estávamos tirou um terço do bolso. Ficamos tentando pensar se ele fazia parte de algum movimento do Catolicismo Romano ou se usava o terço como uma forma de talismã, mas, por falta de entrosamento, não chegamos a conversar com ele sobre o episódio, só que a retirada do terço foi bem encenada por ele para que percebêssemos.

O Pentecostalismo: um dos dias de visita, havia na praça, assim como também pudemos ver isso em outros dias, algumas pessoas distribuindo panfletos com mensagens da bíblia; mas o que chamou a atenção foi que, estando sentados perto em um dado ponto da praça para observar o movimento, duas dessas pessoas se aproximaram de jovens e começaram a passar uma mensagem, no tom daquilo que essas pessoas chamam de evangelização, e cuja mensagem culminou na seguinte fala: "deus não aceita as práticas homossexuais porque na bíblia diz que ele criou homem e mulher". Assim foi encerrada a pequena pregação daquelas pessoas. Depois, fomos ver qual era a igreja responsável pelo grupo e descobri que era uma denominação pentecostal que preferimos aqui não falar o nome. Em uma conversa com um jovem, ele manifestou a insatisfação com essas abordagens: "eles vêm e ficam querendo converter a gente, para gente deixar de ser gay!".

Dimensão Pomba Gira: ocorreu em algumas conversas com Arleans, Emanuel e com Lorrane. Sendo que seguirei com o relato de Arleans: como ele enxerga essa entidade e como os saberes em torno dela dialogam com alguns aportes conceituais da pesquisa.

“Pomba Gira é mulher, é um exu mulher, é senhora das ruas e das encruzadas. Na verdade, não existe uma única Pomba Gira, são falanges que atuam com títulos diferentes, existem as pombas giras Marias Molambos, as Damas da Noite, as Marias Padilhas e várias outras. Todas são mulheres da rua e mulheres inconformadas com as regras que as submetiam. São belas e elegantes, gostam de bebidas doces e cigarros. Nas suas festas, elas dançam, bebem e fumam, e conversam com os participantes. São

brincalhonas e dão gargalhadas, muitas gargalhadas. Jogam perfumes sobre as pessoas que estão na festa e oferecem suas taças para aqueles que elas escolhem para que bebam de sua bebida. O que me faz gostar de pomba gira é a possibilidade de ter uma entidade espiritual que me aceita como sou e que trabalha em meu favor e que assim como eu não se submeteu às regras que eram opressoras em suas sociedades”.

O que chama a atenção nas noções acerca das Pombas Giras são as narrativas de suas desterritorializações, o que me faz pensar nelas como entidades nômades e mutantes, que giravam para se colocarem no mundo e poderem viver alguma forma de vida para além das que lhes eram impostas.

Dimensão bate-cabelo -Em uma das visitas a campo, sentado em um dos ângulos da praça, conversava com um amigo que ali encontrei passeando. Falávamos sobre diversos assuntos como religião, estilos, recepção da vizinhança, dentre outras abordagens sobre a Praça Mits. Enquanto conversávamos, algo nos chamou a atenção, um aglomerado de jovens em um dos lados da praça, muitas risadas e gritos. Tentamos dirigir nossos olhares para captar o que se processava, mas não conseguimos ver por causa do aglomerado. Pensamos ser uma briga, mas rapidamente o aglomerado começou a aplaudir e, em segundos, em todos os ângulos da praça se aplaudia, um movimento que contagiou o espaço quase que totalmente; muitos aplaudiam sem saber o que estava acontecendo, pois, assim como nosso amigo, não tinham conseguido ver o que tinha acontecido, mas ao sabor da agitação entravam “na onda” e aplaudiam formando uma “grande barulheira”. Somente na saída, descobrimos o que tinha acontecido: dois jovens tinham feito um “duelo de bate-cabelo”.

O bate-cabelo é um movimento que, acompanhado ou não de dança e música, movimenta a cabeça em círculo e/ou para os lados nas direções dos ombros, peitos e costas, rapidamente. Pudemos compreender, nesse movimento, uma expressividade extravagante que proclama uma espontaneidade, um movimento sem sentido. A cabeça aparece, nesse movimento, como vetor de descodificação, não há direção previamente delimitada, não se pensa em quantidade de giros, o que ocorre são intensidades deslocando o corpo no ar; um transe na fluidez do som e dos códigos estabelecidos; um desvario momentâneo causador de fissuras. O pescoço se torna suporte de uma cabeça que mais parece um redemoinho, permitindo-se por um instante sentir um giro em torno de si, um balanço em torno do corpo e uma agitação que pode ser transformadora. O bate-cabelo é um vetor, por ter a possibilidade de ser em si desvario, anomalia e

intensidade; o corpo da pessoa sente, nesse movimento, o rasgar do ar, o vento tocando sua pele quente pelo aceleração do pulsar sanguíneo, a tontura como se houvesse ingerido alguma química. O dançante desloca-se de si por meio de movimentos não calculados pela razão, mas pelo corpo, pelo possível e pelo desejo de expressão.

O bate-cabelo é um manifesto da bicha²⁵. Nele, ela expressa sem verbalizar sua crítica à prisão dos corpos nas normas, seu desejo de fluir e no seu corpo experimentar a liberdade, sentir um corpo solto, saltitante e em si espaço de possibilidades e expressões. Esse manifesto não necessita de palavras, de discursos políticos ou elaboração estratégica. Sua força está em ser descodificado, em sair das formas verbais e passar para intensidades, e, no devir, não tem direção prescrita. Trata-se de sua única limitação da possibilidade física de articulação dos músculos do pescoço.

No momento do bate-cabelo, ocorre uma resistência e persistência, que faz o movimento parecer anormal em torno das possibilidades do corpo: “a bicha vai quebrar o pescoço”, escutam-se algumas/alguns jovens falarem, ao presenciar o girar acelerado da cabeça. O bate-cabelo consegue fugir das formas de representação quando se coloca como intensidade no ar e sobre os corpos. Sua potência visual não atrai apenas olhares atentos e acompanhados por exaltações; mas também, olhares indignados com “algo tão absurdo”. Os olhares indignados são os das afirmações normativas que regem os corpos, seus movimentos, papéis e vestimentas. Portanto, o bate-cabelo tem o papel de incomodar os localizados e localizadores das normas corporais, ele se faz desvairado e absurdo quando teima em fissurar códigos e se colocar como manifestação livre do corpo. Em um outro olhar, pode-se dizer que o bate-cabelo é uma forma necessária de expressão de pessoas que têm suas vidas enclausuradas no preconceito e que aprisionadas são sufocadas no seu cotidiano, reprimidas em seus desejos, não necessariamente por discursos verbalizados, mas por um conjunto de códigos e instituições que impõem a heteronormatividade como verdade divina, eterna e natural. Quando alguém consegue fissurar esse conjunto de realidade, que não está no campo só da representação, mas está subjetivado em sua pele, nas moléculas do seu corpo, e chega a um espaço como a Praça Mits, onde existe a possibilidade de expressão, o bate-cabelo se coloca como *linha de fuga* (DELEUZE E GUATTARI, 2011a), como *explosão de códigos* (DELEUZE, 2006), como um movimento de “bicho preso” que

²⁵Bicha - é o termo que é usado comumente pelas/pelos jovens em campo, por isso resolvemos ser fiéis à expressão que está cheia de significações próprias da comunidade LGBTTI. À frente, abordaremos mais esse assunto.

encontra brecha para fuga e, nisso, o movimento que faz é uma explosão em torno de si. O bate-cabelo é uma expressividade, nessa ótica, de respiração profunda, de grito por espaços. Questiona as políticas hegemônicas dos corpos, que codificam todas as células, mostrando-se rebelde e selvagem; o bate-cabelo é, assim, nômade, não segue um sentido em seu movimento, mas explode em intensidades.

As palmas que o bate-cabelo suscitou, rapidamente, tomaram conta da praça como um todo, produzindo uma vibração que junto com outras questões movimentam e agitam os jovens da Mits, como o Dance Tribal que, em outra visita a campo, pudemos presenciar. A dança é capaz de englobar a praça e transmutá-la. Estávamos sentando em um dos ângulos da praça, observando o movimento, quando chegou um carro. Abriram-se as portas, e alguns jovens desceram e ligaram o som do carro. O volume podia alcançar todos os ângulos do espaço Mits. A música produziu um novo efeito naquele ambiente, como que uma paisagem nova se formasse. A partir do som do Tribal, que vibrava nas peles dos jovens, era possível ver um suscitador de sentimentos, lembranças e emoções, o que gerou afetações. Suas ondas espalhadas no espaço tocavam os corpos em suaves sensações, mas movimentava uma agitação não suave. Danças eram executadas e encenação de desfiles se fazia em mimese do que acontece nas passarelas de modas. O som animou, afetou e modificou a Praça Mits, suscitou novas feições, risos e expressões de alegria.

A bicha, o bate-cabelo e o Tribal são elementos de possíveis agenciamentos e mutações nos corpos em movimento na Praça Mits. Os agenciamentos podem ocorrer pela mistura desses elementos, permitindo novas realidades. São vetores que introduzem no espaço, potencialidades; forças são disparadas; agitações e fluxos entram em ação pelas afetações que estes vetores podem gerar nos corpos.

O Tribal e outras músicas, na Praça Mits, me levaram a uma reflexão do efeito da música em mim, fazendo, dessa forma, uma autcartografia de como experimentei, no campo de pesquisa, esses efeitos. Pensando sobre como a música é um vetor de possibilidades para agenciamentos e em suas modulações, os corpos em suas estilísticas/movimentos/tesões vão se movimentando. Na primeira visita que fiz a campo, a música que estava tocando e sendo coreografada por algumas pessoas era *Call Me Maybede Carly Rae Jepsen*. A melodia tornou-se, para mim, o emblema sonoro da praça; todas as vezes que a ouvia eu mereportava à cena vivenciada, em sua potência e em suas afetações.

A partir daquela cena, fiquei a refletir sobre como a arte da música pode nos possuir de tal forma a nos transformar em um corpo em vibrações. Sentimo-nos alterados. Uma sensação de gozo invade nossos corpos; como uma corrente elétrica, ficamos em exaltação e regozijantes como uma criança nas desdobras de suas “artes”.

Ficamos como em “possessão por um espírito” que nos impulsiona a movimentar-nos a contorcer os corpos. Por outro ângulo, os corpos se expandem pela ondulação musical e ocupa, livremente, o espaço. Há um frenesi que nos leva a um estado de deslocamento de consciência, acionando uma percepção impulsionada pelos poros e conectores das nossas peles plugadas pela vibração musical. Parecemos uma caixa de som conectada à densidade musical, transforma-nos em platô de intensidades, como diriam Deleuze e Guattari (2012a,c). Transformamo-nos em uma agitação ambulante. A música nos desloca de nós mesmos, de nossos sentidos adestrados, nos impulsionando a uma dimensão de poder e de força vital e vibrátil.

Na música, não há morte e nem vida, há intensidades sendo disparadas, um poder que torna um instante, alongado, e possibilita que os prolongamentos sejam um instante. Assim, a música nos invade, fina como um fio catete que vai na profundidade, mas não para sondar e, sim, para se conectar. Vai, sobretudo, na profundidade da pele, sua superfície. A música é como um ser invasor que adentrando dispara forças ocultas e suscita sentimentos, alegrias, lágrimas, tesão etc.

Pensamos também em como a música está na ritualística da vida como um caldeirão que mistura e dissolve elementos para constituir novos sabores. Pois, a música é arte, é ritual e é vitalidade. Todos os povos desenvolveram seus sons que manifestam a ritualística de suas existências, em toques de tambores e vibrações. Em alguns povos, acredita-se que a divindade manifesta-se por meio da música. Em outros, a música é usada para adorar as deidades. Ela também é usada nas festividades e assim acompanha a vida, quebrando fronteiras e possibilitando atravessamentos.

Na Praça Mits, como visto, a música é um elemento importante para as socializações/agitações. Os jovens que escutavam a música, quando chegamos à praça, naquela primeira visita, usavam, para tal, uma caixinha de música. A música era acompanhada de danças. Eles construía uma atmosfera de festividade e alegria. Logo, afetamo-nos com aquela música que foi a chave de conexão com o campo e sua vibratibilidade, fazendo-nos perceber uma arte no corpo e no cotidiano jovem. O embalo da música agitava os corpos com suas estilísticas (cabelos, roupas, piercings, maquiagens etc.), com a multiplicidade sexual como modulação “artística do tesão” e

nas feições expressas nos movimentos corporais, comumente chamados de performances. Nisso, compreendemos uma arte da vida, a arte do criar, da inventividade da vida, a arte de uma multidão de jovens aglomerados em torno de uma música, coreografando-a.

Não é difícil perceber os elementos agenciadores na multidão da Praça Mits, assim como na vida de forma geral, e ouvir em seus relatos a presença forte da experimentação que pode resultar o que denominamos de mutações, mesmo que eles não chamem por este nome.

A arte-música inspira a vida e a reveste de vibratibilidade e potencialidade. A música anima e suscita momentos de alegria. Ela inspira poesias outras, como um trampolim ou um disparo; um tipo de "substância" capaz de conexão e hibridação, uma *mônada aberta* que se acopla às mônadas corporais (TARDE, 2003) e possibilita a alteração/inspiração que constrói inventividades. A música é composta por uma realidade inteligível, mas também por fluxos e ondulação, sendo assim uma potência bifurcada.

Música esquizo que desterritorializa corpos em saltos, performances, sutilezas sobre a atmosfera da vida. Sons que movimentam os corpos em torno de si e do espaço, cortando o ar com peculiaridades, como descreve Takeuti quando se refere às performances artísticas dos jovens do Hip Hop (2010, 2013)²⁶.

A tecnologia se apropria da música e esta se apropria da tecnologia construindo novos ritmos e acoplagens. Com a eletrônica, as ondulações chegam a picos e usos de elementos jamais imaginados.

No tocante às tecnologias e sua acoplagem com a arte da música, queremos retomar o Dance Tribal, que é exemplo disso, estilo, vez por outra, apreciado na Praça Mits. Geralmente, jovens que compõem a multidão Mits utilizam seus celulares para ouvir músicas (eletrônica, POP e funk), só em algumas poucas vezes apareceram pessoas com carros que, estacionados à frente da praça, abrem as portas e ligam um som de Dance Tribal.

²⁶ Texto publicado na coletânea *Práticas de formação, memória e pesquisa (auto)biográfica*, no ano de 2010, republicado em Conexões híbridas, 2015:

[https://conexoeshbridas.files.wordpress.com/2015/07/corpos-em-movimento-no-hip-hop-e-devir-](https://conexoeshbridas.files.wordpress.com/2015/07/corpos-em-movimento-no-hip-hop-e-devir-jovem.pdf)

[jovem.pdf](https://conexoeshbridas.files.wordpress.com/2015/07/corpos-em-movimento-no-hip-hop-e-devir-jovem.pdf). Segundo texto publicado nos Anais do ALAS (Asociación Latinoamericana de Sociología), no ano de 2013. Disponível em:

http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT29/GT29_MissaeTakeuti.pdf.

Consultas em: 24/09/2015

É pelos celulares, também, que as/os jovens lançam expressões do espaço mits para além da geografia da praça, expandindo a “musicalidade da vida”. Em dados momentos, a praça se expande ao mundo virtual em múltiplas conexões. Trata-se de juventudes *ciborgue*, como nos faz refletir Donna Haraway (2009), em *Antropologia do ciborgue*. Por outra perspectiva, chamaríamos de Juventudes em fluxos *ubíquos e pós humanos* (HARAWAY, 2009), plugados a múltiplos espaços e múltiplas linguagens e semióticas (múltiplos sons). O celular é o portal das possibilidades, trazendo para a praça presenças variadas e lançando da praça a outras localidades, por meio do *facebook, whats, instagram* etc. Assim, a arte da música e dança se junta à possibilidade de múltiplas comunicações e suscita possíveis aberturas na multidão.

"Arte é liberdade", essa frase estava em um muro, um lugar feito com outra função e que rapidamente ganha novos propósitos. A frase no muro não só fala de arte, mas a um dado ponto, se torna arte. Uma arte menor, como nos inspira Deleuze e Guattari (2014).

A arte é sentida como liberdade porque potencializa aquela/aquele que “deglute” e ela, de certo modo, a/o dignifica. A potência criadora da arte possibilitaria à subjetividade novas composições, um novo olhar. Pessoas em estado de vulnerabilidades, ao se conectarem com as artes, podem deixar fluir potencialidades inventivas. De outro lado, atravessada por essa força, está a dignidade, ou a noção de sentir-se criador, portanto, dignidade como uso da potência criadora. Trata-se de uma micropolítica da vida em arte (DELEUZE E GUATTARI, 2012a, TAKEUTI, 2010), da vida que não está fadada ao que foi prescrito, porém a vida que se coloca em vias de devir.

A frase do muro exalta as artes e, ao mesmo tempo, é arte. Mostra os saberes das vidas de pessoas que experimentaram, nas pragmáticas da existência, o sabor das artes. Uma arte que se faz cotidiana e que resulta de conexões. É arte a frase no muro, quando se apresenta como uma transformação de uma superfície significativa - sobre outros significados. Nisso, a uma similitude daquele muro com a atmosfera da Praça Mits que, ao ser envolvida pela vibratibilidade de uma pichação, dance e/ou uma bate cabelo, se transmuta e possibilita um novo cenário de corpos em movimentos ritmados/agitados.



Pichações

Corpos se agitam e circulam a praça sobre novo embalo, a praça que não é mais praça pública comum e sim MITS, resultados dos múltiplos elementos, múltiplas semióticas, múltiplas linguagens, múltiplas pessoas, etc., - *multidão*, como nos faz refletir Deleuze e Guattari (2012a) ou multiplicidade de *mônadas* (TARDE, 2003), e com o dance - múltiplas ondulações que tocam as subjetividades na profundidade dos corpos (a pele). Os corpos dançam e erotizam seus contornos em movimentos, misturam a apreciação das artes-musicais com a erotização de si e com afetações.

O tesão é permeado de **semiótica**, atravessado por códigos. A forma como nossos corpos reagem a certas circunstâncias e pessoas tem a ver com um conjunto de elementos ambientais (em grande proporção, irrefletidos).

O tesão que sentimos em um dado lugar, por alguém, não se repetirá na mesma "textura". As cores, cheiros e sons juntam-se a códigos de vestir, às semióticas dos corpos e à estética dos movimentos sincronizados com as sutilezas da fala, do olhar e da expressão facial. São múltiplas dimensões que juntas suscitam o tesão.

O contexto que se está a viver a fase da vida também será fator importante na caracterização do tesão; será como uma moldura que rodeia o quadro de arte, enriquecendo-o de beleza. Dessa forma, os contextos e fases enriquecem o tesão com uma singularidade ainda maior, construindo sensações e vibrações singulares.

As substâncias ingeridas (denominadas de drogas) também afetam e geram certos tipos de tesões que não ocorreriam de outra forma; possibilitam aberturas e fluidez a experimentações. Mesmo a comida ou alguma bebida afeta uma circunstância do tesão, podendo se tornar eroticidade e resultar na excitação.

Portanto, o tesão tem uma especialidade e um contexto, onde elementos do corpo, no corpo e no entorno do corpo estão fundidos, dando a sua forma. Dessa feita, o

tesão também é uma realidade nômade, se desloca e muda de acordo com as circunstâncias vivenciadas e com o conjunto de elementos participantes da situação.

Como ocorre o tesão nas juventudes da Mits? Os corpos na Mits estão posicionados para possibilidades de tesão. Nas conversas, percebemos que a caça é um dos grandes motivadores de a multidão Mits se constituir, juntamente com os encontros de amigas/amigos para beber e conversar.

Os corpos juvenis erotizam em calças apertadas, com cores múltiplas de vestimentas e variados modelos dos cabelos (elementos já citados em outros momentos), juntamente com perfumes e gingados. Expressam-se para caçar e ficar, em três grandes atos: o olhar, o circular no entorno da praça e, por fim, a culminância da caça, os sarros e os beijos. Ali, elas/eles beijam-se livremente. O espaço possibilita a sensação de liberdade; a multidão fortalece as possibilidades de manifestação dos afetos e feições das/dos jovens que ali se encontram. Nesse caso, os afetos manifestados, no ato do ficar a dois, dividem sempre a paisagem com as feições de outras pessoas, o que ocorre simultaneamente. Dessa forma, a multidão pode potencializar cada sujeito ali presente, que se sentirá à vontade para manifestar seu tesão.

As árvores servem de abrigo para o “esfregado”. Peles arrepiados, lábios se tocando, corpos fundidos pelo tesão. Pausas para respirar; trocam-se algumas palavras e depois se retomam as carícias.

Não é raro que esse evento, do tesão, culmine na graminha, um lugar discreto que existe próximo à Praça Mits, onde os jovens sentem-se à vontade para transar.

Semiótica dos movimentos corporais que forma as estéticas do corpo em movimento. A forma como movimentamos nossos corpos segue uma estética própria do grupo ao qual estamos conectados ou das conexões que vamos fazendo nos nossos percursos. Essa estética estará sempre em mudança no decorrer da vida.

A tonalidade da voz, a forma como balançamos a cabeça, o remar dos braços e pernas seguem uma estilística, uma forma de se movimentar no espaço.

A forma que andamos e gesticulamos nas nossas interações vão mostrando um jeito peculiar de movimentos. Isso fica claro quando observamos a forma de falar de um francês em comparação a um alemão; mesmo pessoas de um mesmo continente têm características particulares na rítmica da voz, acompanhada com sutilezas nos gestos faciais e corporais em gerais.

Na Mits, existem múltiplas expressões corporais de juventudes que tentam se expressar e sensualizar para atrair parceiros sexuais/afetivos ou amizades.

Semiótica do Vestir - estilísticas das vestimentas, adereços e cores sobre o corpo. A pele seria a primeira vestimenta e é nela que vamos modelando formas e colocando adereços.

Segue o **ensaio fotográfico** que realizei sobre os estilos das/dos jovens da Mits, algumas fotos foram retiradas por elas/eles/ mesmas/mesmos nos momentos das nossas conversas. Em todas as visitas, foram tomadas fotografias que nos auxiliaram no registro de alguns detalhes e na caracterização do espaço. Seguem (fotografias 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20):



Cabelos azuis e vermelho²⁷

Skatista

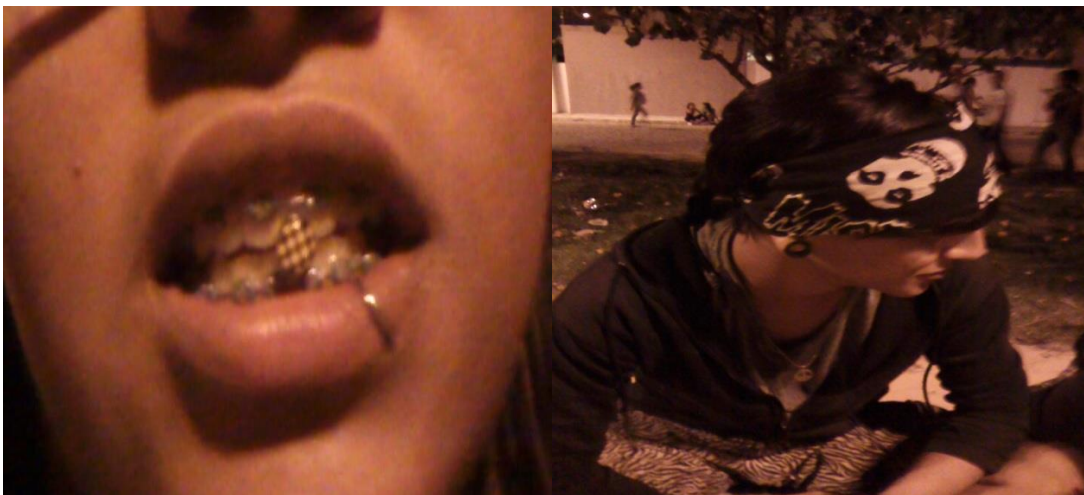
Camiseta remodelada



Bonés abas retas

Mistura de estilos

²⁷ Fonte: Um dos meninos, com quem conversamos no dia, de nome Renato.



Piercings na língua e lábio

Alargador na orelha

Atravessamento das três semióticas e as mutações: não existem três realidades separadas, elas são contornos de uma mesma realidade, que só separamos a nível de reflexão, mas as roupas e cores sobre peles vibram em tensão, assim como não existe tensão sem os movimentos corporais em suas coreografias.

2.4 MUTAÇÕES

A mutação (mudança/transformação na linguagem de campo) se torna clara em campo, não só porque conseguimos perceber que os jovens modelam seus corpos - revestem-no com devir-vestimenta, e desenvolvem performances²⁸ com um tipo de devir-outro, mas também por cada nova conexão que resulta em mudança.

Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas. (DELEUZE E GUATTARI, 2011a, p.24)

A/o jovem, portanto, está em constante movimento de formatação, que compreendemos como mutação. No tecido de sua pele, ele perfura, tingindo temporariamente ou permanentemente, deslocando-se dos estados de normalidade. Seu corpo como tela é espaço para arte, é espaço para expressão e uma mostra de textos outros, feitos em tatuagens, purpurinas e cicatrizes.

²⁸Butler (1998) contribui com a noção de performances de gênero – a partir das ideias de que a linguagem atravessa os corpos e se expressa em performances.

Nas noites de quartas-feiras, jovens se colocam na frente de seus espelhos, suas peles sedosas são superfície para os pincéis de maquiagens que deslizam formando uma máscara. Às vezes, inédita ou repetida; às vezes, utilizada em um único momento. O toque do pincel com a cor escolhida vai massageando a pele com a cor do desejo, a cor da paixão, a cor da vida.

Ocorreu que, em uma das quartas-feiras, uma dada pessoa chegando à praça, ao encontrar os amigos foi apontada por alguns como estando mais feminina. Sua nova forma já não era a de alguns dias atrás; algo mudou, se transmutou. Os nossos olhares teimaram em direcionar aquele movimento para a androginia (meu olhar pessoal). Porém, com um pouco de esforço, deslocaram-se as percepções, para o não enquadramento, e focou-se o ouvir/olhar nas falas das/dos amigas/amigos que expressavam que seu corpo tinha sido lugar de mudanças. Percebemos que sua presença introduzia um novo agenciamento: trouxe consigo um movimento, uma agitação; e, transmutada, transmutou o espaço em que estávamos. Sua presença trazia conexões novas e nisso possíveis agenciamentos transformadores de “natureza”.

Em outro lugar da praça, vimos alguém expondo seus seios recém-modelados. Percebemos que nisso está a mutação. Um corpo rebelde diante do sistema cis²⁹, um corpo, espaço de possibilidades e expressões, que exprime uma insatisfação não consigo mesmo, mas com quem ou com o que quer submetê-lo à limitação, um corpo em modelação – plasticidades a favor do desejo, do gosto, das conexões, das mutações.

Mutação nos movimentos corporais³⁰, nas “fechações” manifestadas nos rostos, no bate-cabelo e nas danças. Um grito por espaço de expressão, por formatação de novas formas de conhecimento – deslocado, escarnecedor da moral, desmoralizando até mesmo as morais dos que, estando na praça, se apegam a ideias identitárias e caem na cilada da *captura de suas subjetividades* (ROLNIK, 2006), reforçando as mesmas estruturas heteronormativas, construindo um tipo de homonormatividade.

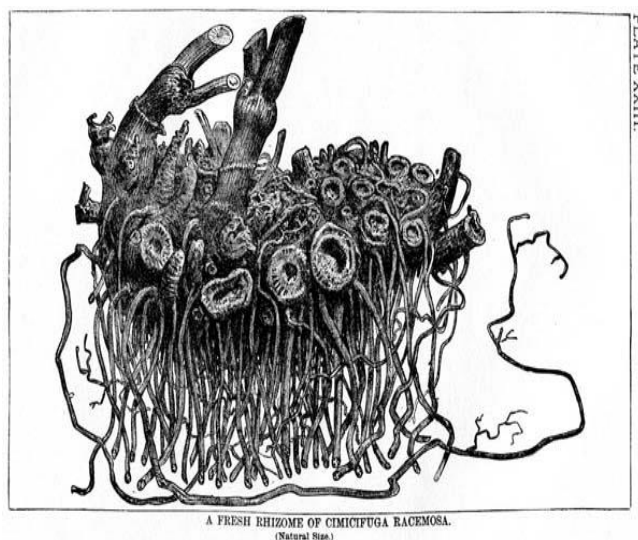
²⁹ “Política cisgênero”, práticas sociais de atribuir um gênero baseados na genitália da criança. Pênis para identificar como masculino/homem e vagina para identificar como feminino/mulher.

³⁰ Para a mutação, existe menino de pênis e/ou vagina, menina de pênis e/ou vagina e corpos com pênis/ou vagina, mas que não se apresenta como menino ou menina, só são pessoas. Existem corpos que assumem a ambiguidade e transitam entre tipos de feminilidade e masculinidade. Existe transexualbinário e não binário, existem humanos, trans humanos e pós-humanos, porém tudo como possíveis modelagens, mostrando que o devir-outro está sempre buscando o seu espaço de expressão.

3. A BICHA COMO POTÊNCIA MICROPOLÍTICA

“Bixa, preta, pobre, vadia, degenerada infectando a sua mente branca e civilizada cagando pra cultura, passando a merda na cara vomitando seus valores, sou a loka afetada”.

Anarkofunk



Rizoma: territorialização – desterritorialização - reterritorialização³¹

Este item trata de uma reflexão sobre dadas realidades que buscam configurar os corpos, para, a partir daí, focar movimentos e expressões entre as possíveis fissuras. São realidades que tocam o nosso objeto de pesquisa e que ensejam a pensar percursos da pesquisa e, sobretudo, que suscitam alguns questionamentos tanto sobre os mecanismos da heteronormatividade quanto das invenções que emergem, como linhas de fuga, aos primeiros.

Como são realizadas as tentativas de construir os corpos, a partir da heteronormatividade e quais são as formas de fissuras dessas significações sobre eles? É importante compreender que existem, desde o ventre materno, significações dadas socialmente. Um nome será atribuído e, com ele, um conjunto de atributos, papéis e normas que seguirão por toda a vida, buscando traçar um destino; além disso, as experimentações, vividas no curso da vida, possibilitam a cada indivíduo formas peculiares de vivenciar seus desejos sexuais.

Para a presente reflexão, o importante não é saber até onde os dispositivos da heteronormatividade são eficazes ou não; mas sim, observar como as pessoas constroem

³¹Fonte: <http://www.redgtd.org/EN/blog.php?U=catas&P=20150812020024> – 08/10/2015

corpos múltiplos no tempo e em espaços diferenciados. Em uma mesma sociedade, há variações nas formas de experimentar, no próprio corpo, a sexualidade; e, de forma mais pontual, há modulações em um mesmo indivíduo, de sua sexualidade, no percurso de sua vida. Dessa forma, partimos da noção de que a sexualidade é um campo de tensões e jogos de poderes, para pensarmos a sexualidade como um espaço no qual semióticas e potencialidades tecem os desejos e compõem os jogos imagéticos daquilo que se compreende como condição sexual. Vale salientar que esta reflexão busca compreender o campo da sexualidade como aquele que não é construído por aptidões e cálculos, em sua totalidade refletidos, mas apenas parcialmente; grande parcela do que passa a compor os tecidos – do que comumente são chamados de condição sexual – é construída de forma pré-refletida ou não refletida, assim como as múltiplas dimensões que compõem o corpo-subjetividade.

Quando uma criança nasce, ela não tem uma semiótica do desejo que possa determinar sua condição sexual. Ela tem movimentos desarticulados comuns a essa fase inicial da vida: emissão de sons como o choro, sucção com a boca, movimentos sem direção calculada, de braços e pernas que, só aos poucos, vão configurando o corpo e elaborando um conjunto de semióticas, até desenvolver a linguagem.

No processo de tentativas de configuração do corpo na infância, a imposição da heteronormatividade será uma dinâmica constante. No seio materno e no regaço do pai, a criança aprenderá a “ser” heterossexual. A transgressão dos códigos que serão lançados sobre aquele conjunto de células, tecidos, órgãos e sistemas do organismo resultará em castigos de caráter, tanto físicos quanto simbólicos, para que não haja desvios dos papéis sexuais definidos nas normas sociais. Para esse castigo, dá-se o nome de *heteroterrorismo*:

As reiterações que produzem os gêneros e a heterossexualidade são marcadas por um terrorismo contínuo. Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica. Se um menino gosta de brincar de boneca, os heteroterroristas afirmarão: “Pare com isso! Isso não é coisa de menino!”. A cada reiteração do/a pai/mãe ou professor/a, a cada “menino não chora!”, “comporta-se como menina!”, “isso é coisa de bicha!”, a subjetividade daquele que é o objeto dessas reiterações é minada. (BENTO, 2011, p. 552)

Os pais, em conjunto com a sociedade, exercem a função de modelamento dos corpos de suas crianças de modo a serem heterossexuais, a partir de um tipo ideal de heterossexualidade.

Existem várias entidades que revestem os corpos de significados, cada parte terá um nome, uma função e um conjunto de simbologia sobre ela. Será feito um trabalho, passo a passo, em uma dinâmica que podemos denominar de pedagogia da sexualidade, para ensinar/adestrar como é que deve se expressar o desejo sexual das pessoas; tudo sendo monitorado para que não haja desvios. Assim, a criança será ensinada a seguir os papéis e os significados atribuídos pela heteronormatividade.

O corpo é submetido às tentativas de configurações por processos que atravessam a carne do sujeito – impregnando-se em sua forma de sentir seus afetos e desejos, – muito embora todos esses processos (de impregnação) não sejam percebidos na medida em que há uma naturalização das sexualidades.

Várias forças formam os corpos sexuais (até mesmo, relativamente aos agora chamados assexuais), que não se limitam ao campo da linguagem (dos códigos alfabéticos), mas que se estendem ao campo da afetividade, dos sentimentos e das sensações que o corpo vivencia. Os múltiplos corpos não são apenas racionalidades; são sensações, desejos e anseios.

Como é possível, com todos esses dispositivos que buscam moldar os corpos, surgirem pessoas com outras práticas sexuais, chamadas “desviantes”? Podemos refletir sobre essa questão observando a própria construção dos dispositivos de configuração de corpos heterossexuais. Se esses dispositivos são construídos, podem ou não funcionar.

Para compreender melhor essa possibilidade de não funcionamento de um processo de moldagem de corpos, tão organizado e compactuado socialmente para a produção de heterossexuais-padronizados, faremos uso das noções de Rolnik (2006), as quais ajudam a pensar essa possibilidade de desvio. Pensemos no exemplo trazido pela autora a respeito da mídia como forte ferramenta de *captura das subjetividades* que também produz outro efeito, o da possibilidade de outros agenciamentos atuarem por meio de suas imagens, cores e movimentos. Com os dispositivos de configuração de corpos, ocorre o mesmo: eles são potencialmente cheios de brechas que possibilitam outras experimentações a partir mesmo do próprio contato da criança com o mundo. Aqui, mundo não deve significar só aquilo que se entende por sociedade humana; como também, a natureza: animais, plantas, vento, nuvens, batom da mãe, chapéu do pai, perfumes etc., todos esses elementos que possibilitem à criança se colocar em meio a outros agenciamentos. Se, por um lado, existe toda uma força normativa sendo trabalhada; por outro, o devir da vida permite uma multiplicidade de experimentações, que as normas de sexualidade não conseguem controlar, em sua totalidade.

Se olharmos para os corpos, na perspectiva proposta por Deleuze e Guattari (2012b), nada se encontra concluído nos corpos, nem na realidade em geral, pois, pelas modulações possíveis, o que existe é um movimento constante de transmutação. Portanto, se as modulações são constantes, é compreensível entender que uma forma de configuração que pretende moldar corpos pode, a qualquer momento, falhar; basta um elemento despercebido ou rebelde penetrar no campo da multiplicidade que forma os corpos; e o resultado temporário (levando em conta o movimento constante de modulação) será outro.

Desse modo, podemos dizer que os corpos mutantes são aqueles que agenciarão as novas formas de se estar (propositalmente não usamos o verbo ser), pela possibilidade abertas pelas brechas que se produzem no campo da normalização das sexualidades. Os corpos se valem das fissuras dos tecidos normativos para se instalarem nas *linhas de fuga* (DELEUZE E GUATTARI, 2011a). Todavia, os processos – pelos quais os corpos realizam mutações e ‘anomalias’ (anomalias, pensadas, como os autores citados, como algo imprescindível para a expansão da vida) de encontro às normas – são complexos; trata-se de uma diversidade de formas e de situações contextuais particulares a cada pessoa. A título de exemplo, esboçemos um percurso possível no qual uma criança é submetida a uma tentativa de configuração: existem, aí, afetações não previstas permitindo à criança desenvolver vontades, sensações e sentimentos não convergentes com os códigos que lhe foram impostos. Essa criança, geralmente, se encontrará em embates diante da exigência de adequação aos códigos normativos, entretanto, ao se produzir algum elemento não previsto, que lhe introduz novas agências, ela poderá seguir o rumo da negação dos desejos anômalos ou o rumo da mutação.

Outro aspecto para analisarmos as transgressões são as *fissuras*. Um corpo fissurado seria aquele que, mesmo com toda a força existente no conjunto de códigos da heteronormatividade, consegue produzir um tipo de vontade, sensação e sentimento que leva uma pessoa a viver, primeiramente, a angústia da anomalia; contudo, é essa mesma angústia uma força motriz de um trabalho de reconstrução de perspectivas, moralidades e, sobretudo, de produção de novos sentidos a si, como corpo. Na hipótese de ausência da angústia (sentimento quase sempre incontornável, em sociedades normativas), todo o corpo deslocado da configuração hegemônica se fará sempre por meio de um trabalho de ressignificação de si. Essas novas formas de significações apresentam uma ampla escala de variação. A fissura em si já é uma forma de significação diferente e, convém

frisar, que mesmo os corpos configurados hegemonicamente experimentam, de alguma forma, transformações, pois por mais moldados que pareçam, também estão afeitos a modulações imperceptíveis que podem ou não resultar em mudança de perspectivas maiores.

A propósito das ressignificações do corpo, compreendemos que são *formas dereterritorialização* (DELEUZE E GUATTARI, 2011a, 2012c): o deslocamento da forma dada leva à construção de novas formas e contornos (ESCÓCIA E TEDESCO, 2009); agora mais fluido, tendo em vista que já se experimentou o movimento de desterritorialização e, a partir dele, abriu-se um novo campo de perspectiva e possibilidade ao próprio corpo.

Pensemos no ânus como exemplo de órgão ressignificado. Existe um discurso bastante antigo e difundido de que o ânus é apenas um órgão excretor. Sobre isso, Preciado (2009) resgata todo um processo denominado ‘castração anal’, pelo qual o ânus é relegado ao esquecimento. A autora relembra-nos o papel da religião e de campos de moralidades no desenvolvimento de estratégias de imposição em se tratando de qualquer prática erógena com o ânus, pontuando a significação de imoralidade e de imundície de tal forma que a sua função esteja exclusivamente orientada para a defecação. O seu argumento vai no sentido de que, mesmo diante de toda essa carga moral histórica, as pessoas cujas sexualidades são consideradas socialmente desviantes conseguem ressignificar o ânus, dando-lhe (ou devolvendo-lhe) uma importante função no erotismo sexual.

Em torno da penetração anal, as bichas³² desenvolvem uma cultura do “cu” que traz desde nomeações como, por exemplo, o termo “cuceta”; até o trato sobre o órgão para facilitar a penetração, desenvolveram a “técnica” chamada “chuca” para lavar o reto e evitar aquilo que elas denominam “cheque”, que seria melar de fezes o pênis do penetrante, durante o ato sexual. Ocorre, aí, um movimento que não se reduz à técnica de uso do corpo, pelo sujeito – uma semiótica renovada se desdobra nas mutações do corpo. Do movimento coletivo de troca de ideias e noções entre bichas, a partir do qual são feitas articulações sobre as possibilidades do corpo, a uma espécie de concretização

³²EXCLARECIMENTO 2: O termo “bicha” é a forma como as pessoas na Praça Mits comumente se dirigem umas as outras, representando um giro semântico sobre a palavra, outrora, utilizada para menosprezar as homossexualidades. Esse giro é apresentado por vários militantes homossexuais como parte daquilo que denominam de um empoderamento de si.

de posturas políticas (corpo-política)³³. A penetração anal não seria, então, um simples ato de prazer; seria um ato político que viria contrariar normas e simbolismos; viria quebrar códigos instituídos e (quicá!) liberar, a partir do corpo, forças inventivas em uma sociedade normalizada. Seria um ato simbólico de arrombamento de si, possibilitando um corpo em mutação.

A prática das bichas, denominada de “dar o cu”, viria trazer uma ruptura na histórica da dita castração anal, ainda que haja parte das homossexualidades inscritas em práticas heteronormativas, compreendendo o penetrante como másculo e superior e o penetrado como o subalterno pervertido e “safado”. Falas, ainda, fortes e depreciativas da posição do suposto passivo, seriam (falas) elementos resultantes de modelos de sexualidades hierarquizadas, que se encontram em concorrência com outros modos de relação homossexual:

Esse modelo de relacionamento sexual intermasculino é (como já mostrou Peter Fry, 1982) clássico no Brasil. Trata-se de um modelo “popular” ou “hierárquico” “a bicha é a sola do sapato do macho” condensa, perante Fry, uma das suas vítimas), conforme o qual os parceiros se classificam pela sua posição no coito. Mas esse modelo “bicha/macho” está em concorrência com outro, “moderno” ou “igualitário”, onde já não a bicha efeminada e passiva se submete perante um bofe viril e ‘ativo’, mas um sujeito assumido como ‘homossexual’” (como os “entendidos” de Guimarães, 1977) se relacionam de igual com outro homossexual – modelo Gay/Gay. (PERLONGHER, 2008, p. 47)

Aqui, temos um forte elemento de significação atuando sobre a figura do penetrante e do penetrado. Ora, de forma constituinte ninguém é superior a ninguém ou mais imoral no ato sexual, tendo em vista que há uma troca de prazeres. Aliás, órgãos não estariam se cruzando de tal forma que quem penetra não está totalmente atravessado pelo corpo do que é penetrado? Existiria uma forma de representação simbólica do músculo do pênis sobre o qual se atribui valor, o que resulta na ideia de virilidade e macheza que se institui em um *regime falocrático* (GUATTARI, 1985, pp. 34-37). Nele, sobre o ânus percorre a noção de submissão e perversidade; é como se o passivo traísse sua masculinidade e virilidade, e, sobretudo, traísse a natureza excretora do ânus. São elementos simbólicos que se acham no núcleo, mesmo que involuntária e implicitamente, das práticas homossexuais. Não é raro se encontrar, em posturas concretas, a expressão de que sendo homossexual ativo não se está violando a

³³ No texto *Multidões queer*, Preciado(2003) vai trabalhar com a noção sexopolítica, para refletir sobre as políticas do corpo (corpo-política), compreendendo as formas de significados que são impostas aos corpos e às vias de transgressões.

masculinidade; porém, em sendo passivo sim, contanto que – na relação de passivo e ativo (sejam estas posturas assumidas em uma ideia de permanência, ou seja, nas relações versáteis) – o que existe, de fato, é um atravessamento de corpos e passagens de energias, fluxos e fluidos. Esses papéis hierárquicos nem sempre são predominantes.

O importante, aqui, a se notar é que assim como existem as formas de resignificação, também existem as reafirmações de elementos heteronormativos, razão pela qual as escalas de como se realizam as resignificações e de como se mantêm os elementos da configuração da sexualidade hegemônica varia muito. Importa, por isso, observar como os corpos são fissurados para depois se refazerem (ou se abrirem a uma fluidez maior) de modo a buscarem espaços de expressão social, como observei anteriormente. É aqui que compreendo a comunidade LGBTTT como um interessante foco de observação de corpos em mutação na medida em que esses corpos podem se expressar, lançando à sociedade uma performatividade transgressiva e transformadora.

Os corpos em mutações estão em movimento constante na Praça Mits, esburacando o solo, para falar como Deleuze e Guattari, pelo movimento de giro, cortando o ar com as irreverentes coreografias que colorem o espaço com múltiplas tonalidades, formando, assim, uma multiplicidade em explosão, impulsionando potências e intensidades capazes de mexer com estruturas cristalizadas e fraturá-las, capaz de agitar semióticas e produzir novas paisagens.

Existe naquele espaço uma *polifonia* de sons e visualidades que vibram e são misturados com o som do *funk*, *dance* etc. São gargalhadas, risos e feições que vão se espalhando no espaço e deslocando moléculas; todo esse movimento que, olhando de longe, parece um fervilhar de um caldeirão, um formigueiro agitado ou a pressão de um redemoinho, que produz uma tensão é típico na praça. É nessa tensão que reside a *micropolítica doscorpos em mutação* na Praça Mits. Uma tensão que resulta da mistura, da intensidade e do movimento contínuo; sendo assim, uma força que abre no espaço social estriado, pequenos *buracos lisos* onde é possível haver inventividade (DELEUZE E GUATTARI, 2012a, c). O próprio “buraco mits” é um devir, uma possibilidade de vida, e nele outras possibilidades podem vir a surgir, outros inventos; o próprio buraco se modifica a cada momento. Não existe ali um grupo consolidado; mas, como afirma Latour (2012), um movimento constante de formação. Ora, a fisionomia do espaço muda a cada apropriação semanal que se faz dele. O espaço como um buraco liso não se separa da estrutura urbana maior, desfaz sua imagem de gueto e assume uma imagem de micropolítica capaz de lançar intensidades sobre a sociedade da qual faz parte. Um

buraco liso ocorre porque existe uma estrutura estriada que tende a conter a potência de vida, mas ela usa das brechas para escavar e produzir devir-espacialidades. A micropolítica dos corpos em mutações na Praça Mits é todo esse movimento que resulta em intensidades, que são lançadas sobre a sociedade, capazes de transmutar através de pequenas fissuras as normas que impedem a expansão da vida.

Observamos anteriormente que pensar em como se constroem corpos sexuais é tocar em complexos tecidos das formações de subjetividades e buscar compreender elementos que vão sendo formados em nossas vidas a partir de uma multiplicidade de cores, imagens, sons, cheiros, sensações etc., que se conectam na superfície dos nossos corpos, modelando-nos.

Ora, se os tecidos das subjetividades são formados a partir de uma multiplicidade de experimentações sobre as superfícies dos corpos (DELEUZE, 2006), as possibilidades de mudança da paisagem do corpo consistem em não buscar aprisionar-se como sendo algo concluído e natural ou por qualquer outra força de captura (ROLNIK, 2006). Mesmo com todas as estratégias de capturas e domesticação, ela continua a acontecer nas brechas possíveis, mas a viação maior para que ela produza novos mundos se dá pela abertura aos movimentos do desejo - potencialidades criadoras.

3.1 MÁSCARAS SUBVERSIVAS

Nesta parte da dissertação, em decorrência do que venho percorrendo, passo a sustentar a hipótese de que abicharia a potência formada por um conjunto de máscaras anômalas e subversivas. É uma possível potência de desterritorialização e mutação nos coletivos LGBTTI e em partes da sociedade. Quem se faz bicha rasga o próprio corpo se fazendo mutante em sua pele.

A bicha é potência de uma política da vida que faz um giro epistêmico sobre o termo que a princípio era um escárnio (bicha era sinônimo de verme), para se impor e lutar por espaços de expressão, a começar pelo seu próprio corpo. É potência para as homossexualidades e sexualidades em geral, quando se coloca como ambígua, assumindo o desconforto de não estar localizada. Ela é *vetor de intensidades*: em sua pele os fluxos se movimentam de forma acelerada.

A norma ataca a pessoa que assume as máscaras de bicha por todos os lados, inclusive em seu próprio corpo, mas ela já não se detém em si, agita-se para não se

localizar na norma; sua rebeldia não ocorre só com o mundo que a circunda, mas com os aspectos que configuraram seu corpo e que ela dribla ou expurga. A bicha é dessa forma duplamente ambígua, por ter em si um campo de combate onde tenta subverter as próprias configurações às quais seu corpo foi sujeito e quando socialmente tem em seus movimentos uma postura que diverge do que é tido como normal.

A bicha é estereotipada, barulhenta e fechosa; sua gargalhada é nômade é uma vibração, é gargalhada de Nietzsche. Não passa despercebida, pois carrega em seus traços algo de anormal, que mexe nas moralidades; sua voz, muitas vezes, ecoa como irritante e seu corpo é instrumento de abominações para diversas dimensões da sociedade; mas, ela consegue fraturar as instituições tidas como divinas, carregando em si o discurso necessário para lançar sobre a sociedade. Sua vida se constitui em uma resistência das *subalternidades* sexuais³⁴.

A bicha é um conjunto de máscaras moldadas com purpurinas, paetês, sangue e suor de corpos que pela resistência se fortalecem nos espaços e tempos; é uma vestimenta rasgada em si, é uma posição micropolítica. Existem pessoas que, mesmo vivendo suas sexualidades discretamente, em um dado contexto, assumem as máscaras de bicha e soltam o corpo, afrouxam os parafusos que tornam endurecidas as articulações, fazem barulho e fechoação (pois, como diria a visão formada socialmente da bicha estereotipada, “bicha que é bicha tem que fechar”); depois, ao saírem de tal realidade, voltam à sua discrição. Nesse “giro”, algo aconteceu como um *devir-silencioso* que não se percebe, mas que acrescentou algo de novo àquela pessoa. Existem as bichas que saem pelas ruas no cotidiano, envenenando pelos caminhos, perturbando as moralidades e agenciando vidas, impondo-se como outra forma de ser pessoa (pois, as bichas são agitadoras socialmente), suas práticas referem-se a um ativismo de um corpo que, sendo mutante diante daquilo que é colocado como normal, busca edificar novos cenários. Mas, essa potência, que aqui enunciei, não é sentida na sociedade que, ainda, se “comporta” no interior do regime heteronormativo; digo isso para não criar uma ideia de generalização (na sociedade), dos efeitos da *bicha-potência-mutante*.

³⁴Resistência, pensando como Deleuze e Guattari, quando refletem sobre uma arte presente na resistência, assim como, também, na arte existem atravessamentos de resistência. Uso a palavra “subalternidade” fazendo referência à hegemonia da heteronormatividade no Ocidente.

3.2 MODULAÇÕES: AS VARIÁVEIS DE SEXUALIDADES

Outro aspecto importante de pensar a construção de corpos homossexuais é a partir de uma análise das múltiplas formas que esses se apresentaram no percurso do tempo, o que nos faz pensar não só em variadas homossexualidades; mas, como gostamos de nominar, variadas expressões dissidentes de sexualidades, diferentes da forma hegemônica de sexualidade adotada pela sociedade; ou mesmo quando era uma forma legitimada pela sociedade, mas dissidente da heteronormatividade, tal como conhecemos no Ocidente. Com isso, devemos analisar, também, as convenções identitárias enquanto resultados de experiências históricas que se formam e se transmutam nos percursos do tempo, do espaço; bem como nas próprias vivências dos sujeitos em seus corpos sexuados e desejanter. Perlongher (2008) mostra as múltiplas máscaras sexuais como um cenário de infinitudes de possibilidades de convenções identitárias, construídas a partir de experimentações de lógicas próprias no decorrer da história:

[...] Assim, nossa infinitamente rica pletora de identidades sexuais, nossos homens, mulheres, bichas, michês, viados, travestis, sapatões, monas, ades, monocos, saboeiras e assim por diante não são simples traduções dos homossexuais, heterossexuais e bissexuais que povoam as terras anglo-saxônicas. São personagens de um cenário de significações que tem sua história e lógica próprias. (PERLONGHER, 2008, p. 39)

A *corpo-política* hegemônica tem sua dinâmica de manutenção de uma ordem e castiga com formas de violência físicas ou simbólicas todos os desviados. São muitas as pessoas transexuais e homossexuais que morrem diariamente pelas violências oriundas do regime heteronormativo.

Se fizermos um percurso por diferentes sociedades, perceberemos distintas formas de vivências das relações de sexualidades. Tomarei três exemplos, para observarmos as sexualidades múltiplas e como eram ou não aceitas pela sociedade de forma majoritária: os gregos antigos e a chamada pederastia, os denominados sodomitas pela inquisição, e, mais recentemente, a construção da imagem da “bicha louca”.

Na Grécia Antiga, desenvolveu-se uma prática nada parecida com a que é comum na heteronormatividade - a chamada pederastia - na qual pessoas mais velhas tinham seus mancebos (mais jovens) para relacionamentos sexuais. A mulher exercia o papel de genitora, mas isso não centrava as relações sexuais só nela; os homens livremente tinham seus companheiros sexuais. Tratava-se de uma prática legitimada

naquela sociedade e tinha uma dimensão simbólica e prática muito forte, que era, sobretudo, de passar a experiência dos mais velhos para os mais novos. Dessa forma, a prática que hoje chamaríamos de homossexual era comum.

Uma segunda noção de sexualidade desviante foi a denominada prática da sodomia. Com a expansão do catolicismo e sua força política e vínculo aos Estados, houve a possibilidade de maior controle sobre as sexualidades que ficaram restritas pelas leis da Igreja. A monogamia heterossexual, que compreendia que o sexo só era permitido pela penetração do pênis na vagina e com fins unitivo e procriativo, impôs-se como norma que ainda hoje se apresenta às uniões dos casais católicos. Todas as sexualidades que fugissem desse padrão eram tidas como pecaminosa e abominável aos olhos de Deus. Mas, o desejo escorrega pelas brechas das normas para expressar-se e aqueles corpos atravessados pelos elementos católicos - cruz penduradas no pescoço, cinzas aplicadas à testa, confissões auriculares, pudores e moralidades sentidas na pele e sentimentos, dentre outras coisas que sujeitam os corpos a uma instituição que, durante séculos, foi a única detentora da ideia de verdade - se desviaram e traçaram-se *linhas defuga* (DELEUZE E GUATTARI, 2011a). Eram sujeitos com expressões de subjetividades divergentes; eram pessoas que deram espaço para outros agenciamentos e permitiram um *devir-tesão* que não compreendia só pênis/vagina, e sim outras formas de satisfação; eram violentos, pois quebravam com normas não só sociais, mas “divinas”; eram vistos como abomináveis, pois faziam corrupção em seus corpos, corrompiam o sagrado para questionar e perverter a sociedade, trazendo à tona, mesmo que de forma extremamente marginal, outras formas de desejo.

As subjetivações que levam à formação de vontades sexuais não são totalmente controláveis e nem resulta em vontades fixadas permanentemente; pode haver, no decorrer da vida, formas de agenciamentos que possibilitem experiências novas, mas não por autoimposição ou imposição de outros. É sempre um devir. É uma forma de mistura de elementos que levaram a outros possíveis resultados.

Os desviantes das normas da Igreja Católica Romana eram chamados de sodomitas. Talvez esse tenha sido um dos primeiros nomes dados às expressões homossexuais e que mais se expandiu, em espaço e tempo, chegando a ser usado mesmo que de forma mínima na contemporaneidade. A Igreja, ao se tornar poderosa, criou o tribunal do santo ofício, um meio de julgar e penalizar os hereges, bruxos, sodomitas etc. E os chamados pecados de sodomia, dessa forma, não eram mais só alvos

de disciplina, mas de pena de morte, com o objetivo de exterminar da terra todos os que fossem rebeldes a seu poder.

Porém, os sinais e as potencialidades geradas pelos sodomitas percorrem o Ocidente resistindo até chegar à atualidade. Sua subversão das normas religiosas/sociais se apresenta não só como uma forte fissura na noção de uma sexualidade entendida como natural e a única permitida por Deus, como põe um “cisma” no corpo do próprio sodomita. Sua vida se torna uma autossubversão do que se chamava de natureza; seu corpo se autodevora e se torna mutante. Portanto, se existisse uma natureza sexual no humano, essa seria ambígua e mutante, isso é plenamente visualizado nas diversas sociedades humanas, desde os prostitutos sagrados dos templos pagãos das civilizações mais antigas aos atuais coletivos *Queer*. As faces da sexualidade humana são por “natureza” uma multiplicidade.

A última expressão social de sexualidade que queremos tomar para analisar as sexualidades múltiplas é a formação da imagem da bicha. O termo foi (e ainda é) utilizado como agressão às pessoas que divergiam dos padrões de sexualidade e masculinidades impostos pela heteronormatividade. A bicha era, antes de mais nada, uma figura que não passava despercebida, sua voz para muitos era irritante, sua performance de “desmunhecada” era reprimida; às vezes, usava objetos femininos em seu corpo, mesmo sem assumir totalmente a modelagem do feminino. Era, dessa forma, um gênero ambíguo, diferente dos gays que buscavam caprichar na masculinidade se afirmando como machos socialmente, modelo esse, não muitas vezes, também divergente da forma bicha de ser, apresentando-se até como críticos das bichas: “para ser gay, não precisa fazer alarde”, “para ser homossexual, não precisa deixar de ser homem”. São vozes que, ainda atualmente, se escutam por partes de pessoas homossexuais e heterossexuais; assim como são diferenças que existem quando percebemos no discurso de muitos homossexuais; uma reprovação do termo bicha: “sou homossexual, mas não sou bicha”. De todo modo, o termo é muito utilizado nas conversas como forma de dirigir-se a um colega homossexual, mesmo entre lésbicas³⁵.

Dessa forma, o estereótipo de bicha que foi desenhado pela sociedade ocidental foi apropriado por grande parte da comunidade homossexual até ganhar novos significados; foi deslocado e agitado até se tornar uma potência política.

³⁵ Para fazer a descrição de como a bicha é vista socialmente, como é vista por pessoas de sexualidades dissidentes, até chegar à ideia de bicha - como figura conceitual e agenciadora - utilizei as próprias falas dos jovens da Praça Mits e suas atitudes, que eles mesmo denominam de bichações.

A bicha como xingamento foi agenciada e transformada na *bicha potência política*. De agenciada à agenciadora, a bicha é, assim, mais do que uma figura real, é uma forma reflexiva de pensar várias personagens que não se encaixam no homossexual (dito discreto e que tende a reproduzir em seus movimentos uma homonormatização); ela é uma multiplicidade de máscaras, as quais vão sendo construídas no tempo e no espaço, sendo experimentadas e ressignificadas pelos sujeitos nos percursos de sua vida. A bicha cria, no corpo, a marca da transgressão que se faz perceptível como uma postura política com possíveis produções de fissuras sociais.

Pensamos a bicha, igualmente, como uma *figura conceitual*: ela tem em si os diversos elementos, já citados, que encontrei em meu trabalho de campo, que tornam possível defini-la como *ator-actante*³⁶ das potencialidades subversivas em sua multiplicidade de máscaras.

A rubrica seguinte - tem um formato de ensaio – um exemplo concreto de uma figura conceitual – Madame Satã.

3.3 UM PASSEIO COM MADAME SATÃ

As homossexualidades na história são permeadas por vias inventivas. O mudar de pele, igual às serpentes, sempre foi necessário para um público que, ou se conformava com a corpo-política vigente, ou inventava novas formas de viver seus desejos. Na primeira metade do século XX, surge Madame Satã (João Francisco dos Santos)³⁷ no Rio de Janeiro, com seus passos de capoeira driblando as normas; sua pele, seus lábios, seu rosto eram expressões da subversão necessária para a construção do novo.

Madame Satã era louca, desregrada, sua voz assustava a audição codificada da sociedade da qual fez parte e que, ao mesmo tempo, transcendeu quando se projetou à frente, não para viver uma fantasia ou uma esquizofrenia, mas para violentar as estruturas imaculadas de sua época. Seu desejo estava em pleno fervilhar, seu corpo era cartaz, venenoso, uma assombração para os sentinelas das morais e bons costumes.

Madame Satã era corrompida, sujava as realidades tão bem estruturadas para conter as possibilidades do desejo. Mas o desejo é como óleo, escorre pelas brechas,

³⁶ Atores-actantes, segundo B. Latour (2012).

³⁷ Utilizamos como fonte de referência o site: <http://www.memorialgbt.com/edicoes/edicao-1/> consulta em 13/10/14 - A Revista Memória LGBT trouxe em sua edição I, a vida de Madame Satã.

vaza, desliza e vai se movimentando em um corpo, em vários corpos e, por fim, no coletivo. O desejo é louco para com as regras aprisionadoras, mas é ético para com a expansão da vida. O desejo de Madame Satã era *trans*, transposto a corpos localizados, aprisionados e atravessados pela norma cisgênero. Ela só tentou experimentar espaços de expressões em seu corpo negro, fez de seu corpo argila nas mãos do oleiro desejo, que se movimentava agitado. Seu corpo era grito por liberdade das diferenças sexuais/afetivas, as quais os sujeitos estão potencialmente possibilitados de vivenciar. Seu corpo era teoria para uma época em que ainda não haviam explodido as manifestações sexuais; era poesia que iniciava um movimento de pressão estética e ética contra as cadeias que tentavam, a qualquer custo, se colocar nos “sodomitas, pederastas, invertidos, efeminados, desregrados e bestiais”, que nada mais eram do que expressões do desejo mutante; nada mais eram do que o desejo escorregando pelas brechas e rachaduras das estruturas *cis/heteronormativas*.

O corpo de Madame Satã era a fluidez da subjetividade, o grito que exclamava: não há gênero natural, há vestimenta de gênero; não há identidade masculina ou feminina, há possibilidades múltiplas. Ela era “homem vestido de mulher”, assim diriam os *cis*; era “transtornada”, diriam as ciências de sua época; “possessa”, diriam os religiosos; uma “bandida”, e sua bandidagem era usar o corpo de forma adulterada. Não! Madame Satã só modulou seu corpo, vestiu o gênero que quis, seu pênis não dava sinais para seu corpo de masculinidade, seu pênis era pênis de mulher. Pois, o pênis pode ser de homens ou de mulheres, ou de homem-mulher, ou de pessoa, só pessoa, nem homem e nem mulher. O pênis não é masculino ou feminino, assim como todo o corpo não o é, o pênis é só um músculo.

O masculino, o feminino, o andrógino, a pessoa não binária, são vestimentas, configurações de conexões, não há nada fixo e nada natural, pois as configurações das conexões mudam a cada elemento que se agrega à teia. Mesmo na binaridade, a feminilidade e masculinidade modificam-se.

Madame Satã modulou seu corpo, devendo ser homem e heterossexual pelo sistema cis, permitiu-se um devir. Sendo nada pelo sistema do desejo, abriu-se às maquinações necessárias para fazer de seu corpo uma fluida performance de conexões, e, a partir daí, rasgar o espaço cristalizado pelas normas e, assim, criar novos mundos.

Ela é um dos símbolos, talvez não do ativismo gay, que vai se desenrolar na primeira metade do século XX, mas das bichas loucas presentes e ocultadas na história. Ela é símbolo das múltiplas máscaras que podemos colocar. Falamos de ativismo gay

no Ocidente, sabemos que outros mundos vivenciaram de forma diferente e, em tempos diferentes, suas experiências de não heteronormatividade.

Hoje, Madame Satã está na mídia, nas telas dos computadores, foi projetada nos cinemas, é figura tolerada; aliás, as homossexualidades são assim, figuras toleradas por partes da sociedade. Apresentam-se como um movimento que rasga, a cada momento, a heteronormatividade, mesmo que em várias dimensões sejam capturados por ela. E, ainda, podem apresentar uma outra face, a de um movimento gerador de formas que superam as convenções de identidades e se abrem para os *fluxos desejantes* – a este movimento chamamos de *expressões desejantes*, inspirados em Deleuze e Guattari.

Madame Satã está presente em todos os lados da Praça Mits³⁸, em moléculas atravessadas nas falas, movimentos e giros. Não está inteira em um corpo, como possuidora, mas pulverizou-se no ar em partículas de cores, sons e luzes... Não possui, não captura, conecta-se gerando não mais a si como Madame Satã, mas gerando múltiplas máscaras.

Cortar o ar fumaçado de moralidades – a infestação começou (já faz tempo). No âmbito da pesquisa, às vezes, ficamos a refletir sobre as repercussões que a Praça Mits tem para o mundo LGBTTI; ela, como parte das expressões que fogem da heteronormatividade, é uma força de expressão não só para o mundo LGBTTI, mas, possivelmente, também, para o conjunto da sociedade, ao menos, parte dela. Suas práticas vão se espalhando como uma explosão molecular e vão em busca de corpos para se conectarem e resultarem em novas realidades. As bichas que saem da Mits e vão para suas paradas de ônibus levam em seus corpos todos os movimentos de fechoação que incomodam, chateiam e até irritam os olhos localizados nas práticas da política heteronormativa. O movimento das “pintosas”, nos caminhos e nas paradas, externa o transbordar da Praça da Mits, que não se fecha em si, mas lança sobre o mundo e, ao seu redor, um veneno, substância necessária para infectar morais opressoras, para adentrar

³⁸Para ajudar na reflexão/experimentação, sobre Madame Satã, segue um trecho da poesia de Paulo Augusto: BALADA PARA MADAME SATÃ -

Madame Satã,/ acabaram de me contar/ que você andou por aqui./ Não forneceram detalhes,/ mas eu imagino.

Gostaria de saber de ti:/ possuías algum cãozinho,/ cativo, para alimentar?/ Havia o teu, particular,/ que afagavas e, modorrento,/ botavas para dormir – cheiroso?...

Sim - madame divina!/ Eu penso./ Precursora, poderosa,/ lampião do asfalto./ A lapa tremia contigo,/ trepava.

Pelo menos ficou uma certeza:/ vão demolir toda a Lapa,/ mas teu nome vai ficar,/ enorme - suspenso no ar./ Bojudo, grave, / prene de emoção e de glória. [...]

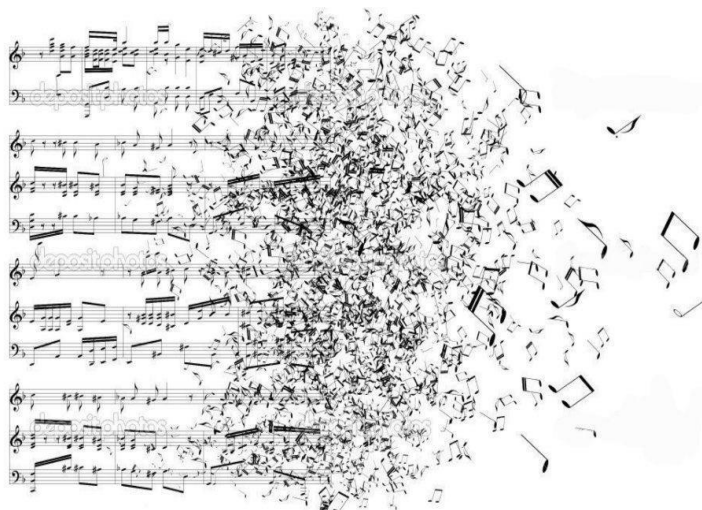
Disponível em: <http://historiadosamantes.blogspot.com.br/2008/10/paulo-augusto-falo-integral.html?m=1> Acessado: 13/10/14

nos corpos formatados segundo convenções de identidades; um veneno que entra nas “células” da identidade para transmutá-las, para degenerá-las e formar novas paisagens. Uma degeneração de agregados que tem como fim a reagregação constante, o movimento é necessário, o veneno que desagrega impulsiona o movimento em busca de composições novas.

4. NOMADISMO, ANTROPOFAGIA E AVATARES

“ [...] Nunca fomos catequizados. Fizemos foi o Carnaval.
 O índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt.
 Ou figurando nas óperas de Alencar
 cheio de bons sentimentos portugueses [...]
 [...] Não foram cruzados que vieram.
 Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo,
 porque somos fortes e vingativos como o Jabuti [...].
 [...] Contra a Memória fonte do costume.
 A experiência pessoal renovada [...]”.

Oswald de Andrade –Manifesto Antropofágico



Rizomando o som³⁹

Neste capítulo, tomo como base, para refletir o problema da pesquisa (corpos em mutações), o conceito de *nomadismo* de Deleuze e Guattari (2012c) para, então, refletir a noção de *antropofagia* (ROLNIK, 1998; 2006) e, finalmente, culminar no conceito de *avatares* de Massimo Canevacci (2004). Observaremos como esses três conceitos dialogam entre si e com o referido campo de pesquisa e, sobretudo, como contribuem na reflexão do tema de pesquisa, com contribuições para a elucidação do problema construído em campo - Praça Mits (Natal/RN).

Existem códigos espalhados por todas as partes da vida em sociedade, formas de representações e significados. A partir dessa constatação, pensemos como pode ser possível criar algo de novo em realidades revestidas de significações, onde tudo parece dado. Como se decodificar quando nossas potências parecem destinadas a reproduzir as instituições, contratos e leis existentes?

³⁹Fonte: <https://plus.google.com/109029956931727576117> - 08/10/2015

O *nômade*, em Deleuze e Guattari, é o que consegue se *descodificar* ou se *transcodificar*. Revisitamos o conceito de nomadismo a partir da gargalhada de Nietzsche, abordada por Deleuze⁴⁰: uma sonoridade desenfreada e desajustada, destruindo e embaralhando os códigos, colocando-se como intensidade, humor e loucura: “não se pode deixar de rir quando se embaralha os códigos” (DELEUZE, 2006, p.325). Magnificamente, o autor observa que se trata de *intensidade*, em sua forma de *ondulações*, que atingem os altos picos do agudo, penetrando os ouvidos, tocando os corpos pelas vibrações aceleradas, produzindo seus efeitos. A gargalhada de Nietzsche é uma intensidade na sua potência assignificante, um som sem cifras, sem direção, é uma expressão do humor. Este, em sensação de gozo, é um orgasmo da garganta que se expande por todo o corpo como uma corrente elétrica, uma *erogeneidade* do ar que entra e sai pelos pulmões na sonoridade que constitui a voz (ZUMTHOR, 1997, p.12). Seria loucura, pois, não compreender formas de representação e códigos linguísticos; seu começo, meio e fim são a potência de som sem significados, que sai garganta afora e se expande pelo ar descodificando/transcodificando os mundos.

Não é sorriso domesticado, mas o riso *esquizo*, expressão dos fluxos e dos movimentos, gargalhada-berro do humor; por isso, escoar pelas brechas da *lei-contrato-instituição*, quebrando estruturas das moralidades com sua vibração (DELEUZE, 2006, pp. 320-322). No mundo de leis solidificadas, ela surge como profanadora, é o vento que entra pelas janelas das instituições driblando a ordem, misturando os elementos, para produzir uma reviravolta no espaço; sua direção é a ética da vida, não da vida dada, mas da vida a ser construída a cada momento.

De um modo mais geral, em que consiste o esforço de um tal pensamento, que pretende fazer passar seus fluxos por debaixo das leis, recusando-as, por debaixo das relações contratuais, desmentindo-as, por debaixo das instituições, parodiando-as? (DELEUZE, 2006, p.321)

A gargalhada produz uma fenda no muro e atravessa, escala as paredes e vai adiante. Resiste às formas de capturas produzidas pela mídia, pelo Estado, pela religião e pela heteronormatividade, dentre outros, que se apresentam como produtores das subjetividades (ROLNIK, 2006). É canibal, devora pelo ar o que alcança, pela sua vibração desintegra os corpos e substâncias, as morais e valores; produz o *devenir*, o *vir-a-ser dionisíaco*, como afirma Nietzsche (2014, p.86), como algo que passa a existir;

⁴⁰ Usou-se como referência, para a ideia de gargalhada de Nietzsche, o texto *O pensamento nômade* - do livro *A Ilha deserta*, bem como outros textos, Deleuze (2011a e 2012c).

surge modelando novos mundos. Devir-gargalhada, devir-humor, devir-descodificação/transcodificação (DELEUZE E GUATTARI, 2012b, pp. 11-120). Canibal que come os tímpanos dos ouvidos ajustados, para realizar um deslocamento e desencantamento das formas constituídas. Canibal porque é violenta, devoradora e selvagem.

Como a selvagem gargalhada de Nietzsche assim são os povos da estepe, do caminho, o povo que politicamente (entenda-se política como estratégias do cotidiano – micropolíticas da vida)⁴¹ não se deixa sedentarizar. A intensidade da gargalhada é a força dos percursos nômades na resistência, a ressonância dos códigos moralizantes e significantes, portanto, é na gargalhada-fluxo que reside a possibilidade de destruir códigos e criar expressividades.

Eis como se poderia distinguir a linha de segmentos e o fluxo de quanta. Um fluxo mutante implica sempre algo que tende a escapar aos códigos não sendo, pois, capturado, e a evadir-se dos códigos, quando capturado; e os quanta são precisamente signos ou graus de desterritorialização no fluxo descodificado. (DELEUZE E GUATTARI, 2012a, p.108)

É fluidez capaz de correr, mesmo em meio a terras *estriadas*, formando nessas superfícies os espaços *lisos*⁴². Consegue, pela violência de seu barulho, produzir *linhas de fuga*: fuga não significando acovardamento, porém resistência a prisões e a limitações lançadas sobre corpos. Linhas de fuga são caminhos de possíveis em um mundo cifrado, são “esburacamento no chão da estepe” como afirmam Deleuze e Guattari (2012c, pp. 90-118) referindo-se a povos nômades. Povos que se movimentam ao som da gargalhada, em deslocamentos não necessariamente de terras, mas de perspectivas.

Os povos da estepe desenvolveram algumas formas de resistência aos centros de capturas das “civilizações”.Dentre elas, podemos compreender duas: a desterritorialização e a não criação de um Estado político centrado. São povos que vivem o movimento constante, sua territorialização é feita no próprio caminho, através de pausas no percurso; portanto, os nômades não param, e sim pausam, para logo continuar, só eles conseguem visualizar as mais belas paisagens, construir uma subjetividade em movimento; compreendem que a vida é um percurso finito, onde finita e limitadamente criam-se novas paisagens/realidades. São mundos finitos que terminam

⁴¹ Deleuze e Guattari (2012a).

⁴² Liso e estriado são conceitos de Deleuze e Guattari, abordados em Mil Platôs, sobretudo, no volume III, no texto: *Micropolítica e segmentaridade* e no volume V, no texto *O liso e o estriado*.

para surgirem outros; e, limitados porque não podem impedir as possibilidades de outras realidades simultâneas. O caminho mostra essa dimensão da paisagem finita e limitada que o nômade observa, desfruta e segue adiante. As casas dos nômades são tendas, são carroças, são elementos desmontáveis; não se fixam, não se sedentizam, utilizam objetos que vão caminho afora com eles. Deslocados sem destino, seu objetivo é o próprio caminhar, é a estepe. A desterritorialização nômade é a fluidez da vida, o movimento contínuo do existir, diferente do imigrante que tem um destino para se territorializar e findar o caminho. Os povos nômades são selvagens; não se permitem capturar, recusam o sedentarismo territorial das chamadas civilizações; essas com seus Estados centrados produzem mais sistemas de ressonâncias que expandem suas formatações.

A vida do nômade é *intermezzo*. Até os elementos de seu hábitat estão concebidos em função do trajeto que não para de mobilizá-los. O nômade não é de modo algum o migrante, pois o migrante vai principalmente de um ponto a outro, ainda que este outro ponto seja incerto, imprevisível ou mal localizado. Mas o nômade só vai de um ponto a outro por consequência e necessidade de fato; em princípio, os pontos são para ele alternâncias num trajeto. (DELEUZE E GUATTARI, 2012c, p. 53)

“Selvagem e civilizados”, “descodificados e codificados” estão nos espaços da subjetividade de um mesmo indivíduo, como forma molecular e molar, uma agindo na outra; o selvagem como aquele que não possui codificações rígidas, mas sai caminho afora driblando os cercos de capturas; ele está nas grandes metrópoles habitando as formas molares fortemente estabelecidas, porém é nessa coabitação do selvagem e do civilizado que se produzem os *interstícios* (CANEVACCI, 2008, p.33), espaços das possibilidades, das criações do/no indivíduo.

Não basta, pois, opor o centralizado e o segmentário. Mas tampouco basta opor duas segmentaridades, uma flexível e primitiva, a outra moderna e endurecida, pois as duas efetivamente se distinguem, mas são inseparáveis, embaralhadas uma com a outra, uma na outra. As sociedades primitivas têm núcleos de dureza, de arborificação, que tanto antecipam o Estado quanto o conjuram. Inversamente, nossas sociedades continuam banhando num tecido flexível sem o qual os segmentos duros não vingariam [...] Toda sociedade, mas também todo indivíduo, são, pois atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra molecular. (DELEUZE E GUATTARI, 2012a, p.98)

Entendemos que é preciso descodificar, como o faz Nietzsche (gargalhando), para produzir deslocamentos, permitir passagens de intensidades, possibilitar embaralhamento e explosão dos códigos; descodificação culminando em desterritorialização.

Essas noções do nômade, como *deslocamento perpétuo de intensidades*, são fluxos de movimento nômade em nós, sobre as superfícies dos corpos, sobre a pele, (DELEUZE, 2006, p 325). Analisemos isso como um movimento *do fora*, no qual os fluxos se cruzam, em corpos que explodem em gargalhada e que, ao se encostarem uns nos outros, se afetam lançando uma *explosão semiótica*. É nesse evento de corpos afetados que ocorrem as transcodificações e agenciamentos. Entre um corpo e outro, existe um espaço-passageiro onde as intensidades se conectam permitindo uma passagem em reciprocidade. Dessa forma, as intensidades se produzem sobre os corpos possibilitando as mutações pelas sobrecodificações que foram destruídas para dar espaço ao novo.

Mas, de outro lado, o nômade não é forçosamente alguém que se movimenta: existem viagens num mesmo lugar, viagens em intensidades, e mesmo historicamente os nômades não são aqueles que se mudam à maneira dos migrantes, ao contrário, são aqueles que mudam, e põem-se a nomadizar para permanecerem no mesmo lugar, escapando dos códigos. (DELEUZE, 2006, p.328)

Importa que o nômade é aquele que faz viagens imóveis, imperceptíveis e subterrâneas, viagens sobre os corpos, peles e coletividades; pois é nessa superfície dos corpos que se processam os fluxos capazes de produzir *corpos sem órgãos*⁴³, isto é, corpos descodificados, ressignificados/significados e em mutação contínua.

Para compreensão dos fluxos⁴⁴ que se processam no nomadismo, recorreremos a algumas noções (GUATTARI, 1992) constituintes dessa realidade como o *caos* e a *complexidade*, pois é, na articulação destas duas dimensões produtoras de virtualidades, que se constituem os fluxos como elementos de uma pulsão da vida na sua perspectiva *heterogenética* e não na vida dada. Portanto, a *caosmose* e a heterogenética são disparadores dos fluxos sobre as superfícies dos corpos. Os fluxos são um movimento nômade sobre corpos que são caminhos e estepe ou simplesmente passagem de intensidades.

⁴³ Corpos sem órgãos é um importante conceito de Deleuze e Guattari (2012a), a partir do qual são pensadas as possibilidades de ressignificações do corpo.

⁴⁴ O conceito de fluxo, aqui referido, segue a abordagem da entrevista de Guattari - intitulada Pulsões, no ano de 1992, organizada pelo Núcleo de Estudos de Subjetividade (PUC-SP): <http://minhateca.com.br/Argus.Setembrino/Cartografia/Deleuze+e+Guattari/Entrevistas+Guattari+e+outras/Entrevista+com+Felix+Guattari+sobre+Pulsões+de+3%29.202705619.mp4%28video%29> Consulta em 07/04/2014 .

4.1 RITUALÍSTICA ANTROPOFÁGICA

Nessa linha de pensamento que estamos traçando, um corpo nômade é também um corpo antropofágico, devorador de códigos, imagens, semióticas etc., que permitem a mutação. A noção de antropofagia, trabalhada por Rolnik (2006), contribui nessa compreensão, de como um corpo pode sofrer mudanças. Usamos o termo corpo por compreender que as mudanças subjetivas não ocorrem sem resultar em mudanças no corpo ou compreender que a subjetividade é parte do corpo ou o próprio corpo *sensível/perceptível/conectável* da realidade social e natural.

Fazer uso de uma teoria que tem como base analítica e pragmática uma prática de conhecimento resultante de um ritual de nossas terras tupinambás é significativo nesta pesquisa. O diálogo entre o conceito de nomadismo e de antropofagia é pleno, sem entraves. Se o nômade vivencia um processo de desterritorialização para assim experimentar novos mundos, o antropofágico devora as realidades para viver em seu corpo a mudança e experimentar a existência da vida, tal como se expressa Oswald de Andrade (1976): “Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida”. Ambos os conceitos trazem a reflexão sobre a possibilidade da mudança a partir da construção do novo (desterritorializar + agenciar = novo/resultante e Selecionar + devorar = novo/resultante), compreendem práticas em vetores de subjetividade transmutada. Os tupinambás, ao selecionarem a vítima de seu ritual antropofágico, exigiam predicados que desejavam para si; todos os passos desde a seleção até a ideia de incorporação das qualidades da vítima eram partes de um ritual extremamente elaborado.

A inspiração da noção de antropofagia vem da prática dos índios tupis que consistia em devorar seus inimigos, mas não qualquer um, apenas os bravos guerreiros. Ritualizava-se assim uma certa relação com a alteridade: selecionar seus outros em função da potência vital que sua proximidade intensificaria; deixar-se afetar por estes outros desejados a ponto de absorvê-los no corpo, para que partículas de sua virtude se integrassem à química da alma e promovessem seu refinamento. (ROLNIK, 1998, p. 2)

As práticas de uma *subjetividade antropofágica* consistem em uma ritualística bem elaborada: selecionam-se partes da realidade, devoram-se e se agenciam, pela força vital do que foi comido, novas realidades. Não se pode deixar de citar que existe nessa prática uma alteridade; não se reproduz a mesma coisa com a qual se dialoga ou se devora, cria-se a partir dela, usam-se seus elementos semióticos, linguísticos e

simbólicos para, a partir de uma agitação/digestão, resultar uma pele nova, uma nova realidade.

O banquete antropofágico é feito de universos variados incorporados na íntegra ou somente em seus mais saborosos pedaços, misturados à vontade num mesmo caldeirão, sem qualquer pudor de respeito por hierarquias a priori, sem qualquer adesão mistificadora. Mas não é qualquer coisa que entra no cardápio desta ceia extravagante: é a fórmula ética da antropofagia que se usa para selecionar seus ingredientes deixando passar só as ideias alienígenas que, absorvidas pela química da alma, possam revigorá-la, trazendo-lhe linguagem para compor a cartografia singular de suas inquietações. (ROLNIK, 1998, p. 5)

Todos os rituais têm seus elementos simbólicos, bem como uma esfera de energia que esses elementos suscitem. Na Praça Mits, haveria uma ritualística similar da vida rica em elementos e energias, que se apresenta em duas dimensões: uma de celebração por meio da experimentação de elementos da existência humana e, outra, de uma reelaboração de significados ou de planos de existência por meio da mistura dos elementos. A mistura que os elementos fixos apresentam é o que possibilita a reelaboração: são cores, sons, costumes, instituições e representações que compõem a ritualística da vida e que são constantemente misturadas em suas significâncias, possibilitando novas perspectivas. Portanto, a vida cotidiana é feita de uma ritualística bifurcada de elementos constituídos e do agenciamento realizado sobre eles; antropofagicamente pensando, “comem-se” as formas e possibilitam-se as novas modelagens e as novas configurações.

Bebidas alcoólicas, canabis, cigarros, músicas, danças, paqueras, beijos, perfumes, cores, risos, toques, excitações, conversas, lágrimas, brigas, árvores, plantas, luzes etc., tudo isso faz parte da ritualística da praça, onde as formas constituídas são misturadas, resultando em *polissemias*, forças que flutuam no espaço e intensidades que percorrem os corpos.

Fotografia 21*Bebidas*

A ritualística bifurcada, como vimos, consiste, por um lado, na prática redundante de elementos fixos, mas que, por outro, são sempre experimentados de forma inédita devido aos contextos. A vivência desses elementos é o que permite o agenciamento, por meio da “magia” da mistura, da afetação e da possibilidade do novo. Dessa forma, retomando a pergunta inicial (como se decodificar quando nossa própria potência parece destinada a reproduzir instituições, contratos e leis?). Pensemos que o “milagre” da socialização consiste nesse carácter duplo, da redundância e agências sobre o que está constituído e a natureza de forma geral.

As dimensões espaciais e formas físicas, em geral, da praça não estão separadas dos corpos ou estes não estão indiferentes a essas realidades; não só porque se faz uso delas. De forma consciente, consomem-se as bebidas alcoólicas, canabis, cigarros etc., como descrevemos nas cartografias do campo. Mesmo aqueles que não usam as substâncias químicas permitem-se inebriar pela música, paqueras, beijos, dentre outros elementos que ali são trocados. A troca é outra característica da ritualística da Praça Mits. Trocam-se objetos, fluidos e afetos. Por meio das trocas, ocorrem conexões sutis, capazes de produzir novas possibilidades.

A Praça Mits traz, na sua composição, as trocas como possibilidades de mistura de elementos, uma “produção de coquetel”, em que cada sujeito adiciona os elementos que são possíveis ao seu próprio coquetel que resultará em um sabor, um devir, em uma nova realidade. A magia da ritualística consiste não na reprodução dos elementos instituídos pela vida social, mas na possibilidade de uma mistura que emana uma

intensidade produtora de devir, o *devir-vida*. Se o passeio pelos elementos constituídos tem a função de territorializar os corpos, o ato de devorar os elementos possibilita um novo deslocamento permitindo a magia do existir em movimento de constante produção de si.

As trocas ocorrem no beijo que compartilha calor, suor, saliva, olhar, cheiros, forças e sensações; as conversas trocam morais, imoralidades, mitos, subversões e perspectivas. É assim que as possibilidades da ritualística da Praça Mits permitem as conexões. A troca só é possível porque os elementos lançados na direção dos corpos se conectam⁴⁵. De outra forma, seria um lançamento no vazio. Essa ritualística se constitui na reciprocidade antropofágica – “um devora o outro”; o que se escolhe para devorar passa por uma seleção que contempla afinidades, semiótica do tesão e outras possibilidades. Um banquete de reciprocidade antropofágica não se traduz em morte para nenhuma das partes, mas em vida e em resultantes plurais para ambas.

O espaço (Praça Mits) possibilita a execução da antropofagia, sobretudo em seu aspecto de alteridade: “come-se o outro com o qual se afeta”. Favorece a antropofagia por ser um espaço de multiplicidade, de jovens que não estão ali por serem pertencentes a uma única convenção identitária, mas bem porque usam *máscaras* diversificadas, não só na composição do coletivo, como também na composição do sujeito, mesmo quando eles se afirmam como algo efêmero. Percebemos, no decorrer da pesquisa, que determinados jovens estão sempre se permitindo ser *mutóides* (conforme CANEVACCI, 2004, p. 112). Mexem em sua indumentária ou adereços, em seus movimentos corporais, ou mesmo, em suas expressões sexuais (desejos sexuais). Um dos jovens com quem conversamos, em uma das idas à praça, relata: “sou o que o momento mandar”. Ao refletir, sem interpretar a sua fala, e, mergulhando na intensidade daquele momento de expressão, do seu olhar, percebemos a nossa apreensão, naquela fala, de possibilidades de abertura e fluidez, mais do que uma simples verbalização. Isso pode ser captado não só nesse jovem, mas em tantos outros que também se encontram em grupos em uma dinâmica social fluida. Para o olhar cartográfico, isso vem agregar mais à pesquisa do que as meras verbalizações. A intensidade que acompanhava a expressividade do momento permitia-nos abertura a uma possível vivência dos corpos desejantes: afetação de nossa *persona*, enquanto pesquisador; as ondas da voz da/do jovem iam reverberando-se de tal forma em nosso próprio corpo de tal modo que o

⁴⁵ Seguindo a orientação de Takeuti, estariam em face de um fenômeno de *clinâmen*, abordado por Deleuze e Guattari (2012c, p. 26).

pensamento (racional) passava a se compor com as sensações. Desejo de saber mais: ver até onde e em que proporções essa mutação ocorre; e, também, saber quais as afirmações de moralidades e normas impedem essa fluidez.

Buscamos trabalhar essas questões - que ajudaram a delinear o problema da pesquisa - através de um olhar cartográfico que visualiza/sente os movimentos de mudanças naquele campo; como também percebe as cristalizações dos corpos em seus vários aspectos, em maior ou menor proporção, de sujeito para sujeito. O foco está no entendimento de como as mutações se exprimem no corpo e sexualidade. Sabemos pela observação em campo e pela teoria que por mais que o sujeito busque se fixar em uma dada convenção identitária, uma forma de ser, a vida está sujeita a *processos de individuação* contínua (SIMONDON, 1993), não há nada terminado subjetivamente falando, no ser humano, nem mesmo biologicamente, tendo em vista que o nosso corpo está sempre em estado processual. Para Simondon, a individuação é própria da vida, vida no sentido não só humano, mas vida como movimento da existência, das possibilidades. Pensemos isso em diálogo com a antropofagia, abordada por Suely Rolnik: ora, se temos *contornos e formas* (ESCÓCIA E TEDESCO, 2009, p. 92), por trás disso temos um movimento de forças acontecendo e remodelando tudo; tudo está em constante processo de mudança. A antropofagia é a forma com que nossos contornos devoram elementos, em um movimento de selvageria para se transmutar, para obter a força de vida e se refazer/remodelar. Dessa forma, poderíamos criar uma tabela de sujeitos para não simplificar a abordagem, pensando em dois extremos onde um é formado pelos selvagens devoradores e outro por sujeitos acomodados (capturados) em sua forma de ser, mas que mesmo assim está em um processo constante de individuação, como afirma Simondon. Na verdade, a tabela mostraria fluidez, onde constataríamos crescentes e baixas de devoração selvagem, oscilações, possibilidades de sujeitos com maiores práticas antropofágicas em alguns aspectos e, em outros, não, mas sempre em grande oscilação sem resultar uma tabela dual e, sim, plural.

A teoria de Simondon traz-nos esperança como cartógrafos, pois ajuda a perceber que mesmo nos mais capturados em suas subjetividades, nos mais moralistas e mais heteronormativos, existem também movimentos contínuos de individuações, que sempre tornarão possível o surgimento de um devorador selvagem que dará maior espaço à mutação. A teoria de Simondon nos ajuda a questionar os determinismos em torno do ser humano, mostrando uma perspectiva ontológica do movimento permanente de modelagem de si, de um modelar e não moldar e concluir a vida, os sujeitos.

O vivo é apresentado como *ser problemático*, simultaneamente superior e inferior à unidade. Dizer que o vivo é problemático é considerar o devir como uma dimensão do vivo: o vivo é conforme o devir, que opera uma mediação. O vivo é agente e teatro de individuação; seu devir é uma individuação permanente, ou melhor, *uma sequência de acessos deindividuação*, avançando de metaestabilidade em metaestabilidade [...]. (SIMONDON, 1993, p. 107)

Um elemento importante da antropofagia – proposta por Rolnik no intuito de atingir uma subjetividade fluida – é a ética. Uma ética da vida, pensando-a como uma potência criadora de *mundos mais aclimatados* (ROLNIK, 2011, pp. 43-56). Rolnik assegura que não basta apenas criar; aliás, muitas invenções são devastadoras e, mesmo quando não estejamos julgando-as binariamente (bem ou mal), estaremos pensando-as em termos de seus efeitos sobre a vida. Há, assim, de um lado, invenções sem efeitos antropofágicos que podem resultar em novas formas de capturas de subjetividades e, diga-se de passagem, nefastas. De outro, a *criação antropofágica*, a que agrega fluidez à subjetividade; portanto, constituindo-se em uma *criação ética*.

É que a antropofagia em si mesma é apenas uma forma de subjetivação, tudo distinta da política identitária. Ela se caracteriza pela ausência de identificação absoluta e estável com qualquer repertório, a abertura para incorporar novos universos, a liberdade de hibridação, a flexibilidade de experimentação e de improvisação para criar novos territórios e suas respectivas cartografias. (ROLNIK, 2006, p. 19)

Assim como Rolnik aponta que as afetações não acontecem só com outros humanos, Latour traz para a cena social as conexões de humanos com humanos e não humanos (vivos e não vivos), como vimos anteriormente, levando-nos a entender a ação como resultante de uma teia de conexões.

Desde que se devolva a não humanos um pouco de liberdade de movimento, o leque de agentes aptos a participar do curso da ação se amplia prodigiosamente e não mais se restringe aos "tecidos de tamanho médio" dos filósofos analíticos. A ANT é difícil de entender porque preenche justamente o espaço deixado vazio pelos sociólogos críticos com as cáusticas palavras "objetivação" e "reificação". (LATOURE, 2012, p. 115)

A ação, nessa perspectiva, seria sempre inédita e nunca uma reprodução de outra já vivenciada. Cada ação deve, dessa forma, ser alvo de atenção tendo em vista esse caráter de agenciada, de um ponto onde diversos fios se cruzam. As *conexões* acontecem em movimento constante onde os resultantes não são formas terminadas, assim como em Simondon, mas contornos do movimento de conexão. É significativo no pensamento de Latour (2012, pp. 97-128) o aprofundamento que ele faz das conexões

com os não humanos; mais do que isso, da atuação como *actantes*, desses não humanos fazendo parte fundamental do *socius*. Sendo assim, ele problematiza a partir da *sociologia das associações* que “na visão alternativa, ‘social’ não é uma cola que pode fixar tudo, inclusive o que outras não fixam; é [sim] aquilo que outros tipos de conectores amalgamam” (LATOURET, 2012, p. 22).

Em Rolnik são as afetações com corpos, seja de pessoas ou coisas. Em Latour, são as conexões, ambos dialogando em uma confluência para o agenciamento possível ao ser humano tal qual abordado por Deleuze e Guattari os quais usam como base reflexiva a noção de *infinitesimal* de Gabriel Tarde:

Tarde objecta que as representações coletivas supõem aquilo que é preciso explicar, isto é, "a similitude de milhões de homens". É por isso que Tarde se interessa mais pelo mundo do detalhe ou do infinitesimal: as pequenas imitações, oposições e invenções, que constituem toda uma matéria sub-representativa. E as melhores páginas de Tarde são aquelas em que ele analisa uma minúscula inovação burocrática, ou linguística, etc. (DELEUZE E GUATTARI, 2012a, p.107)

Se, de um ângulo, somos devoradores de realidades; de outro somos, só mais uma substância conectada às realidades e ao cosmos. Somos *mônadas* abertas (TARDE, 2003), recebendo fluxos por meio de conexões. Existem fibras que nos conectam ao mundo e às máquinas tecnológicas nos transmutando. Somos, a partir de intensidades e fluxos, corpos ampliados e acoplados às máquinas, como afirma Tadeu (2009), em *Antropologia do ciborgue*.

O ciborgue nos força a pensar [...] em termos de fluxos e intensidades, tal como sugerido, aliás, por uma “ontologia” deleuziana. O mundo não seria constituído, então, de unidades (“sujeitos”), de onde partiriam as ações sobre outras unidades, mas, inversamente, de correntes e circuitos que encontram aquelas unidades em sua passagem. [...] Integre-se, pois, à corrente. Plugue-se. Ligue-se. A uma tomada. Ou a uma máquina. Ou a outro humano. Ou a um ciborgue. Torne-se um: devir-ciborgue. Eletrifique-se. O humano se dissolve como unidade. É só eletricidade. Tá ligado?” (HARAWAY, KUNZRU e TADEU, 2009, p.14)

Usando-o como referencial, pensemos a própria ideia de Deleuze e Guattari, que retomamos aqui, de uma subjetividade que ocorre sobre a pele que é captadora/conduzidora de intensidades que, assim, passeiam sobre nossos corpos, resultando em constantes *explosões moleculares*, por motivo de conexões com outros “corpos/máquinas”.

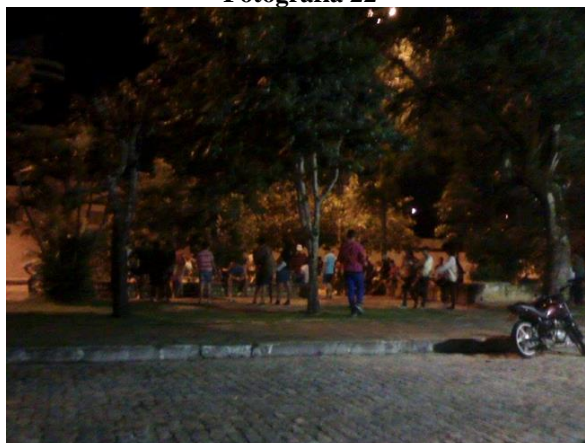
4.2 CORPOS AMPLIADOS: VAZAMENTO/CONEXÕES, EXTENSÕES E AVATARES

Os *corpos ampliados* consistem na noção de um vazamento do corpo de tal forma que ele se estende ao meio o qual se conecta a ele; mas também consistem em *extensões* criadas pelo ser humano para modelar seu corpo e, por último, em avatares - uma forma peculiar de extensão ou desdobra do corpo, uma produção de diferentes habitações para nossas experimentações, conforme Canevacci (2004, pp. 117-121). O corpo que se conecta não deve ser confundido como parte de uma estrutura na qual ele só corresponderá a uma peça de um todo, sem possibilidades de invento. O corpo ampliado que se conecta é *agenciador, mediador*, diria Latour (2012, p 65) e tem a possibilidade de criar e se recriar.

Vamos abordar a noção de corpos ampliados para tentar uma compreensão maior do tema da pesquisa. Tentaremos fazer uma descrição das peculiaridades empíricas que me suscitaram a noção de corpos ampliados. Tendo em vista o foco da pesquisa - os corpos em mutações, - liguemo-nos em todos os movimentos possíveis em torno desta realidade, na Praça Mits. O espaço praça se torna fundamental para a construção do objeto, sobretudo, a partir desta noção de corpos ampliados, pois em alguns momentos, praça e corpos se confundem, se conectam e se afectam.

Primeiro, pensemos no que compõe a Praça Mits: as bancadas que servem de assento, as árvores, as luzes, os sons, os cheiros, as bebidas e outras drogas, as conversas, fechações, caçasetc.

Fotografia 22



Árvores, iluminação e movimentação na Mits

A partir desses elementos, compreende-se que os corpos estão atravessados por diversas realidades. Para melhor refletirmos sobre isso, lanço mão à ideia do corpo

grotesco ao qual se conecta por seus *orifícios, protuberâncias, ramificações e excrecências* ao mundo:

Em oposição aos cânones modernos, o corpo grotesco não está separado do resto do mundo, não está isolado, acabado nem perfeito, mas ultrapassa-se a si mesmo, franqueia seus próprios limites. Coloca-se ênfase nas partes do corpo em que ele se abre ao mundo exterior, isto é, onde o mundo penetra nele ou dele sai ou ele mesmo sai para o mundo, através dos orifícios, protuberâncias, ramificações e excrecências, tais como a boca aberta, os órgãos genitais, seios, falo, barriga e nariz. (BAKHTIN, 1999, p. 23)

Ora, explicita o autor, é um corpo com boca, nariz, ouvidos, ânus, mas também com dobras e sentidos que o faz não só experimentar o mundo do lugar de uma unidade/artefato, mas que o conecta ao mundo por meio desses orifícios, dobras e sentidos, está em constante troca de “substâncias” com um todo.

É em atos tais como o coito, a gravidez, o parto, a agonia, o comer, o beber, e a satisfação de necessidades naturais, que o corpo revela sua essência como princípio em crescimento que ultrapassa seus próprios limites. (BAKHTIN, 1999, p. 23)

Nessa perspectiva, o corpo não se amplia por meio de estratégias conscientes ou pré-conscientes, como veremos à frente; mas é sempre amplo, sempre faz parte de um todo e nunca consegue fechar seus orifícios, por mais cultural que tenha se tornado. O que ocorreu é que foi criada a ideia de uma unidade que não existe de forma real, nem se considerássemos a partir de uma perspectiva física radical.

O corpo, para além dos orifícios, é cheio de *poros*, é conectado à temperatura, à água, à luz etc. Seria incrível se observássemos isso com lentes apropriadas; veríamos que estamos como em uma placenta gigante onde o ar e todos os micros-seres passeiam sobre nós e se, em algum momento, essa placenta estourasse, a vida seria impossível, nossos pulmões explodiriam pelo vácuo. Não se trata de dizer que tudo isto esteja a serviço do corpo, e sim que ele é atravessado por tudo isso. De algum modo, estamos como uma célula em um organismo maior ou só somos mais um elemento de um todo complexo em movimento. Assim, nossos corpos são *devir do cosmo* (DELEUZE E GUATTARI, 2012b, pp 11 – 120), um ponto de cruzamento de várias teias (LATOURE, 2012), um contorno em meio à vastidão do universo.

O corpo ampliado é um devir-mundo, é um corpo vazado das formas de representações que pesam sobre seus espaços e que o limita; consegue produzir espaços

em si mesmo para possibilitar outros devires, como um movimento constante de criação de mundos.

É nesse corpo vazado que haverá espaço para as extensões e *conectivos tecnológicos*, conforme Canevacci (2005); essa é a segunda dimensão que selecionei para pensarmos o corpo ampliado. Os corpos vazados são conectados a objetos como o *piercing*, os brincos, as tatuagens, as maquiagens etc. Nas práticas empíricas, estando em conversa com um dos jovens, ele me mostrou seus piercings do nariz e depois da língua, expressando-se que, para ele, esses objetos significavam uma forma de liberdade do corpo; o perfurar o corpo, para ressignificá-lo, é uma forma de rebeldia para com as normas que se estabelecem sobre os corpos. A sua família, disse ele, condenava essas práticas, dirigindo-lhe fortes críticas na tentativa de levá-lo a reafirmar-se no regime da “normalidade”. Compreendi, nesse evento, que um *piercing* não é só um adereço, mas pode ser um atravessador que fissa princípios normativos e significados estabelecidos. É o objeto que, junto ao corpo, torna-se parte dele, não uma figura passiva e representativa, e sim um possível agenciador ou mediador de novas realidades, para os jovens em questão. Assim, também, são as tatuagens e maquiagens, que na superfície do corpo vão desenhando novas formas, tirando significados atribuídos a uma devida área do corpo, mesmo que não tire totalmente os significados, lança-se sobre ele como uma mancha e uma possibilidade de extensão. Essas formas de ampliação do corpo ocorrem por estratégia, consciente ou pré-consciente. São estratégias de arte e expressividades. Assim, o corpo amplia-se em expressividade e vida.

Os tempos tecno-contemporâneos nos fazem pensar em uma dimensão dos corpos, os *avatars*. O conceito de *avatar* intervém, neste momento, para culminar na ideia de corpos em mutações para, em seguida, dialogar com os dois conceitos precedentes, nomadismo⁴⁶ e antropofagia, assim como anunciado no início deste texto. A multiplicidade de elementos, a que somos expostos, na internet e nas cidades, possibilita a criação dos avatares, sejam eles dos espaços físicos ou virtuais. O avatar, na perspectiva que abraçamos (CANEVACCI, 2009, p. 9), não é um simples personagem fictício, mas bem uma modelagem de *múltiplos “eus”*. Um avatar criado, mesmo quando se desconecta dele no mundo real ou virtual, continuará como parte da pessoa, de algum modo ou, então, servindo de “matéria prima” para outras modelagens

⁴⁶Vale citar a crítica que Massimo Canevacci faz a Deleuze e Guattari, sobretudo, na composição do conceito de nomadismo. Crítica desenvolvida no livro *SincrétiKa*, mas que não anula/invalida as proximidades que podemos fazer entre as teorias desses autores.

subjetivas. Os avatares são ampliações dos corpos que abrigam uma *subjetividade múltipla e mutante*, como é bem explicitado na tese do autor; com eles, experimentamos o mundo em abrangência, sentimos sensações diversas, afetamo-nos e agenciamos novas realidades. O avatar é importante instrumento de mutação quando torna a vida uma multiplicidade, conclui Canevacci (2004, p.18).

4.3 OS AVATARES E O MULTIVÍDUO

Ao mesmo tempo em que um jovem está, em uma quarta-feira à noite, na Praça Mits, ele está virtualmente em um dos aplicativos de paquera participando de uma rede digital com várias pessoas; está, sobretudo, no *facebook* conectado a uma multidão de pessoas, informações, imagens e sons. Seu corpo está na praça, mas também, está no mundo virtual, através de uma imagem construída a partir de afinidades, gostos e perspectivas desejadas – um avatar. O avatar, produzido virtualmente, é parte do corpo do mundo não virtual, é uma desdobra, é a concretude de um corpo ampliado que não se projeta na virtualidade de forma alheia, mas que se conecta a redes, expandindo o seu olhar, as suas sensações e a suas percepções. Como afirma Canevacci (2004), as fibras óticas do computador se conectam ao corpo e acontece uma troca de forças e informações.

Podemos fazer nossas próprias conexões entre os conceitos de avatar e de antropofagia, travando um diálogo com o conceito de nomadismo de Deleuze e Guattari, anteriormente explicitado. Poderíamos afirmar que o avatar é a concretude de uma subjetividade nômade ou antropofágica, ele é a própria experiência de mundos múltiplos sobre si, com a possibilidade de novas criações.

Sob outro ângulo, a avatarização é a consolidação de um *multivíduo*, um corpo e vários “eus” que rejeita os dualismos: “O avatar detesta qualquer dualismo, multiplica as subjetividades e os infinitos enxertos entre orgânico e inorgânico”. (CANEVACCI 2004, p.119)

Como se dá um relato avatar? Por conexões, fios, ships, imagens, sons, polifonias e sincretismos culturais = avatarização, isto é, por construções de “eus”. Regulam-se, aqui, as articulações propostas da mesma forma que um mecânico regula as roscas nos parafusos, em uma máquina, para que ela desenvolva a sua função na medida certa; do mesmo modo, também ajustamos o nosso corpo, a começar pelo espaçamento e molejo que demos aos nossos passos e aos nossos braços em movimento;

aliás, as proporções eram todas bem calculadas. É feita modelagem da nossa expressão facial e acionamento do *olhar vibrátil*⁴⁷ para um posicionamento no ato do perambular, um olhar geralmente voltado para o plano baixo que se esquia de outras dimensões ou movimentos, inclusive, há a escolha indumentária, compondo-se de tons escuros, mais fáceis a camuflar em meio a pouca iluminação do espaço. Em instantes, já não era mais “o nosso” corpo convencional, a carcaça primeira; era um avatar próprio construído para habitar o próprio corpo, em plena consciência. Não se tratava de uma dualidade composta de um “eu real” e de um em “papel fictício”, mas, sim, de um corpo (subjetividade) temporário.

Avatar significa – criando-se uma metáfora a partir do sentido primeiro da filosofia hindu, isto é, a múltipla manifestação do deus – a experiência de uma subjetividade multivida e, ao mesmo tempo, a autoprodução de linguagens múltiplas. Avatar é um desafio a qualquer discurso monológico e a qualquer identidade fixa. (CANEVACCI 2004, p.118)

Pensar o conceito de avatar, a partir de Canevacci, é antes de qualquer coisa compreendê-lo como uma potência de vida, que se expressa na produção de corpos múltiplos (ou corpo ampliado) e de realidades variadas. O avatar é a concretude do multívíduo, como aquele sujeito que não tem uma identidade ou subjetividade em seu sentido convencional, mas múltiplas faces *multicodes* (CANEVACCI, 2004). Nessa perspectiva, o avatar dialoga com o conceito de *rostidade*, em Deleuze e Guattari (2012, p. 107), para os quais não há a consolidação de uma identidade, mas a possibilidade de *múltiplas rostidades*, como em um ritual tribal de máscaras onde cada máscara dispõe de uma função e é colocada para que a personagem – a rostidade – seja incorporada semelhantemente, e assumida uma personagem e um papel transitório, de modo a dar lugar a um novo, em um momento necessário. A rostidade é uma expressão de multiplicidade na qual a vida humana está exposta e é uma força de criação. Tanto avatar como rostidade são forças de vida em modelagem, que se expressam no nascimento de uma nova paisagem do corpo. Por fim, continuemos refletindo sob a provocação feita por Suely Rolnik: o que existiria por baixo das múltiplas máscaras que compõem os sujeitos: nada, pois somos essas múltiplas máscaras! (ROLNIK, 2011, p. 75).

⁴⁷ Definimos o olhar vibrátil enquanto uma pragmática que se integra ao rol de ações do pesquisador que retraça cartografias (ROLNIK, 2011): um olhar e uma escuta sensíveis que captam fluxos, passagens, intensidades e vibrações no campo de interesse da pesquisa.

4.4 ESCARIFICAÇÕES SOBRE O CORPO

Para concluir essa reflexão sobre nomadismo, antropofagia e avatares, pensemos nos vários povos tribais que escarificam seus corpos. Trata-se de uma prática ritualística e de estética do corpo; ambas inseparáveis. Esses povos compreendem que por meio da dor, da sangria e da marca resultante, a vida ganha o devido sentido, a vida modela-se e o corpo ganha a forma necessária. Entende-se que um corpo sem marcas/desenhos não está desenvolvido, é preciso perfurar, rasgar a pele e sangrar para passar de um lugar a outro. A escarificação se coloca como um movimento de desterritorialização e reterritorialização, um movimento de nômade, uma autoantropofagia, na qual devora-se a si para desenvolver o corpo desejado e se coloca como uma avatarização da existência, criando sobre um corpo dado (pela natureza) um corpo desejado (pela cultura).

A alavanca e força movedora é a navalha que entra na pele e causa uma dor que para alguns povos é necessária para a vida, pois dela virá a marca, a nova forma para o corpo, um corpo mexido a partir dali pela ritualística. Esses povos ousam mexer no corpo, criaram a significação de cortar para modelar a própria carne, compreendendo o corpo como um espaço possível de uma arte da vida. Nisso, está uma estética do corpo, ocorrida por uma sensibilidade sobre o mundo que permite a arte sobre a pele, uma apreensão da realidade que compreende o corpo como espaço da arte de modelagem. Vemos a navalha cortante, adentrando e percorrendo a pele, dor e sangue, respiração acelerada e corpo aquecido, um artista segurando a navalha como se fosse um pincel ou talhadeira a desenhar ou esculpir a figura/traço desejada(o), no corpo cheio de contornos vão sendo feitas as linhas, os pontos e figuras almejadas. Corpo mexido, corpo-arte.

Há outras escarificações sendo realizadas sobre corpos, nela não se usa navalha e não ocorre uma sangria, mas acontece a dor que resultara em um novo corpo, um corpo mexido e modelado pela ritualística. Esta escarificação ocorre sobre o corpo da bicha que sendo impregnada com o sistema de normas, códigos e formas de representações, fissa o próprio corpo em sua pele, permitindo que a navalha da agonia de sentir-se inicialmente abortiva de um sistema que se coloca como divino e/ou natural, desenhe em seu corpo as marcas que deseja. Ser bicha-escarificada é ser, antes de uma figura ligada à homossexualidade, uma potência agenciadora, é trazer em seu corpo as marcas da escarificação que nasceu da dor, dos conflitos internos e do caos, e tornou-se arte da vida por meio de uma estética do corpo, uma estética que se manifesta no criar

sobre a própria espacialidade do corpo, fazendo-o movimento de expressão em uma mutação contínua.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar com Deleuze e Guattari, em como se produz uma *literatura menor* é buscar compreender as dimensões das complexas pragmáticas da vida. Não se trata só de olharmos criticamente para uma literatura que se produz no circuito hegemônico e sim de uma literatura que se apresenta como, de alguma forma, fora desse circuito, mesmo que se utilize parcialmente seus elementos (DELEUZE E GUATTARI, 2014). Como fazer uso de elementos hegemônicos sem se deixar prender totalmente aos padrões, mas inventando por meio desses mesmos elementos? Através de uma profanação, em certo grau! Quer seja de uma língua por uma gíria, quer seja de uma arte por um artesanato ou, ainda, de uma grande política por uma micropolítica. A gíria, o artesanato e a micropolítica sendo, então, sempre uma *produção menor*. A título de esclarecimento: o *menor* não é utilizado, por Deleuze e Guattari, em termos valorativos; mas bem, em uma perspectiva de ser, em sua forma prática, uma invenção para além do dado, do hegemônico/maior.

Esta pesquisa se propôs observar como o menor se produz; para isso, focou-se empiricamente a Praça Mits, abordando-a como um espaço de multiplicidade que vem potencializar a emergência de expressividades e atentando para os efeitos das conexões, naquela ambiência, sobre as/os jovens que por ali transitam e produzem experimentações diversas em suas variadas interações. Observamos as modulações dos corpos (estilísticas, performances e desejos sexuais); estivemos atentos aos fluxos que estão na passagem onde os jovens se encontram; *fluxos que os levam a uma movimentação contínua em busca de uma arte do viver*⁴⁸. Tentamos caracterizar esses fluxos, sobretudo, no item “Itinerário nômade LGBTTI em Natal-RN: os caminhos e atravessamentos até a Praça Mits”. Tais fluxos não seriam próprios, apenas, às juventudes LGBTTIs da Praça Mits, mas das juventudes do mundo, em suas práticas micropolíticas. Estas teriam, de uma forma ou de outra, ressonâncias no *socius*. A indagação sobre os efeitos desses fluxos (de desejo), em uma perspectiva social mais abrangente, não foi trabalhada nesta pesquisa (e nem podíamos fazê-lo sob o risco de perdermos o eixo principal de desenvolvimento dissertativo atual). Isso demanda, sem dúvida, um novo programa de pesquisa no qual poder-se-ia incluir questões atinentes às transformações societais contemporâneas tendo em vista essa problemática que diz respeito ao corpo, às suas mutações, aos espaços nômades de

⁴⁸Conforme Takeuti, em sessão de orientação.

experimentações afetivas-sensuais-estilísticas e às conexões de corpos humanos e não-humanos.

Pensando, ainda, em uma literatura menor e em uma micropolítica, poderíamos dizer que uma produção é menor, quando sua potência inventiva se amplia na medida em que ela ultrapassa produções que se limitam a seguir o hegemônico. Usamos o termo hegemônico em sinônimo de maior, do comumente aceito e tido como normal. Para refletir sobre o menor, no que se refere as micropolíticas da Mits, baseamo-nos nas obras *Mil Platôs* (vol. 3) e *Kafka, por uma literatura menor* (ambas já anteriormente citadas, pertencentes à dupla Deleuze e Guattari); e, mais ainda, na multidão jovem e seus movimentos nômades.

Observei, nas últimas visitas, que fiz no último mês de 2015 que já não havia multidão jovem na Praça Mits; na verdade, não mais havia Praça Mits; nos poucos instantes que lá ficamos, só pudemos enxergar a velha Praça Dr. Amaro Marinho; uma praça pública que à noite se esvazia, permanecendo circundada por casas de portas trancadas.

Isso nos fez lembrar de uma conversa de orientação, no início desta pesquisa, quando foi dito: *os jovens (em grupos, grupelhos, bandos ou individualmente), compondo uma multidão, fazem movimentos nômades; hoje, estão nesse espaço (Praça Mits), depois estarão em outro e assim vão buscando lugares para vivências e inventividades*⁴⁹ *de seu cotidiano*. Contudo, não pensei que isso ocorreria no desenrolar da pesquisa; imaginava que a Praça Mits, em sua efervescência semanal, subsistiria por muito tempo.

Em alguns sábados seguidos às últimas visitas à Praça Mits (já desvanecida), passando pelo Carrefour – nas proximidades do Natal Shopping, – tive uma surpresa extraordinária: havia uma multidão de jovens na parte frontal do estacionamento do supermercado (parte que se abre para um corredor viário de intenso tráfego e para um ponto de aglomeração, mais abaixo, de parada de transportes públicos). Sempre foi possível ver alguns poucos casais, em pequenos grupos de amigas/amigos, sentados na borda do estacionamento que fica às margens da rodovia; porém, o que pude ver, nessas últimas vezes, foi uma multidão jovem, à semelhança da Praça Mits. Pude nitidamente identificar que se tratava de um público majoritariamente LGBTTI. Seria, portanto, necessário reiniciar as observações para saber o que estaria motivando a agitação

⁴⁹Takeuti, em sessão de orientação.

naquele (novo) espaço, cujas movimentações se realizam aos sábados à noite. Seria preciso uma sequência de visitas para focar como o movimento está ocorrendo, assim como seria necessário fazer, em mais dois meses seguidos, visitas a Praça Dr. Amaro Marinho para fechar qualquer possibilidade de engano sobre o término dos encontros por lá; contudo, com uma análise da superfície posso dizer que a multidão Mits fez um movimento a mais nos percursos nômades juvenis. Como descrevemos no itinerário: antes da Mits, muitas/muitos jovens ocupavam a Praça do CEI, e simultâneo ao CEI, ocupavam o Paraíso, vivenciando um percurso nômade, em lugares que existem e deixam de existir para dar lugar a novos espaços. O espaço Carrefour, nesse itinerário, é inusitado por ser um espaço privado e que provavelmente pode impor uma limitação maior às diversas atuações jovens (como comentamos nesta dissertação). O que me parece importante, por ora, é destacar o fato de que uma vez configurada uma multidão, em um dado lugar, gera-se uma paisagem social cujos contornos mudam a cada momento, o que faz dessa paisagem uma imagem em mutação com reverberações inesperadas nos cenários social e urbano.

A micropolítica das juventudes da Mits e agora, provavelmente, da margem da rodovia (no estacionamento do Carrefour) e depois de um alhures, consiste nessa produção de paisagem social. Um aglomerado de jovens em um espaço que não foi feito para esse fim, e que tomam um determinado espaço para “manchá-lo” com uma imagem do inapropriado, utilizando-se dos alicerces existentes, inventando sobre eles, escapando e fazendo escapar da prisão das sobrecodificações e de suas significações. Um estacionamento, sobretudo, privado, não foi feito para uma multidão se encontrar para diversão; todavia, burlando o sentido normal do espaço, cria-se nele algo que não é só da ordem física, mas, sobretudo, algo da ordem micropolítica. Os espaços apropriados são cheios de significados e funções sociais; a multidão, no caso LGBTTI, vai e modifica as lógicas existentes, fazendo o que eles denominam de “sambar na casa da sociedade”.

É nessa perspectiva que entendemos a produção menor – tal como na literatura e nas artes – na cotidianidade da multidão jovem LGBTTI. A sua micropolítica se dá em meio à busca de espaços de expressão e pelo desdobramento de suas práticas de encontro em experimentações que denotam uma arte de existir em meio a um mundo normativo. Usam-se as estruturas existentes (no plano molar) e bagunçam alguns de seus símbolos, “sambam” nos significados e inventam outros novos símbolos. Constrói-se uma arte menor, arte de existir e resistir, como nos faz pensar Deleuze (2013), *arte e*

resistência se atravessam; elas não são a mesma coisa, mas existe resistência na arte e arte na resistência. No itinerário de jovens de sexualidades nômades existe resistência à heteronormatividade e suas estratégias socioculturais, religiosas e políticas. A vida em suas perspectivas plurais é um grande atrativo, nesse meio jovem, assim como vimos anteriormente nas descrições e fotos; do mesmo modo que exerce sedução o espaço de compartilhamento das múltiplas expressões de corpos e sexualidades.

O agenciamento coletivo de um espaço ou o agenciamento dos corpos em mutações parece abrir, assim como estivemos vendo nesta dissertação, com os jovens em suas sexualidades nômades, possibilidades a uma atuação micropolítica com perspectiva de ampliação de mais espaços lisos na sociedade.

Constatamos, com esta pesquisa, a presença social de jovens mutantes e inquietos, nômades nas construções de seus espaços para conexões e experimentações. Jovens que fazem seus “giros” construindo novas formas de conhecimentos e novas pragmáticas de vida que terminam se infiltrando em determinados estratos nas segmentaridades duras da sociedade.

Nesse sentido, as perspectivas analíticas adotadas, nesta dissertação, permitiu-me abrir a compreensão de um dado espaço da cidade (no caso, a Praça Mits) como um rasgão na paisagem urbana. Mais precisamente, um espaço que se apresenta como *liso* (DELEUZE E GUATTARI, 2012c), onde desejos outros possam deslizar; onde sexualidade e afetividade possam se exercer, de forma mais fluida, com menos amarras sociais; onde se possa exercitar a política da vida, tal qual a micropolítica de bichações em espaços fronteiros de uma praça (tal como pude experienciar, enquanto pesquisador e pessoa); e, por fim, onde se possa constituir um espaço nômade que abrigue corpos em mutações os quais, por sua vez, possam trazer configurações que nomadizem espaços cada vez mais ampliados da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª ed. Petrópolis: Vozes. 1976.
- ARENDT, Hannah. A condição humana, Forense: Universitária. 1991
- BEY, Hakim. TAZ - Zona Autônoma Temporária. Tradução: Patrícia Décia& Renato Resende Digitalização: Coletivo Sabotagem.Contra-Cultura (www.sabotagem.cjb.net). 1991.
- BERGER, Peter L. e LUCKMAN Thomas - A construção Social da Realidade. Rio de Janeiro: Vozes. 1976.
- BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1999.
- BUTLER, Judith. “Gênero, trajetórias e perspectivas”. Campinas: Cadernos Pagu, n. 11, p. 11- 42. 1998.
- BENTO, Berenice. A (re)invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond/Clam. 2006.
- _____. A Escola se aprende que a diferença faz a diferença. Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 548-559, maio-agosto/2011
- CANEVACCI, Massimo. Fetichismos visuais, Corpos erópticos e metrópole comunicacional. São Paulo, SP: Ateliê Editorial. 2008.
- _____, Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles; tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A. 2005.
- _____, Metrópole Comunicacional, São Paulo: REVISTA USP, n.63, p. 110-125, setembro/novembro. 2004.
- _____, A comunicação entre corpos e metrópoles. Revista signos do consumo , V.1, N.1,P. 8–20, 2009.
- DELEUZE, Gilles. 1925-1995. A ilha deserta: e outros textos; edição preparada por Daniel Lapoujade; organização da edição brasileira e revisão técnica: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminaras. 2006.
- _____, Conversações. Tradução de Peter PálPelbart. São Paulo: Editora 34. 2013.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol.1; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34.2011a.

_____ Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol.3; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34.2012a.

_____ Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol.4; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34.2012b.

_____ Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol.5; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34.2012c.

_____ Kafka Por uma literatura menor. Tradução Cíntia Vieira da Silva; revisão da tradução Luiz B. L. Orlandi. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2014.

ESCÓSSIA, Liliana da e TEDESCO Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica In. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. - Porto Alegre: Sulina, 2009.

GUATTARI, Felix. Caosmose – Um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34. 1992.

_____ Revolução Molecular: Pulsações políticas do desejo. Trad. de Suely Rolnik. 3. ed. São Paulo: Brasiliense. 1987.

HARAWAY, Donna. KUNZRU, Hari. TADEU, Tomaz. Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano / organização e tradução Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2009.

LATOURETTE, Bruno. Reagregando o social. Salvador: Ed. UFBA, 2012; São Paulo: Edusc. 2012.

LARAIA, Roque de Barros, Cultura um conceito antropológico. 14^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1986.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Tristes Trópicos. Buenos Aires:Editoria Paidós. 1988.

MEAD, Margaret. Sexo e Temperamento. Editora Perspectiva S.A. São Paulo, 2000

NIETZSCHER, Friedrich Wilhelm, 1844 – 1900. Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é; tradução, organização e notas de Marcelo Backes. Porto Alegre:L&PM. 2014.

PERLONGHER, Néstor, O negócio do Michê: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2008.

PRECIADO, Beatriz. "Terror anal". In: HOCQUENGHEM, Guy. El deseo homosexual. Espanha: Melusina. 2009.

_____. MULTIDÕES QUEER – Notas para uma política dos “anormais”. França: Revista Multitudes. N. 11. 2003.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

ROLNIK, Suely. Subjetividade Antropofágica / Anthropophagic Subjectivity. In: HERKENHOFF, Paulo e PEDROSA, Adriano (Edit.). Arte Contemporânea Brasileira: Um e/entre Outro/s, XXIV Bienal Internacional de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, P. 128-147. 1998.

SCHEURMANN, Erich. Papalagui Discursos de Tuiavii Chefe de Tribo de Tiavéa nos Mares do Sul de Tuiavii de Tiavea. Editora: Antígona. 2009.

SIMONDON, Gilbert. A gênese do indivíduo, In. Cadernos de Subjetividade – O Reencantamento do Concreto. São Paulo: Editora Hucitec. 1993.

TAKEUTI, Norma. Práticas de formação, memória e pesquisa (auto)biográfica. Orgs.: Vera Lúcia Gaspar e Jorge Luiz da Cunha. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2010.

_____. No outro lado do espelho – A fratura social e as pulsões juvenis. Rio de Janeiro: RelumeDumará. Natal/RN: UFRN. 2002.

TAKEUTI, Norma e BEZERRA, Marlos Alves. Trajetórias de um coletivo jovem: nem só de prática-gramática da ira In. Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas. org. Norma Missae Takeuti e Christophe Niewiadomski. Porto Alegre: Sulina. 2009.

TARDE, Gabriel. Monadologia e sociologia — e outros ensaios (organização de Eduardo Viana Vargas e tradução de Paulo Neves). São Paulo: Cosac Naify. 2007.

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz: A "literatura" medieval; tradução Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

_____. Introdução á poesia oral; Tradução Jerusa pires Ferreira, Maria Lucia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: HUCITEC. 1997.

SITES CONSULTADOS

- <https://www.facebook.com/anarko.depressao/posts/15524628134-10/10/14>.
- http://www.youtube.com/watch?v=6prb4jmp_Ms - 10/10/14.
- <http://www.multitudes.net/Multitudes-queer/>- 13/10/2014.
- <http://www.memorialgbt.com/edicoes/edicao-1/>- 13/10/14.
- <http://historiadosamantes.blogspot.com.br/2008/10/paulo-augusto-falo-integral.html?m=1>- 13/10/14.
- http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT29/GT29_MissaeTakeuti.pdf - 24/09/2015.
- <https://conexoeshibridas.files.wordpress.com/2015/07/corpos-em-movimento-no-hip-hop-e-devir-jovem.pdf> - 24/09/2015.
- <http://um.pedrofbg.com/redesrizomaticas/>- 08/10/2015.
- <http://pt.slideshare.net/felipefonseca/ongs-fruns-de-conhecimento-questes-socioambientais-por-juliana-bussolotti> - 08/10/2015.
- <http://www.redgtd.org/EN/blog.php?U=catas&P=20150812020024>- 08/10/2015.
- <https://plus.google.com/109029956931727576117>- 08/10/2015.
- <http://www.ideafixa.com/sagrado-corpo-nsfw/>- 14/01/2016.

APÊNDICE

DE A – Z: CONHEÇA AS GÍRIAS E TERMOS DO MUNDO GAY!⁵⁰

A

Arrasou – Expressão de admiração em relação a um ato bem-sucedido de outra pessoa.

Abalou – O mesmo que arrasou.

Afofi – Pênis com mau cheiro.

Aurora – Mal cheiro.

Ajeum – Comida

Alibã – Polícia.

Amapoa – Mulher.

Aqüé – Dinheiro.

Aqüendar – Chamar para prestar a atenção; fazer alguma função, Olhar, paquera, também pode ser usado como fazer sexo.

Azuelar – roubar

B

Babado ou bafo – Podem ser várias coisas, entre elas: discussão, conversa e fofoca

Bafão (Bas-fond, leia-se bafôn) – Confusão, Bagunça, bochicho.

Barbie – Homem homossexual malhado e afeminado.

Bilú – Homossexual metido a rico.

Biu – Gay, homossexual masculino.

Bill – Gay, homossexual masculino.

Bicha bofe – Homossexual não efeminado

Bofe – Homem bonito.

Bolacha – Homossexual feminino.

C

Cheque – Cocô (Da mesma forma que nena).

* Passar o cheque – Sujar o pênis do parceiro.

Chuchu – Barba.

Carimbo – Doença sexualmente transmissível.

⁵⁰ <https://iblogay.wordpress.com/2013/02/19/conheca-as-girias-do-mundo-gay/>

Acesso em: 14/01/2016

Carimbar – Transmitir doença.

Caminhoneira – mulher homossexual masculinizada

Carão – Fazer pose, debochar.

Close – Fazer a linha pessoa metida, um complemento de carão.

Colar velcro – ato sexual entre duas mulheres.

Colocação (Colocado) – Situado, bêbado– Se drogar, ficar alto.

Crossdresser – Aquele que se monta para se divertir.

Cotrofe – Brega, feio ou de qualidade ruim.

D

Demônio – Pessoa muito feia.

Diza – Expressão que se refere ao ato sexual “dar”, refere-se ao homem que foi passivo em uma relação sexual.

Dumdum – Pessoa negra.

Desaquiendar – sair fora, deixar o lugar.

Doce – Armar confusão, fazer o mal.

E

É tudo – Algo muito bonito e/ou interessante.

Entendida (o) – Pessoa do meio GLS (Lésbica, gay...)

Enxerto – Intriga.

Elza (ou Multar) – Roubar.

Erê – Criança.

Equê – Mentira (o mesmo que **Fidã**).

F

Fancha – sapatão, Lésbica.

Fomfom – Gazes.

Fita – Esperma.

Fritar (tomar bala, doce) – Usada para drogas como ácido, extasy, nas baladas, raves, etc. E para quem leva “pipoco”, tiro.

* Fritar também usada para definir quem dança durante muito tempo ou sabe dançar muito bem.

G

Gravação – Sexo oral.

Gongar – Falar mal.

I

Inhai! (E aí?) – Expressão de cumprimento, talvez a mais usada no meio homossexual.

O mesmo que olá, como vai?

Irene – Velho

M

Mona – Mulher; ou homossexual masculino afeminado.

Mondrongo – Feio, esquisito (nome dado às deformações causadas pelo uso de silicone industrial).

Mala – órgão genital masculino (Da mesma forma que Neca e Ocâne).

Maricona (Cona ou conam) – Homem homossexual com mais de 50 anos.

Mati – pequeno.

N

Nena – Cocô. (Da mesma forma que cheque).

Neusa – Homossexual; ou mulher oriental.

Neca – órgão genital masculino.

O

Odara – Bonito

Ocâne – órgão genital masculino

Ocó – Homem.

Olofom – Mal cheiro.

Ojo – Olhar.

Otim – Bebida.

Oxanan – Cigarro.

P

Pegação – Sexo sem compromisso, anônimo e geralmente em grande quantidade.

Pajubá – Dicionário GLS.

PAM – Sigla para Passiva Até a Morte.

Pasdeux – cocaína (também encontrada como **padê**).

Pencas – Em grande quantidade, muito.

Penosa – Pessoa que não trabalha, dura.

Picumã – Cabelo

* Jogar o picumã – Jogar o cabelo com a intenção de ignorar alguém

Picumã do equê – Peruca.

Pirelli – Enchimento feito de espuma que drags ou transformistas usam para dar formas femininas ao corpo.

Parô tudo – Expressão de admiração sobre algo que seja bonito ou um ato corajoso.

Paulo Otávio – Cocaína

Pintosa(ou **Mancha**) – Homem homossexual bem feminino.

PocPoc – Gays novinhos e bem femininos.

* O ‘pocpoc’ é uma referência ao barulho que os saltos dos sapatos fazem na pista.

Podre – Usada para definir uma pessoa, um fato ou local ruim.

Q

Quá-quá – Bicha mulher

Querida – Usado para designar pessoas que gosta ou, como forma de deboche.

Queijinho – Sujeira encontrada em órgão sexual, de cor esbranquiçada.

R

Racha – órgão genital feminino

Ratoburguer – Mau hálito.

Recalque – Desrespeito, inveja, cobiça.

*Normalmente é usado: “puro recalque”, “recalcada”

S

Se joga! (ou **Se joga, pintosa!**) – expressão de estímulo, o mesmo que “Vá em frente”, faça sem pensar duas vezes.

Suzi – Homem homossexual malhado, afeminado e já com mais de 40, anterior à Barbie

T

Tata – Homossexual masculino muito afeminado.

Tôloka – Expressão de raiva, também usada para indicar que a pessoa está sob o efeito de drogas ou álcool. Pode também ter sentido jocoso.

Taba – Maconha.

Tá meu bem! (**Tá querida!**) – Expressão de admiração (o mesmo que **Arrasou**)

Travlon – Travesti (outras formas: **trava** e **traveca**)

Tô passada – Expressão de espanto e também de admiração (pela norma culta: Tô Pretérita)

Tô bege – O mesmo que **Tô passada!**

U

Uó – Alguma coisa ruim. Um luxo – Algo bonito, interessante...

Uzê – Ruim, pior que uó.

X

Xoxar – Debochar, zuar.

Z

Zalene – estar excitado.